Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23362 DIRECTOR ANTÓNIO RUELLA RAMOS QUINTA-FEIRA 8 NOVEMBRO 90 70$00

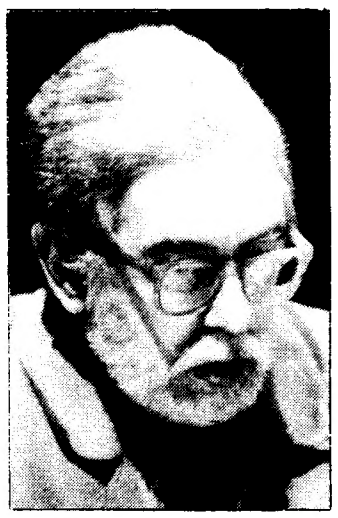
12 mil processos esperam julgamento na Boa Hora

Novo presidente do Supremo traça quadro negro da Justiça portuguesa

O juiz-conselheiro Abel Pereira Delgado, ontem eleito para a presidência do Supremo Tribunal de Justiça, em concorrência directa com o antigo ministro da Justiça Menéres Pimentel, manifestou-se seriamente preocupado com a enorme quantidade de processos que aguardam vez nos tribunais. Ele mesmo garantiu ser urgente tomar medidas para romper a ameaça de estrangulamento que paira sobre a máquina judicial: para já, encara a possibilidade de propor a constituição de dois tribunais liquidatários para desobstruirem o trânsito processual na Boa Hora, onde há doze mil processos para julgar. Natural do Fundão, casado, pai de dois filhos, o novo presidente do Supremo tirou o curso de direito como trabalhador-estudante. É autor de várias obras marcantes de jurisprudência. **Pág. 5**

Morreu Lawrence Durrell

O escritor britânico Lawrence Durrell, conhecido, sobretudo, pelos quatro romances de «O Quarteto de Alexandria», obra máxima divulgada em todo o mundo, morreu, ontem, aos 78 anos, em Nîmes, França. Ex-diplomata, considerou-se sempre um «desenraizado». **Pág. 18**



Ramos Rosa em auto-retrato **Pág. 28**

Maria Emília Prazeres

O melhor jazz do ano Com apenas 20 anos de idade, o trompetista Roy Hargrove confirmou ontem à noite, no palco do S. Luís, as excepcionais qualidades com que vinha rotulado. No concerto apresentado pelo Quinteto de Roy Hargrove lá esteve o brilho, a poesia, a agressividade, a improvisação, o sentido melódico notável e a técnica perfeita. E refira-se ainda, porque é de toda a justiça, que os outros quatro músicos foram bem dignos do titular. Foi do melhor jazz ouvido este ano em Portugal. **Pág. 20**

Golfo: vozes de guerra sobem de tom

Os Estados Unidos decidiram aumentar o seu contigente militar com mais 40 mil soldados e 600 tanques «M-1A1». Depois das múltiplas tentativas para encontrar uma solução diplomática, os EUA e a primeira-ministra britânica, Margaret Thatcher, começam a dar mostras de impaciência e preparam o terreno para o conflito. Entretanto, Hussein aguarda. **Pág. 7**

Contra aumentos inferiores a 13,5%

Professores e quadros técnicos decididos a entrar em greve

Anunciada paralisação a nível nacional no próximo dia 20

Negada à Função Pública a tabela prevista no acordo social

As escolas e demais sectores da administração pública, central e local, vão paralisar no próximo dia 20, em consequência da greve já agendada para aquela data pelos principais sindicatos representativos dos professores, funcionários administrativos e quadros técnicos do Estado. Em causa está a «inaceitabilidade» e a «discriminação» de que estes profissionais se sentem alvo ao não lhes ser aplicado o aumento salarial de 13,5 por cento acordados entre sindicatos e Governo, em sede da concertação social. Recorde-se que, para os «seus» trabalhadores, o Governo propõe um aumento de apenas 11,5 por cento. **Pág. 12**

Padre Melícias propõe Código Europeu de Mutualidade

Pág. 10

De Gaulle vinte anos depois

Págs. 2 e 3

Rajiv Ghandi convidado a formar governo

Pág. 7

Hoje: Suplemento Literário

Porto e Sporting continuam na Europa

Enquanto o Sporting geriu mal os recursos levados de Lisboa, deixando-se bater pelo Timisoara, o Porto «brindou» o Dínamo por 4-0. Pelo que fizeram em Alvalade os «leões» prosseguem na Taça UEFA; pelo que realizaram ontem, os «dragões» mantêm-se na Taça dos Campeões. Menos sorte teve o Estrela que foi arredado da Taça das Taças.

Reportagem nas págs. 14, 15 e 16 com o patrocínio de

CLINFOR, LD.ª

PORTE PAGO

Amanhã faz vinte anos que morreu um dos maiores estadistas do século XX. Charles de Gaulle confundiu o seu destino com o da França, a sua maior paixão. Nem por isso deixou de se bater por um mundo solidário, composto por nações livres. As suas teses são hoje actuais

O homem do 18 de Junho

O «homem do 18 de Junho» de 1940 é hoje uma lenda para o mundo contemporâneo. O seu destino confundiu-se com o da França, por quem se bateu até ao último minuto. Falamos do general Charles de Gaulle. Viveu numa época de conflito intenso, bateu-se sem tréguas pelos seus ideais. Liberdade, democracia e nacionalismo pautaram o seu pensamento político e a sua conduta como presidente dos franceses. Acusado de «autoritário» e de «ditador», nem nem por isso perdeu o comboio da vida e a velocidade do mundo.

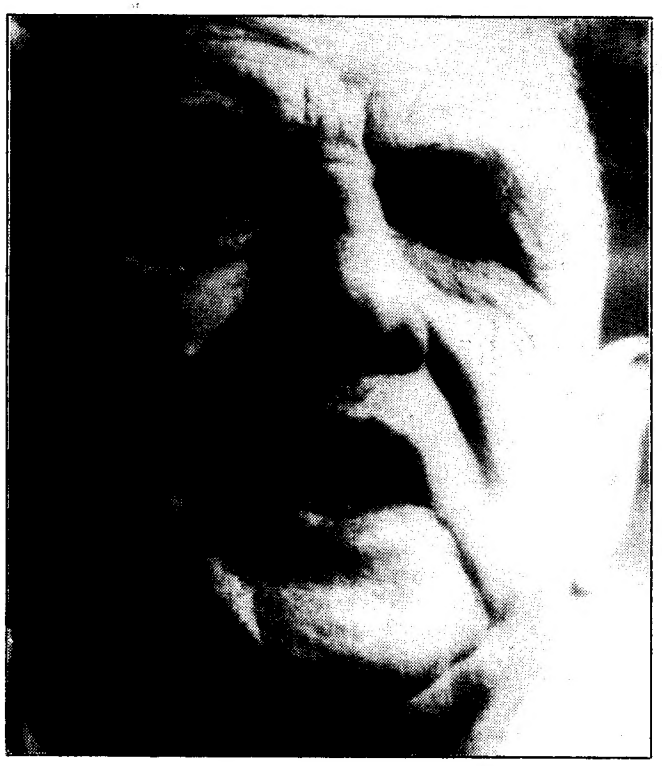
Com voz firme, aos microfones da BBC, no dia 18 de Junho de 1940, proferiu as palavras que o fizeram entrar definitivamente para a História: «Eu general De Gaulle, convido os oficiais e soldados ...». Lançava o «Apelo aos franceses». Pedia-lhes para não aceitarem o jugo alemão, recusava a derrota e acusava o presidente Pétain de «traição».

Aquelas palavras acabaram por se virar contra si próprio. Evocando mais tarde este episódio histórico, o general escrevia: «À medida em que as palavras irrevogáveis eram transmitidas, sentia terminar em mim uma vida. Aos 49 anos entrava para a aventura...» Uma aventura arriscada esta, que conduziu à condenação à morte pronunciada, alguns dias mais tarde, pelo Governo de Pétain, contra o «general traidor».

Ignorou a pena. Organizou, sem meios e sem apoios, a resistência francesa em Londres. Soube esperar o tempo suficiente para que a Cruz de Lorena, emblema da França livre, volta-se a ser asteada.

Em Junho de 1944, assume finalmente a chefia do Governo da República. Restabelece as liberdades sindicais, dá o direito de voto às mulheres, reorganiza a Previdência Social, institui os comités de empresas e nacionaliza as minas de carvão do Norte, os transportes aéreos, o Banco da França e os grandes bancos de depósitos. Em 18 meses conduziu a França a reassumir o seu lugar entre os grandes.

Só que, em Janeiro de 1946, o general De Gaulle deixa o poder batendo a porta. Aproveita 12 anos de afastamento do poder para reflectir sobre os problemas do mundo.



«Descansem que não deixarei de morrer, qualquer dia»

É a época da guerra fria entre o Leste o Oeste, da Assinatura do Pacto do Atlântico, dos intrincados processos das democracias-populares. A Coreia do Norte desafia o Ocidente lançando-se rumo ao Sul. As forças francesas são esmagadas no Vietname.

De Gaulle vê um futuro sombrio. Teme um golpe dos comunistas, desconfia do imperialismo norte-americano. Visita o país de lés-a-lés e inicia um périplo pelo continente africano. Entretanto, a Argélia em luta quase leva a França à guerra civil. Em Maio de 1958 é decretado o estado de emergência. O presidente René Coty apela aos «mais ilustre dos franceses». O general vai, pela segunda vez, impedir o país de cair no abismo.

Marco importante na história francesa, Setembro de 1958 traz com ele uma nova Constituição. Nascia a Quinta República - «a República Gaullista» - obra de um conjunto de homens, mas que levava a marca profunda do pensamento político de Charles de Gaulle. Neste, o general pretendia restaurar a autoridade do Estado e fazia do seu cargo «um árbitro acima dos poderes e do conflito dos poderes, mas sempre guiado pela preocupação de nunca faltar ao espírito republicano». O novo Texto Fundamental conferia-lhe também o direito de utilizar o referendo e restituía ao Senado o seu papel de prestígio.

O texto constitucional foi apresentado ao país no dia 4 de Setembro, na Praça da República, em Paris. Em torno da Marianne de bronze que se ergue neste local simbólico, desenrolou-se a cerimónia encenada por André Malraux, o poeta do Gaullismo.

Nacionalismo: a França entre os primeiros

A independência nacional foi para Charles De Gaulle uma questão de princípio, inalienável. Dedicou, por isso, toda a sua vida, a preservar o destino nacional, o que muitas vezes lhe valeu o título de «ditador». «Mas a independência nacional não é gratuita» - prevenia o general - «tem que ser conquistada». Criou os mecanismos de ordem política, económica e militar para atingir o seu objectivo.

A nova constituição foi a ferramenta política. A nível económico De Gaulle lutou por fornecer ao país uma economia poderosa: «Plano Rueff», criação de um franco forte, restabelecimento dos grandes equilíbrios, batalha contra a hegemonia do dólar. Por fim, a nível militar, condenando a integração da França na OTAN, o general dotou o país de forças nucleares independentes.

Nacionalista convicto nunca deixou de acreditar que «a independência nacional é para todos os povos». Já em Yalta ele rejeitava a partilha do mundo em dois blocos. Uma terceira força existia: a Europa. Uma Europa como um todo, «do Atlântico ao Urales». Basta olhar para o mundo actual, para as transformações no Leste e para o próprio tecido europeu para ver a actualidade das suas teses.

De Gaulle não defendia, contudo, a dissolução da França num organismo supranacional, como desejavam os fundadores da Comunidade Europeia, Robert Shumman e Jean Monnet. A integração no seio do Mercado Comum seria económica e não política. A pedra angular dessa Europa era para ele a reconciliação franco-alemã. Objectivo ao qual De Gaulle se consagrou, travando laços de amizade com o chanceler Adenauer. Por certo, o general gostaria de ter vivido a queda do Muro de Berlim e a reunificação alemã...

Numa conferência de imprensa, afirmava De Gaulle, em 16 de Janeiro de 1963: «...a cooperação entre a Alemanha e a França era não só uma necessidade absoluta de vida e do desenvolvimento moderno dos dois países, mas também ela constituía a condição e o próprio fundamento da construção da Europa. Enfim, ela é, no momento actual, o elemento primordial da segurança do nosso continente e talvez, no futuro, o do equilíbrio e da paz entre as nações que o povoam de Este a Oeste.»

A sua luta pela liberdade das nações levou-o mesmo a situações caricatas. Em Julho de 1967, de um balcão de Montreal, onde era recebido oficialmente, lançou o estrondoso grito «Viva o Quebec livre!, desencadeando reacções apaixonadas. Alguns pensaram tratar-se de uma gafe diplomática injuriosa para o Governo de Otawa e para a Coroa Britânica. O facto é que a sua «explosão» inseria-se numa linha de pensamento firme: todos os povos tinham o direito de se autogovernarem.

E foi isso mesmo que o levou à descolonização da Argélia. Apesar da sua formação se situar entre os que se entusiasmavam pela obra colonizadora, rapidamente

«De Gaulle? Um elefante!»

«De Gaulle? Um elefante», dizia André Malraux e acrescentava «Tem memória e, quando fica ferido, uma energia feroz». A lenda do «general destino», como Churchill lhe chamou, prevaleceu nas palavras e nos muitos tratados sobre ele escritos. Ou se gostava ou se detestava. Indiferentes poucos ficavam perante o homem político, sólido nas ideias, permeável às transformações do mundo.

A figura imponente, a voz forte e o bigode que o acompanhou ao longo da vida caracterizaram exteriormente, este grande senhor distante, exclusivista e autoritário. Nos contactos privados, o general manifestava uma extrema cortesia ou então era especialmente detestável nos seus acessos de humor cortante.

Ele próprio se caracterizou em «Le fil de L'épèe» («O fio da Espada»): «Reserva, carácter, grandeza, essas condições primordiais do prestígio impõem aos que as querem assumir um esforço que desencoraja a maioria (...) Disto resulta um estado de luta íntima (...) que está sempre a ferir a alma, como o silício dilacera a cada passo o penitente.»

A máscara que impôs, dissimulava uma grande sensibilidade - notada por filósofos e escritores como Malraux, Mauriac, Paullan, Jouve e Clavel, entre outros - e era frequente comover-se ao ler um belo texto. Porém, os seus companheiros só uma vez o viram chorar, no enterro da sua filha Anne, uma criança deficiente, que morreu aos doze anos. Ele adorava a pequenita. Consta que para a satisfazer o general aceitava brincar de cavalinho.

De Gaulle apreciava a vida do campo e gostava dos camponeses, sobretudo pelo facto de possuir uma fazenda «secreta» de 26 hectares, situada a 40 quilómetros de Calais, no Norte. À mesa não resistia aos pratos populares franceses: cozido de porco com lentilhas, pés de porco e chouriço que a sua mulher - «Tia Ivone» como a apelidavam carinhosamente os franceses - escolhia nas melhores lojas especializadas. Nos jantares oficiais a sra. De Gaulle conseguiu um truque para não ter que se zangar com o general em público. Quando queria que ele parasse de comer, cruzava os talheres sobre a toalha.

Dormir era outro dos seus prazeres. «O grande Charles», como lhe chamavam os companheiros da Libertação, proibia que o despertassem de noite, fosse qual fosse o pretexto... «excepto no caso de guerra mundial».

O humor do general, corrosivo, mordaz, tornou-se famoso. «Um humor às vezes ácido, sarcástico, áspero. Às vezes simples, engraçado, canalha. Às vezes turculento. Às vezes cor-de-rosa, em semi-tons, ou francamente negro», escreveu o jornalista político Jean Michel Royer no livro «Les Petites malices du Géneral» (As pequenas malícias do General). Enfim, uma das armas mais eficazes para desarmar os amigos e os inimigos.

As Letras eram a paixão da sua vida. Se não tivesse escolhido a carreira de armas e se a extraordinária aventura da sua vida não tivessem feito dele um dos mais importantes estadistas do século XX, Charles De Gaulle teria sido, sem dúvida, escritor. Alimentado por autores clássicos e românticos, apreciava, entre outros, Chateaubriand, Barrés, Péguy e Anatole France.

Já na Escola Superior de Guerra, em 1925, o marechal Pétain faz dele o seu «oficial escritor» e pede-lhe para redigir uma história do soldado francês ao longo dos tempos. Publica então «La France et son armée» («A França e o seu Exército»), em 1938. Antecederam-lhe «Le fil de L'épée («O fio da espada»), em 1932; e «Vers l'armée de métier («A caminho do Exército Profissional»), em 1935.

Em Londres, De Gaulle combateu tanto com a pena, quanto com a espada. Os apelos e discursos pela rádio, as cartas e textos aos Aliados e aos companheiros da França Livre sucederam-se. Calcula-se, nesta mania da precisão matemática, que o general assinou mais de 35 mil cartas em meio século...

No seu refúgio de Colombey-les-Deux Eglises, inicia a redacção das «Memórias da Esperança», onde conta a sua epopeia, o destino da sua França. Nesta obra, o general aprimorou o estilo, regular, clássico, seduzindo os autores da época. François Mauriac ficou fascinado quer pelo personagem histórico quer pelo escritor. André Malraux, outro grande nome da literatura francesa, disse-lhe um dia: «O senhor é Vítor Hugo!».

De Gaulle soube ainda aproveitar com mestria os recursos da comunicação moderna. Apercebendo-se do impacte e importância dos novos mass media, a rádio e a televisão, De Gaulle manteve relações privilegiadas com eles. Em 1958, com mais de dez milhões de receptores de televisão a invadirem os lares franceses, o general dizia: «Graças a esse meio inigualável, estou mais perto da nação (...) Durante a guerra ganhei com o microfone. Agora ganho com a televisão!» Porém, mais uma vez, a maneira audaciosa e forte como manipulava esse novo instrumento de comunicação valeu-lhe as habituais críticas de «autoritário».

Nada melhor para acabar o retrato do «homem do 18 de Junho» do que evocar o seu humor a propósito dos franceses, por quem sempre se bateu: «Como reunir um povo que produz trezentos e sessenta e cinco tipos de queijo?»

P. S.

GRANDE ANGULAR

constatou que a evolução do mundo impunha uma mudança de atitude. A Constituição de 1958 previa que as populações ultramarinas podessem optar entre a Independência e a Associação com a metrópole. Nesse estatuto cada um exerceria o seu próprio governo.

Os dirigentes mundiais hoje admiram as teses gaullistas baseadas na independência, no equilíbrio e no respeito mútuo entre as nações e na sua indispensável cooperação. O presidente Mário Soares será um dos chefes de Estado que prestarão homenagem ao grande general, no dia 22 de Novembro, em Paris, na altura em que se comemoram os 100 anos do seu nascimento.

Paula Sá

A famosa proclamação de De Gaulle aos franceses, conclamando-os a lutar contra o invasor nazi

Pátria e dever

Pátria, religião e dever. Estes valores fortemente cultivados pela família De Gaulle determinaram o percurso do «grande general» como homem e como político. De Gaulle nasce em Lille, em 1890. O pai, professor e homem de letras, zela severamente pela educação do jovem, que desenvolve os estudos sob os cuidados de padres.

Dotado de viva inteligência, apaixona-se pelas Letras e pela História. Mas foi o seu espírito exclusivista e autoritário que o conduziram à vida militar. Diplomado em Saint-Cyr em décimo lugar, entre os 211 alunos, o então alferes é destacado para servir no 33º Regimento de Infantaria, sob o comando de Philippe Pétain. Integrado nessa unidade, vai para a frente de batalha em Agosto de 1914. É ferido três vezes em combate, uma delas em Março de 1916.

De Gaulle, capturado, tenta escapar cinco vezes, só ganhando a liberdade após 32 meses de detenção. Em Agosto de 1919, é designado chefe de batalhão junto ao Exército Polonês, que lutava contra os russos e participa na tomada de Haubieszaw.

Regressa a França, deixando para trás os feitos heróicos, dedicando-se ao ensino da História em Saint-Cyr. Em 1925 passa pela Escola de Guerra, entra para o Estado Maior do marechal Pétain e escreve obras sobre o futuro da profissão das armas. Entretanto, casa-se com uma jovem burguesa do Norte, Yvonne Vendroux, da qual teve três filhos.

A II Guerra Mundial vem apanhá-lo com 49 anos, com um pensamento político delineado e com uma carreira feita. Corre o ano de 1939. Agora coronel, De Gaulle consegue, à frente dos seus tanques, conter o avanço dos alemães em direcção ao Norte de França. Nesta luta deseperada contra os nazis, é nomeado general de brigada e, mais tarde, subsecretário de Estado da Guerra.

As tropas começam a esmorecer. Pétain pede o armistício. Em 1940 a França cede ao inimigo. O general recusa-se a aceitar a derrota. Parte para Londres, isolado na sua obstinação, sem dar tréguas aos opositores.

«La France a perdu une bataille! Mais la France n'a pas perdu la guerre!». A célebre frase de De Gaulle proferida aos microfones da BBC, no seu «Apelo aos Franceses», a 18 de Junho de 1940, ficou para a História. O general ainda teve que esperar bastante tempo para que os seus compatriotas readquirissem a «dignidade perdida» e se batessem por uma «França livre».

À custa de épicas disputas com o primeiro-ministro britânico, Winston Churchill, - que o tinha em grande estima e via nele «um homem de destino», ao contrário do presidente Roosevelt, que o entendia como um «ditador» - De Gaulle conseguiu ligar a Grã-Bretanha à sua causa e acabou por restituir à França, o estatuto de grande potência. Em 1944, assume a chefia do Governo da República.

Em quesília com os partidos políticos franceses, num domingo de Janeiro de 1946, 18 meses depois, De Gaulle abandona o poder. «O regime dos partidos ressurgiu. Eu reprovo-o. Cabe-me então partir». Poucas palavras que diziam tudo aos seus ministros ainda estupefactos com a atitude do general.

A «travessia do deserto» começa em 46 e prolonga-se até 1958. Na sua propriedade em Colombey-les-Deux-Eglises redige as «Memórias da Esperança» e anima o Rassemblement du Pleupe Français (RPR - União do Povo Francês).

Seria a insustentável situação da Argélia, onde o espectro da guerra civil pairava, que levou os franceses a apelar ao General De Gaulle. Eleito Presidente da República, dedica-se à renovação da França, à afirmação da sua independência e da sua expansão pelo mundo, à descolonização, à construção da Europa e à reconciliação com a Alemanha.

Por referendo, em Setembro de 1958, a França adopta uma nova Constituição, marca profunda do pensamento político de Charles De Gaulle. A Quinta República seria a República do Gaullismo.

Foram os estudantes, na revolta de 68, que conduziram a uma crise nacional, os primeiros a apanhar o general de surpresa. Balançou, apesar de ter conseguido superar a crise. Os seus aliados obtiveram uma ampla maioria nas eleições que seguiram. Defensor da regionalização, em Abril de 1969, decide que uma reforma a este nível seja aprovada por plebiscito. E faz saber que a continuação do seu mandato dependeria do resultado da votação. Os franceses foram cruéis para com o general: 52,41 por cento responderam «Não».

De Gaulle, amargurado , desencantado face ao magro reconhecimento dos compatriotas, retira-se definitivamente para Colombey. Uma noite de Novembro de 1970, morre vítima de um aneurisma. «De Gaulle morreu como desejava: de pé e a trabalhar», declarou na altura o seu genro, general Alain de Boissien.

No dia seguinte ao seu falecimento, um desenho na imprensa resumiu, melhor do que as palavras de um discurso, a tristeza da nação francesa: Marriane (símbolo da República) chorava sentada no tronco de um grande carvalho abatido...

P. S.

COMENTÁRIO

«Une certaine idée...»

A França teve, no pós-guerra, dois grandes homens. Um foi Pierre Mendès-France, que pôs termo ao conflito da Indochina e abriu à Tunísia a via da independência. O outro chegou ao Poder através, pode dizer-se, de um golpe militar, contra a Esquerda e «traiu» a extrema-direita, abandonando a Argélia. De conservadores era composto o seu círculo, sobre o qual reinava autoritariamente, colericamente, arrogantemente.

Mas francesmente.

Era Charles de Gaulle.

Há uma França antes e depois de De Gaulle, seja qual for o juízo acerca do seu governo. Sobretudo, independente desse juízo há um consenso acerca do general que os franceses acalentam, bem expresso no desenho, publicado quando da sua morte, que representa o símbolo da República chorando sobre um carvalho abatido: De Gaulle amou a França pelo menos tanto quanto os que mais a têm amado, por vezes de forma brutal. Sonhou para ela a grandeza e a independência. Exacerbou neste fito o fundo nacionalista da sua formação, mas nem os mais acérrimos dos seus adversários — homens de diálogo, paisanos, inimigos do despotismo iluminado à século XX — escondiam a admiração pelo homem que condenava a intervenção norte-americana no Vietname, que recusava o comando unificado da NATO, que tomava distâncias em relação a Israel, que ao domínio do dólar e da libra contrapunha o regresso ao padrão-ouro, que no Canadá gritou «Viva o Quebeque livre!», que defendeu a Europa do Atlântico aos Urales, que lutou pelo «direito e dever de as potências ocidentais europeias terem a sua própria defesa», que reconheceu Pequim, que se bateu pelo crescente prestígio e difusão da língua francesa.

A França confundiu-se com ele, neste século, em decisivos momentos históricos. «Por ser absoluamente imperativo que um grande povo disponha livremente de si próprio»

Que fez depender a sua permanência no Poder de um voto favorável dos seus concidadãos a um projecto de regionalização — batalha insólita travada por um homem que representava a melhor tradição centralista de França napoleónica.

Tudo se integrava numa «certaine idée de la France» que se pode definir muito simplesmente em duas palavras: grandeza e independência. Mais do que pela sua *ostpolitik*, pela sua percepção do devir histórico, pelo seu conservantismo, pelo seu nacionalismo aristocrático, os franceses recordam-no como francês de coerência e coragem, desde os tempos em que os conclamou a dar luta de morte à besta nazi. A França confundiu-se com ele, neste século, em decisivos momentos históricos. «Por ser absolutamente imperativo que um grande povo disponha livremente de si próprio».

João Paulo de Oliveira

A entrevista de Mário Soares às três jornalistas despedidas da televisão inaugurou o Espaço/Tivoli, que funcionará durante a campanha como centro de debates e convívio

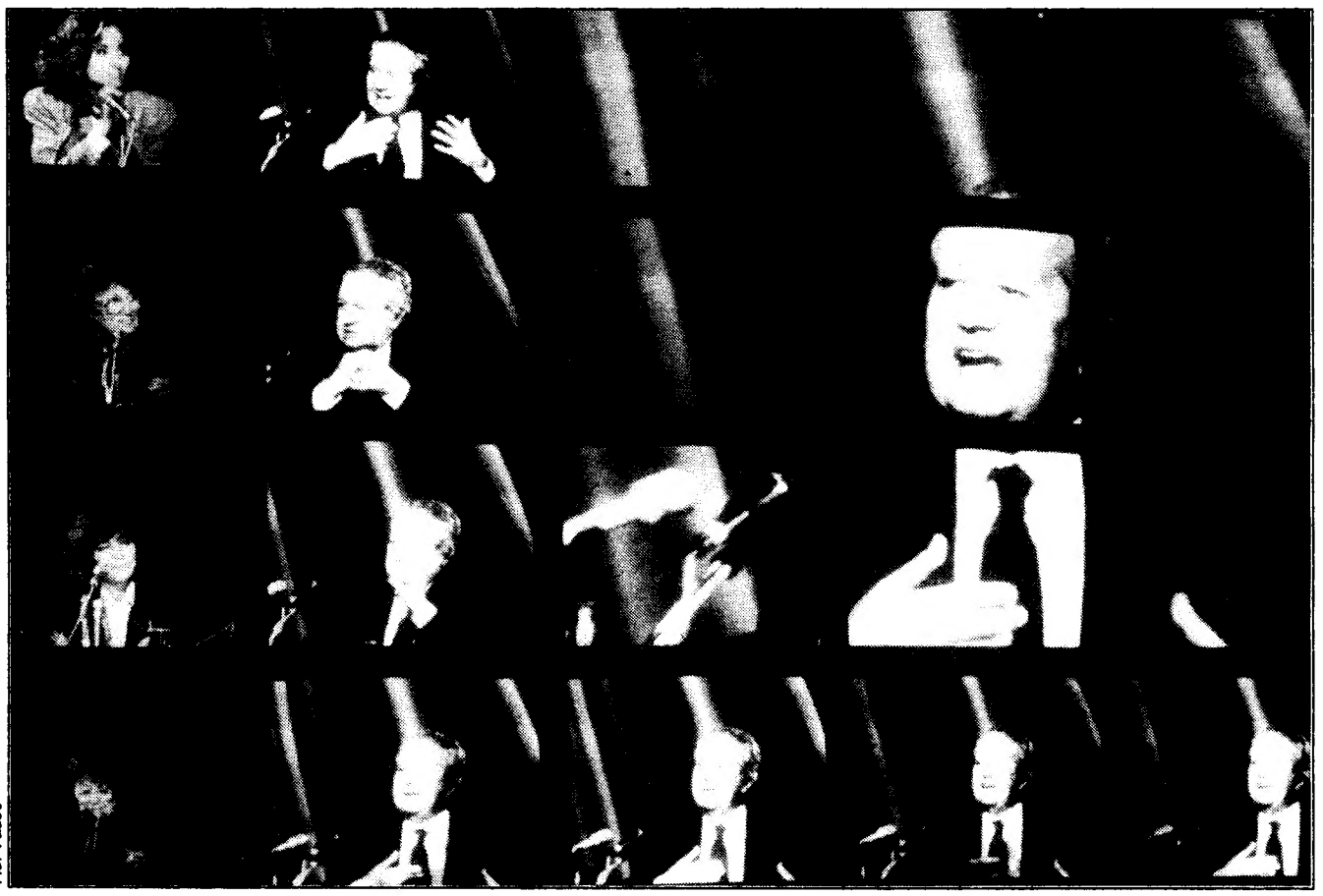
O show da política

Misto de acontecimento político e social, a inauguração do espaço MASP/Tivoli, levou ontem à noite àquela histórica sala de espectáculos, agora desactivada como tal, uma audiência numerosa e variada. O «foyer» do velho cinema da Avenida da Liberdade viveu a agitação dos seus melhores tempos. Música suave a cargo de um pianista recriava o ambiente próprio de café-concerto. Para além da colocação de mesas e cadeiras, e de quase imperceptíveis detalhes na decoração, nada foi alterado. Mas bastou para criar a atmosfera que o MASP idealizou para aquele espaço, destinado a debates, actividades culturais e convívio.

Do jet set político a figuras destacadas do mundo empresarial, da cultura e da arte, foram imensos os que se interessaram pelo primeiro grande show da campanha de Mário Soares: uma entrevista conduzida pelas três jornalistas despedidas da RTP - Maria Elisa, Maria Antónia Palla e Margarida Marante.

Muitos foram, especialmente, para serem vistos; mas quer para eles quer para os que efectivamente se interessavam por ouvir o candidato, a entrevista constituiu a essência do acontecimento. E quando se esperava que tudo não fosse além de uma imaginativa acção de campanha, a capacidade das entrevistadoras, e a dimensão do entrevistado, transformaram a entrevista num verdadeiro espectáculo de informação que prendeu a audiência durante mais de duas horas.

As três entrevistadoras não se encontraram previamente com Mário Soares. Com algum atraso na chegada, o candidato tomou o seu lugar. Uma postura formal de parte a parte gerou desde logo o ambiente de distanciamento mútuo que se tornaria num dos motivos de enriquecimento da entrevista.



Rui Vasco

Durante mais de duas horas, Soares foi submetido a um conjunto de perguntas que contemplavam praticamente tudo quanto tem constituído o seu percurso político, a sua acção como primeiro-ministro, como Presidente da República e como candidato, bem como as críticas, passadas e recentes dos seus adversários.

Foi um fogo cerrado e implacável sobre um entrevistado que se desdobrava no político, no candidato e no Presidente em exercício, sem nunca deixar que se confundissem as situações.

Quando o cerco se tornava mais apertado, sobrepunha-se o político. Argumentos ideológicos, históricos, políticos, doutrinários, tornaram sempre inexpugnável a sua fortaleza.

Quem mudou? «Eu não fui»

Muitas perguntas incidiram sobre temas já conhecidos e tiveram as respostas já conhecidas, mas houve também questões novas e subtis ironias a exigirem leituras proprias como por exemplo, quando lhe observaram que há cinco anos tinha Cavaco Silva contra e hoje o tem a favor. Quem mudou?

«Naturalmente que não fui eu». Uma curta resposta a deixar campo a um mundo de leituras, sem no entanto sugerir nenhuma.

O tema «socialista, republicano e laico», com que se apresentou ao eleitorado foi de novo explorado, mas Soares precisou que isso era o seu «bilhete de identidade» e não a candidatura que se afirmava como tal. Refutou também que fizesse apelos contraditórios.

«Não faço apelos nem a empresários, nem a operários, nem à esquerda, e muito menos à direita. Dirijo-me aos portugueses».

Questionado sobre o facto de o Partido Socialista, que em 1974 dirigia, se apresentar como partido marxista, Soares recordou nunca ter dito que o PS era marxista, mas sim que «tinha inspiração marxista» colhida nas três grandes correntes que desembocaram na formação do PS.

«Os que vinham do PC, porque era na altura mais eficaz na luta contra o nazi-fascismo - eu próprio - e com ele tinham entrado em choque, os republicanos que tinham evoluído para o socialismo democrático, e a corrente do cristianismo e catolicismo social que por impulso da crença chegou também ao socialismo democrático».

Soares usou de novo a ironia quando lhe perguntaram as mudanças que tinha de facto protagonizado em Portugal. «Introduzi na sociedade portuguesa uma distensão que não existia. Às vezes parece que estou a ouvir-me em eco e até aparecem pessoas a dizerem aquilo que eu já disse há muito».

Assembleia da República não será dissolvida

O candidato do MASP afirmou que, caso seja eleito, tudo fará para que a Assembleia da República chegue ao final do seu mandato e refutou qualquer eventualidade de Governos de inspiração presidencial, face à hipotética ausência de maiorias após as legislativas.

«Os partidos vão ter que se entender: caso contrário, terá que haver novas eleições».

Negou também qualquer preferência por um Governo fraco.

«Isso são especulações de pessoas que se põem a pensar pela minha cabeça», sublinhou, acrescentando que as suas relações serão as mesmas com Governos maioritários ou minoritários.

Já na parte final da entrevista foi-lhe perguntado se não pensava ter prestado melhores serviços como Presidente da República do que como primeiro-ministro.

Após uma ligeira evasiva, Soares considerou que fora um bom primeiro-ministro «por mais que isso possa parecer vaidade ou até injusto».

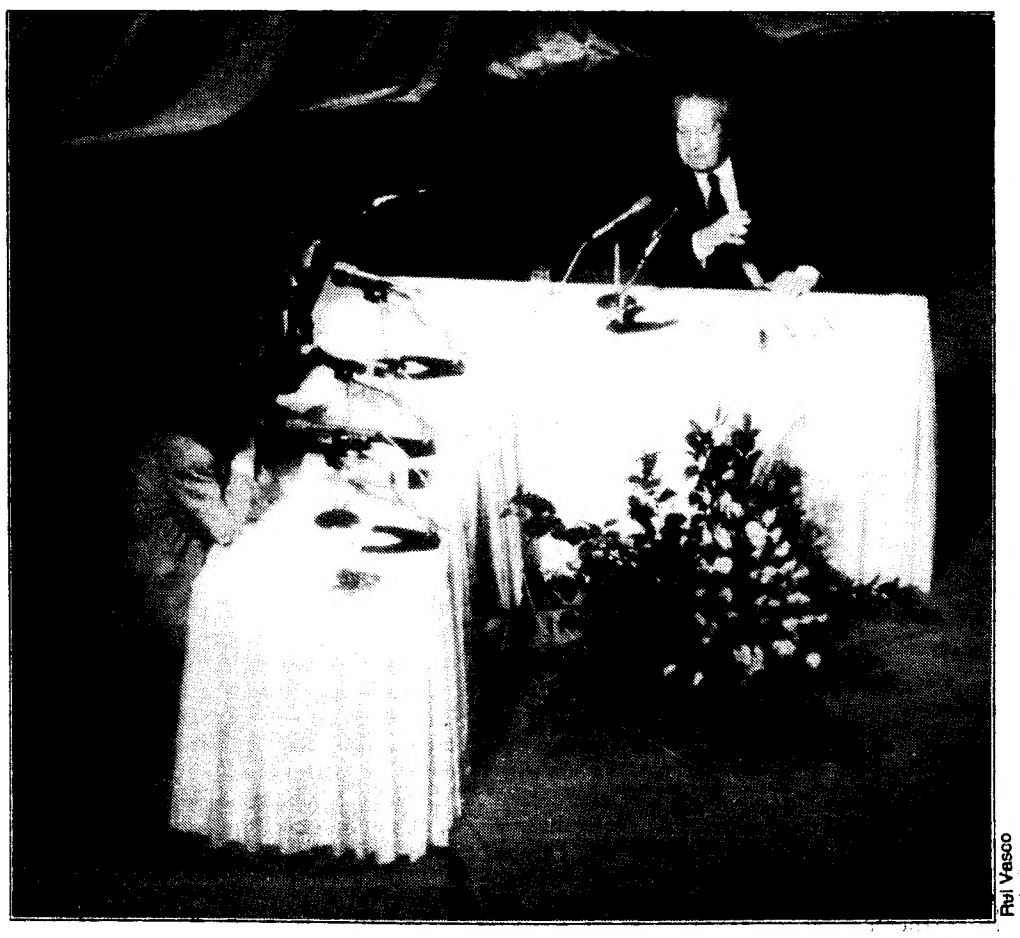
«Dadas as circuntâncias que encontrei e as condições em que deixei depois o Governo, considero que fiz um bom trabalho: encontrei por duas vezes o País à beira da banca rota e quando saí as coisas estavam equilibradas».

Por último surgiu-lhe uma pergunta inesperada: classificar Cavaco Silva e Sá Carneiro em breves palavras. Soares não hesitou.

Cavaco Silva: «Dá-me uma ideia de competência, correcção e desejo de acertar em muitas coisas».

Sá Carneiro: «Coragem, dignidade, aposta em grandes desafios».

Augusto Vilela



Rui Vasco

Devido ao caso Costa Freire

Prisão preventiva em causa

O deputado Almeida Santos, do Partido Socialista, foi encarregado pela Comissão de Direitos, Liberdades e Garantias de elaborar o parecer sobre a petição de Costa Freire, ontem objecto de debate na Comissão. Segundo informações saidas da reunião, gerou-se consenso sobre a inconveniência da intromissão parlamentar no processo judicial a que o antigo secretário de Estado da Saúde está sujeito, mas também se concluiu que a Assembleia, face à petição apresentada, não pode ficar de braços cruzados.

A evolução do caso, em função do parecer que Almeida Santos está a preparar, deve apontar para eventuais alterações aos dispositivos legais sobre a prisão preventiva. Nomeadamente, está em causa a aplicação do art. 28º da Constituição e segundo o qual ninguém pode estar em regime de prisão preventiva sem ser ouvido num prazo de 48 horas.

POLÍTICA

O juiz-conselheiro Abel Pereira Delgado, ontem eleito para a presidência do Supremo Tribunal de Justiça, manifestou-se seriamente preocupado com a enorme quantidade de processos que aguardam vez nos tribunais. Ele mesmo encara a possibilidade de propor a constituição imediata de dois tribunais liquidatários para desobstruirem o saturado trânsito processual na Boa Hora

Doze mil processos à espera só no tribunal da Boa Hora

Rui Pacheco

Abel Delgado: «Aqui não há só conservadores»

Doze mil processos amontoam-se nos vários juízos da Boa Hora «à espera de melhores dias», disse o novo presidente do Supremo Tribunal de Justiça ao «DL». O conselheiro Abel Pereira Delgado, ontem eleito à segunda volta com 28 votos em 44 possíveis, para o quarto cargo mais importante da hierarquia do Estado, destacou o grande aumento de processos, nos últimos anos, como razão das mais decisivas para o estrangulamento que ameaça o aparelho judicial.

Ouvido após o acto eleitoral, em que venceu a concorrência de Menéres Pimentel (14 votos), antigo ministro da Justiça, o novo presidente do STJ afirmou ser «completamente impossível dar conta do recado nestas circunstâncias», isto é, resolver os atrasos na administração da justiça sem medidas de fundo. «Atrasos há-os em todos os países», admitiu Abel Delgado, reconhecendo, embora, que os responsáveis pela Justiça não podem encarar de ânimo leve a saturação do aparelho. Ele mesmo revelou ontem que ainda no exercício das suas anteriores funções - vice-presidente do Conselho Superior da Magistratura- nomeara uma comissão de três juízes (um de cada instância-primeira, Relação e Supremo) para proporem medidas que contribuam para a reestruturação do sector. O Conselho Superior da Magistratura é o órgão competente para zelar pela boa administração da justiça.

Rui Pacheco

Depois da eleição, as felicitações de Alberto Ferreira da Silva

A possibilidade de criar dois tribunais liquidatários, para recuperar o atraso dos doze mil processos para apreciar, foi entretanto colocada pelo novo presidente do Supremo. Abel Delgado garantiu que não são só os juízes do tribunal de última instância que não dispõem de condições de trabalho. «Sucede o mesmo com os de outros tribunais», disse. No entanto, quer o actual ministro da Justiça (Laborinho Lúcio) quer o anterior (Fernando Nogueira) impecáveis para com o Conselho Superior de Magistratura», reconheceu. Abel Delgado sucede na presidência do STJ ao conselheiro Vítor Coelho, que se aposentou por ter atingido o limite de idade.

O novo presidente do Supremo destacou, ainda, o facto de haver «um número incalculável» de juízes auxiliares «que já deviam pertencer aos quadros». E se, como lhe dizia ainda há dias um responsável, «os quadros estão preenchidos», a opinião do juiz- conselheiro Abel Pereira Delgado é que eles são pequenos e por isso têm de ser aumentados.

Júlio Rodrigues

Mais votado na primeira volta

A vitória do novo presidente do Supremo começou a desenhar-se já na primeira volta, ao alcançar 16 votos, mais três que o seu principal concorrente, Meneres Pimental. Outro dos candidatos apontado em alguns círculo como elemento a ter em conta, Manso Preto, somou doze votos. Tornou-se necessário recorrer a nova votação, visto nenhum deles ter alcançado a maioria absoluta, exactamente 23 votos. Solano Viana vai continuar como vice-presidente até à aposentação, subindo o juiz-conselheiro Ferreira da Silva de adjunto a vice-presidente do Conselho Superior da Magistratura. O presidente do Supremo é, por inerência, presidente do CSM.

Abel Pereira Delgado é natural do Fundão, tem 68 anos e dois filhos, tendo-se licenciado em direito, com boa nota, como trabalhador-estudante. Entre as obras que publicou destacam-se a «Lei do Divórcio» e a «Lei da Família». É autor de uma decisão importante sobre transexualidade que faz doutrina na jurisprudência portuguesa.

Abel Delgado, novo presidente, ao «DL»

No Supremo não há só conservadores

O novo presidente do Supremo Tribunal de Justiça assume-se como um homem de esquerda. «Se outro mérito este acto não tivesse, pelo menos demonstraria aos portugueses que no Supremo não há só conservadores, o que é bom sinal», afirmou Abel Pereira Delgado ao«DL».

Quanto às posições profissionais do sucessor de Vítor Coelho na presidência do STJ, nomeadamente sobre a classe e o seu papel na administração da justiça, Abel Delgado defende que «a última palavra cabe aos juízes», desvalorizando, assim, o relevo que o Ministério Público adquiriu nos últimos meses, junto da opinião pública.

«Está cada um no seu lugar e todos a cumprirem o seu dever. Os juízes precisam do Ministério Público, dos advogados e dos funcionários, mas somos nós, juízes, quem dita a sentença: obviamente que não o podemos fazer sem a colaboração de todos», afirmou.

No colégio eleitoral de 44 juizes-conselheiros, Abel Delgado apresentou-se em sexto lugar quanto a antiguidade no Supremo, numa lista encabeçada por Solano Viana, vice-presidente do STJ. Mais antigos que o novo presidente são também Mário Brito, Manso Preto, Menéres Pimentel e Maia Gonçalves.

«A Constituição é o nosso lema»

Poderá o poder político ou económico influenciar um juiz ?-perguntámos-lhe, depois da eleição.

«Não há ninguém que não seja influenciável, seja nos seus princípios filosóficos, seja nos religiosos ou políticos», respondeu Abel Delgado. «O que não podemos é deixar de obedecer à nossa Constituição e ter sempre presente os direitos fundamentais do homem».

«A constituição é o nosso lema», acrescentou, reconhecendo também que os juízes são falíveis, como todos nós. «Os erros judiciários existem», disse ao «DL» este beirão do interior que fez toda a sua carreira na magistratura judicial, dos tribunais de primeira instância ao Supremo.

Defensor da distribuição limitada de processos a cada juíz, Abel Pereira Delgado garantiu, desde já, que irá lutar «pelo prestígio da classe». Contingentação e obras são duas das suas preocupações, a que junta uma terceira: a do Supremo não ter sequer uma biblioteca.

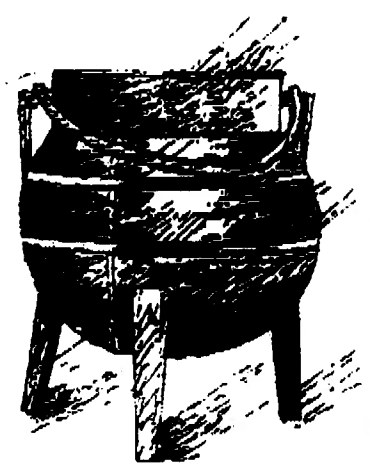
J. R.

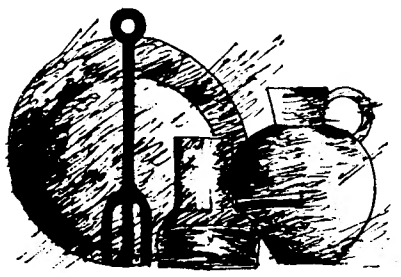
Hotel do Guincho
★★★★★

QUINZENA GASTRONÓMICA DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

7 a 18 Novembro / 90

Todos os dias, aos almoços e jantares, receitas regionais como Bacalhau à Transmontana, Bacalhau à Espadeiro, Trutas à Moda de Boticas, Joelho da Porca, Tripas aos Molhos, Arroz de Feijoca com Cabeça de Porco, Posta de Miranda, Alheiras e os deliciosos enchidos, sobremesas e os famosos vinhos da região.





AGUARDAMOS A SUA VISITA

Colaboração do
Restaurante Espadeiro
de Vila Real

Reservas: HOTEL DO GUINCHO

Tel.: 285 04 91 • Fax 285 04 31 • Telex: 43 138

esteira

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director
António Ruella Ramos

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)
Mário Mesquita (1989/1990)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
Daniel Reis e Rodrigues da Silva
Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
Adelino Cardoso, José Luís Feronha e Neves de Sousa

Redacção e reportagem fotográfica:
Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Céu Neves, Dina Soares, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, Jorge Ferreira, Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Marina Tavares Dias, Pedro Alvim, Rodrigues Borges, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos e Óscar Figueiredo

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria da Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.
Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP

- Telefax 3467134. **Impresso na Renascença Gráfica, SA** - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.

Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Delegação Norte: Rua Monte dos Pipos, 326 - Custóias - 4450 Matosinhos - Telef. 9531566 Fax 9531023

Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 70$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

ENTRETÉNS DE ARQUITECTURA

DO PATRIMÓNIO NA AVENIDA

Para rematar aqui o assunto património já anteriormente abordado, importa ainda estabelecer algumas precisões. Ao contrário de correntes definições, até de organismos internacionais representativos, o património não se constitui como herança cultural que nos caiba apenas não estragar e passar por nossa vez aos vindouros, mas sim como construção crítica que nos corresponde e, por isso, nos compromete.

Sempre e em cada época, já que cada uma define e se define naquilo que considera constituir o *seu* património.

Por isso mesmo, o património não se instaura intocável como do domínio do sagrado; a sua gestão — e porque precisamente de gestão se trata — corresponde sempre a ponderadas avaliações, num sistema de custos-benefícios em termos culturais. Salvaguardar o *quê* e o *como*, ou o *trocar porquê*, é uma decisão que nos situa cultural e profissionalmente.

Assim, no caso concreto da Avenida, revela-se culturalmente tão demissionário e incrítico defender que tudo é para destruir, como defender que tudo é para manter, (ambas as atitudes vieram recentemente a público) até porque alguns valores de património estabelecem entre si sistemas de competição e conflito, sobre os quais há necessariamente que decidir.

De resto, é sempre este o erro de atitudes globais e de princípio face ao património.

Agora fala-se muito do *reabilitar* como panaceia e coisa nova, o que significa uma vez mais, tal como em anteriores fórmulas hoje menos em voga, não entender que o património (sobretudo o património) exige uma abordagem essencialmente casuística, embora devidamente enquadrada.

Ora, se do Plano da Avenida nos referirmos especificamente aos aspectos da classificação de edifícios, vale a pena esclarecer que, na verdade, dos cerca de dez que constituíram a listagem — expressamente aberta, mas nunca posteriormente ampliada — dos casos de classificação mais imediata e urgente, que eu saiba não foram ainda concluídos sequer os respectivos «dossiers» de classificação. E já lá vão quase 20 anos.

Mas, e por aquilo que já foi dito, havia necessariamente outras preocupações patrimoniais no Plano.

De facto, faz parte da imagem da Avenida — e, portanto, do seu património — o ser um eixo de animação, lazer e divertimento nocturno da cidade, e aí o Parque Mayer representa nela um local privilegiado.

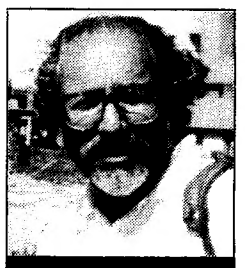
É, assim, natural que no Plano se tenha proposto a recuperação do Parque Mayer, com a construção nele de três ou quatro teatros e o indispensável restauro do Capitólio, integrando ainda no Parque espaço para a instalação de restaurantes, cafés e bares que contribuem decisivamente para a vida e animação locais.

Através de um agenciamento das áreas livres, deixavam-se indicadas zonas destinadas a ocupações temporárias, vendas, artesanato, etc., e articulava-se essa utilização com a proposta de ligar efectiva e expressivamente o Jardim Botânico à Avenida da Liberdade, no que iria constituir, desde o Príncipe Real, o troço poente do chamado *Anel Verde*, anel verde cujo troço nascente era constituído pelos interiores ajardinados dos quarteirões do sector romântico e o seu prolongamento pelo Jardim do Torel até ao Campo dos Mártires da Pátria.

Teremos, como parece ser agora ideia (aliás bem peregrina), uma Avenida de luxo, mas teremos também irremediavelmente uma Avenida deserta, funcionando com horário de repartição e relógio de ponto, morta a partir do fim da tarde, incómoda para a população, arriscada em termos de segurança, «deseconómica» em termos urbanos

Importa ainda acrescentar que ao Jardim Botânico se anexava uma área considerável, situada por detrás da Rua do Salitre, deixada em testamento à Câmara pela antiga proprietária, área onde hoje, certamente que a título meramente provisório, funciona um parque de estacionamento de exploração privada.

Por outro lado, procurava-se ainda reforçar a característica patrimonial da Avenida, um eixo pedonal privilegiado, alargando os passeios cerca de quatro metros, o que se conseguia na altura pela criação de galerias longitudinais protegidas (e hoje eu recomendaria fosse feito pela redução das faixas de rodagem laterais) e pelo lançamento de ruas sobrelevadas, articuladas com o aproveitamento do interior dos quarteirões.


Pedro Vieira de Almeida

Mas foi considerado também factor determinante da vitalidade da Avenida — aí se constituindo como elemento evidente do seu património — o facto de a Avenida *não* ser ainda uma área funcionalmente especializada.

É que aquilo que constitui um tecido urbano vivo é precisamente a amálgama não só de vários equipamentos e funções, mas de diversas escalas desses equipamentos e dessas funções, o que corresponde à diversificação de uma *dimensão social de uso*. Isso *faz* cidade.

Ora, a evolução tendencial, pela simples lógica da pressão do poder económico e/ou especulativo, vai reduzir ao mínimo o leque da dimensão social de uso e acabará por erradicar da Avenida os pequenos e médios escritórios e comércios, reservando toda a frente-rua para a instalação de bancos, seguros, hotéis e gasolineiras, apenas separados uns dos outros pelas bocarras dos respectivos estacionamentos privativos.

Teremos, como parece ser agora ideia (aliás bem peregrina), uma Avenida de luxo, mas teremos também irremediavelmente uma Avenida deserta, funcionando com horário de repartição e relógio de ponto, morta a partir do fim da tarde, incómoda para a população, arriscada em termos de segurança, «deseconómica» em termos urbanos.

Para corrigir essa evolução perversa, procurava-se em 70 regulamentar a dimensão máxima de frentes-rua com utilização contínua, e fomentava-se a instalação de comércio e terciário de pequena dimensão, inclusivamente criando as tais ruas sobrelevadas sujeitas a apertado controlo de uso por parte da Câmara.

Daí que me pareça no mínimo estranha a afirmada intenção de proteger no local a instalação de hotéis e comércio de luxo, já que esses vão lá cair de certeza. Os outros é que não.

E será necessário precisamente controlar essas iniciativas «luxuosas» que tradicionalmente têm em termos urbanos um comportamento parasita e expansionista de tumor maligno activo.

E a habitação, também de luxo, claro, encavalitada nos últimos pisos, não vai constituir de certeza factor preponderante para impedir a desertificação progressiva da Avenida da Liberdade.

O carácter habitacional que certamente importa introduzir na Avenida terá, isso sim, de ser remetido para os bairros adjacentes. E seja-me permitido lembrar aqui que, em 70, integrado no Plano da Avenida, se elaborou o estudo-piloto do Bairro de S. José, hoje em evolução progressivamente descaracterizadora do seu uso. E se não se lhe valer, vai acabar mal. Acho que sempre fica alguma coisa para dizer acerca do património.

Fica para a próxima.

CARTAS NA MESA

As praias da Caparica em perigo

Já têm sido apontados vários e graves inconvenientes à projectada ligação da Trafaria ao Bugio; venho apontar mais um.

Afirmou-se que a obra projectada seria benéfica para as praias da Costa de Caparica; o que acontece, porém, é que essas praias ficam ameaçadas de um grande aumento da erosão pelo mar.

Sempre que se constrói um espigão que entra pelo mar, há grande erosão na costa a jusante, segundo o sentido das correntes marítimas. Na costa ocidental portuguesa o sentido dominante das correntes é de norte para sul, e por isso regista-se aumento da erosão ao sul. Ao norte do espigão, acumula-se areia; mas para contornar o espigão a corrente afasta-se da linha de costa e muita areia transportada se perde em águas mais profundas, pelo que, a erosão deixa de ser compensada por deposição de areia vinda do norte e as praias desaparecem.

Quem conhece a costa portuguesa em toda a sua extensão observou as consequências do fenómeno. Vamos passar a costa em revista.

A norte do porto artificial da Póvoa de Varzim há uma excelente praia, mas a sul, na zona de Caxinas, a praia é esquelética.

A norte dos molhes do porto de Leixões alargou-se a praia de Leça da Palmeira, mas a sul a erosão atingiu fortemente a zona de Espinho.

A norte dos molhes da Barra de Aveiro alargou-se muitíssimo a praia de S. Jacinto, mas a sul a erosão prejudicou a praia de Costa Nova do Prado e até a da Vagueira.

Os molhes da foz do Mondego originaram grande alargamento do areal da Figueira da Foz, mas a sul a erosão incidiu fortemente sobre a Costa de Lavos.

Os pequenos molhes da foz do rio Lis originaram acumulação de areia ao norte e erosão ao sul.

Também já se nota erosão no areal ao sul do porto de pesca da Nazaré.

Obras na costa da Ericeira fizeram diminuir a largura da praia a sul.

A praia Grande do Rodízio foi muito prejudicada por uma obra na costa, e já nem merece o nome de praia Grande.

Os molhes do porto de Sines parecem não ter causado grande prejuízo, mas isso porque as condições naturais já se encontravam em equilíbrio com a existência do cabo de Sines — que dá abrigo ao porto e aos seus molhes.

No Algarve, as correntes são alternadamente de leste para oeste e de oeste para leste, mas com grande predomínio do sentido oeste-leste; por isso os espigões na costa originam acumulação de areia a oeste e aumento da erosão a leste. Assim, os molhes da marina de Vila Moura prejudicaram fortemente a praia de Quarteira, que foi necessário proteger também com espigões para reter alguma areia, e os seus efeitos nefastos estenderam-se muito para leste — atingindo a praia do Vale do Lobo e contribuindo muito para a ameaça de destruição da ilha de Faro.

A projectada marina do Vale do Lobo poderá contribuir para a retenção de areia nessa zona, atenuando localmente os efeitos dos molhes de Vilamoura, mas daí para leste a erosão será ainda mais agravada e a ilha de Faro condenada à destruição — com drástica modificação das condições naturais existentes na ria Formosa e ameaça do mar ao aeroporto e a parte da cidade de Faro.

Se se ligar o Bugio à Trafaria será gravemente prejudicada uma extensa zona de praias que é muito importante para as populações de Lisboa e de alguns concelhos ao sul do Tejo.

Carlos Amado Reis,
leitor de Lisboa

Cenários de guerra começam a ser montados

Ontem falava-se de paz, hoje está tudo a beira de um ataque de nervos. A tensão aumenta e os EUA preparam-se reforçando, mais uma vez, o seu contingente militar

A situação começa a definir-se: o Governo dos Estados Unidos está a preparar o envio de milhares de soldados norte-americanos e centenas de tanques «M-1A1» estacionados na Europa, para a zona do golfo Pérsico, revelaram fontes oficiais da administração norte-americana.

Após o impasse que se tem vivido, tudo indica que os cenários de guerra começam a ser montados, muito embora a palavra paz ainda faça parte das intenções de alguns dirigentes políticos.

Contudo, como diria o Presidente norte-americano, George Bush, «a paciência tem limites» e o conflito militar torna-se, assim, inevitável.

Segundo fontes que pediram o anonimato, espera-se que o secretário de Estado da Defesa dos EUA, Richard Cheney, possa anunciar o reforço do contigente militar americano dentro de uma semana, numa tentativa do Governo de George Bush presuadir Saddam Hussein para retirar as suas tropas do Kuwait.

As mesmas fontes recusaram comentar notícias, veículadas pelas cadeias de televisão dos EUA, de que cerca de 40 mil soldados norte-americanos e, aproximadamente, 600 tanques estacionados na Alemanha seriam enviados para a zona do Golfo até final do ano, para se juntarem aos cerca de 230 mil soldados que já lá se encontram.

Entretanto, está a ser preparada pelos Estados Unidos, uma proposta de resolução do Conselho de Segurança que prevê a autorização do uso da força militar das Nações Unidas contra o Iraque.

Segundo diplomatas, a delegação norte-americana na ONU não fez ainda circular o texto porque o secretário de Estado norte-americano, James Baker, está a fazer uma digressão pela Europa e países do Médio Oriente, para tentar obter apoio para a sua proposta.

«Sabemos que a proposta está no papel, mas seria absurdo eles fazerem-na circular antes de terem reunido todo o apoio possível», disseram as mesmas fontes.

Esta informação foi confirmada por fontes oficiais em Washington, que pediram anonimato.

O ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Eduard Shevardnaze, defendeu anteriormente, num discurso nas Nações Unidas, uma operação militar patrocinada por esta organização, salientando que «a ONU tem poder para suprimir actos de agressão».

«Existe uma ampla evidência de que este direito possa ser exercidio», afirmou na ocasião o minsitro soviético.

Se a proposta for aprovada, esta será uma decisão sem precedentes, já que o Conselho de Segurança nunca teve um comando militar unificado. A situação mais próxima aconteceu durante a guerra da Coreia, quando o Conselho autorizou os Estados Unidos a comandarem as forças da ONU para deterem a invasão da Coreia do Norte.

Para solidificar os seus passos em direcção à guerra, os EUA rejeitaram ontem uma nova proposta de solução pacífica para a crise do Golfo, apresentada pelos países não-alinhados, por considerarem que ela fornecia incentivos ao Iraque para abandonar o Kuwait.

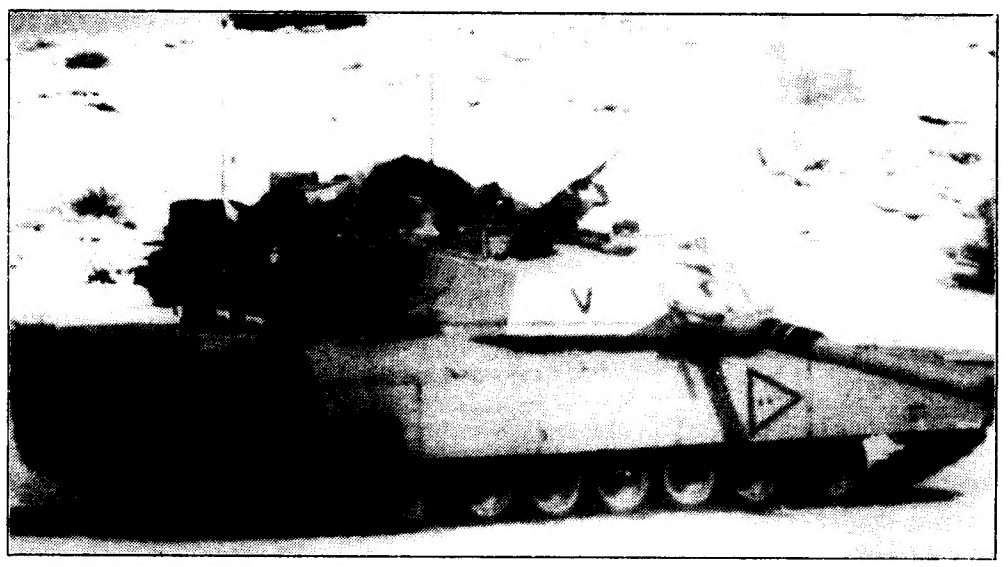
«Isto é o mesmo que pôr o carro à frente dos bois», disse o embaixador norte-americano na ONU, Thomas Pickering, que salientou não haver motivos para fazer ofertas ao Iraque.

Impaciente está também Margaret Thatcher que afirmou, no paralamento britânico, que «o tempo está a esgotar-se para Saddam Hussein». Perante esta sua afirmação, o ministro da Informação iraquiano, Latif Nassim Al-Jassem, disse que a priemira-ministra britânica tem uma mente desiquilibrada e deve estar possuída pelo demónio. Nassim Al-Jassem disse ainda que a chefe do Governo britânico está a pelar para a guerra e a agir de forma estárica.

Quem não apela mas defende um conflito militar «em caso estritamente necessário» é o responsável da Igreja Católica britânica, cardeal Basil Hume, salientando que «a guerra justifica-se se a destruição que provocar não ultrapassar a injustiça que pretenda rectificar».

Hume diz ainda, numa carta ao jornal «The Times», que qualquer acção militar deveria ter o aval das Nações Unidas.

Redacção «DL»/Lusa/AFP



Os Estados Unidos vão enviar para a região do Golfo mais 40 mil soldados e 600 tanques M-1A1

Posição dos jovens da CEE

O Parlamento Europeu dos Jovens aprovou hoje, em Lisboa, fora da ordem de trabalhos, uma resolução de emergência sobre a agressão iraquiana relativamente ao Kuwait, com 99 votos a favor, 32 abstenções e 30 contra.

No conteúdo desta resolução, os jovens paralmentares condenam «ao mais alto nível a invasão do Kuwait pelo Iraque», apoiam «firmemente a acção da ONU» e solicitam à Comunidade Europeia fundos de apoio para subsidiar, na Europa, a educação dos estudantes refugiados do Kuwait.

Gandhi convidado a formar Governo

O Presidente indiano, Ramaswamy Venkaraman, pediu hoje ao líder da oposição, Rajiv Gandhi, que forme o próximo Governo do país após a demissão, ontem, do primeiro-ministro Pratap Singh a quem o Parlamento recusou a moção confiança. Apesar de este convite ser esperado, Rajiv Gandhi, o líder do maior partido no Parlamento, não deu ainda uma resposta e prometeu ir pensar no assunto.

Gandhi, cujo o gabinete que irá formar não é ainda conhecido, gerou alguma inquietação entre os observadores, ao afirmar, após ter recebido o convite formal do Presidente, que o seu partido, Partido do Congresso, poderia ter que repensar o apoio ao líder socialista veterano, Chandra Shekhar, que há muito pretende ser primeiro-ministro.

Shekhar, veterano da política indiana e há quarenta anos na oposição, era considerado até hoje como o possível sucessor de Singh e aliado de Raijv Gandhi. Foi ele que ao longo dos últimos dois dias que precederam a demissão do primeiro-ministro, suscitou uma cisão dentro do partido Janata Dal de Singh, pondo-se a cabeça de um grupo de 50 dissidentes.

O grupo de dissidentes do Janata Dal e Chandra Shekhar conseguira também o apoio de Raijv Gandhi que na altura até se mostrou disposto a apoiar um Governo formado pelo líder socialista, sem o integrar.

Apesar das dúvidas apresentadas agora por Gandhi, o antigo primeiro-ministro declarou que não se tinha ainda alterado o apoio do seu partido a Shekhar e que a questão, juntamente com outras postas pelo Presidente, seriam discutidas ainda hoje numa reunião do grupo parlamentar do seu partido.

«Estou fora do Governo», foram as palavras que o ex-primeiro-ministro Patrap Singh, visivelmente tenso, proferiu perante os jornalista depois de sair da reunião com Presidente que aceitou a sua demissão.

Redacção «DL»/AFP/Lusa

Derrotas republicanas desapontaram Bush

O Presidente norte-americano, George Bush, manifestou-se decepcionado com os resultados das eleições gerais de ontem nos Estados do Texas e da Florida, onde os democratas derrubaram governadores republicanos.

A porta-voz da Casa Branca, Marlin Fitzwater, referiu que o Presidente trabalhou duro para apoiar os candidatos republicanos ao Governo dos Estados do Texas e da Florida.

A mesma fonte adiantou que, por outro lado, Bush obteve vitórias sentimentais, com a manutenção da liderança na Califórnia e com o derrube do governador democrata no Ohio.

Segundo Fitzwater, os republicanos perderam nove lugares na Câmara de Representantes, mas haverá poucas mudanças no Senado, o que significa que o Presidente continua a enfrentar a mesma oposição no Congresso.

Aparentemente, os eleitores norte-americanos, convencidos de que o país caminha para uma recessão, decidiram manter o Congresso nas mãos dos democratas e infligir duas derrotas pessoais ao Presidente Bush. O resultado geral do sufrágio foi considerado pelo Partido Democrata como representando «um voto de não confiança ao Presidente Bush». A perda da Florida e do Texas, com uma crescente população e milhões de votos que nos últimos anos têm contribuído para a vitória dos Presidentes republicanos, constitui um sério para os republicanos e mesmo para uma possível reeleição de George Bush.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

Hussein liberta mil soviéticos

Saddam Hussein decidiu libertar mais alguns «convidados estrangeiros». Desta vez a decisão recaiu sobre mil reféns soviéticos, cem alemães, 243 polacos e 74 japoneses.

Convém referir que estas libertações foram fruto de diversos diálogos entre diplomatas de cada país e as autoridades iraquianas.

Segundo o porta-voz do emissário soviético Evgueni Primakov, um primeiro grupo de reféns da URSS, formado por técnicos que trabalhavam em empresas industriais no sul do Iraque, partirá no próximo domingo para Moscovo, não tendo sido precisado a data de partida do segundo.

Uma fonte da embaixada soviética disse que os restantes cidadãos da URSS ficarão no Iraque até terminar o seu contrato de trabalho.

Quanto aos polacos, deixaram hoje Bagdad com destino a Varsóvia, disse uma fonte das linha aéreas iraquianas. O porta-voz do Governo polaco, Malgorzata Niezabitowska, disse que ainda ficavam no Iraque 150 concidadãos.

Por sua vez, Willy Brandt conseguiu a libertação de cem alemães, após conversações com o líder iraquiano, Saddam Hussein, anunciou a agência noticiosa oficial iraquiana.

Relativamente aos 74 nipónicos, partiram ontem de Bagdad com o antigo primeiro-ministro japonês, Yashuhiro Nakasone.

Yasuhiro esteve quatro dias em Bagdag, reunindo-se duas vezes com Saddam Hussein, numa missão privada para tentar libertar cidadãos japoneses.

Cerca de 270 nipónicos permanecem ainda retidos pelo regime de Hussein no Iraque e no Kuwait.

BREVES

Líder do PC do Brasil visita Portugal

O presidente do Partido Comunista do Brasil, João Amazonas, chega hoje a Lisboa, para uma visita de quatro dias «ao país dos seus pais», disse ao DL uma fonte do comité central do Partido Comunista (Reconstruído). João Amazonas encontrar-se-à com diversas figuras políticas portuguesas e terá «encontros pessoais com o seu amigo Mário Tomé». O comunista brasileiro termina em Portugal a visita que tem estado a fazer a alguns países da Europa, regressando ao Brasil na próxima segunda-feira.

Kohl e Mazowiecki discutem tratado de fronteiras

O primeiro-ministro alemão Helmut Kohl e o seu homólogo polaco Tadeusz Mazowiecki discutem, hoje, em Frankfurt do Oder e em Sublice, junto da fronteira comum, a marcação das datas para assinatura de um tratado de fronteiras e outro sobre cooperação e boa-vizinhança. O tratado sobre as fronteiras, uma das condições internacionais para a reunificação da Alemanha, está pronto mas os líderes parecem estar interessados em tempos diferentes para a sua assinatura, tentando utilizar a conclusão do tratado como um trunfo nas eleições que em ambos os países se aproximam. Assim, enquanto Mazowiecki quer a assinatura do tratado para o mais breve possível, para a apresentar como trunfo nas próximas eleições presidenciais de 25 de Novembro, Kohl tende a adiar a assinatura, receando provocar reacções negativas entre o eleitorado alemão oriundo da Polónia.

De Klerk sadisfeito com o apoio do eleitorado

O presidente sul-africano, Frederik De Klerk, declarou-se hoje satisfeito com a vitória do candidato do seu partido (Partido Nacional) nas eleições locais de Randburg, considerando-a um voto de confiança nas reformas que está a implementar. Ainda segundo De Klerk, a esmagadora vitória do candidato do partido de Governo sobre o do Partido Conservador desmente por completo as reclamações dos conservadores quanto a um eventual descontentamento entre o eleitorado branco.

Representante de São Tomé na ONU expulso da Suiça

As autoridades suiças expulsaram ontem o cidadão espanhol e representante adjunto de São Tomé e Príncipe nos organismos da ONU, em Genebra, Francisco Paesa, cujo paradeiro se desconhece. A ordem de expulsão, em vigor desde as zero horas de hoje, teve origem no alegado envolvimento de Paesa em actividades dos «Grupos Anti-Terroristas de Libertação» (GAL). Francisco Paesa, procurado pelas autoridades espanholas que pressionaram Berna para que actuasse a sua expulsão, é também acusado pelas autoridades helvéticas de presumíveis delitos de burla.

Aniversário da queda do Muro de Berlim será comemorado discretamente

Gorbachev amanhã em Bona ou a visita do «amigo soviético»

A visita de dois dias a Bona de Mikhail Gorbachev, que amanhã tem início, inaugurará as relações sovieto-alemãs do pós-guerra fria, desembaraçadas da herança da II Guerra Mundial.

Trata-se da primeira visita do chefe de Estado soviético após a reunificação alemã e ocorre exactamente no momento em que a queda do Muro de Berlim perfaz um ano.

Existe, tanto da parte soviética, como da alemã, a vontade de abrir uma nova página nas relações entre os dois países e de colocá-las numa perspectiva a longo termo, segundo os observadores.

Moscovo inscreveu a reunificação alemã no quadro mais geral do projecto soviético da «Casa Comum Europeia», permitindo uma aproximação cada vez maior da URSS ao Ocidente e o rompimento progressivo das barreiras que separavam as duas partes da Europa.

A União Soviética e a Alemanha dispõem agora de uma «boa perspectiva para utilizar as possibilidades políticas e económicas para a construção de uma nova Europa unida», num quadro de «estruturas de segurança estáveis», escreveu na terça-feira um comentador diplomática da agência Tass.

«É hoje indispendável criar novas estruturas de cooperação económica baseada nas relações de mercado», acrescentou o comentador.

A URSS, confrontada com dificuldades internas consideráveis e empenhada em reformas ainda pouco definidas, conta com o formidável potencial económico da Alemanha para ultrapassar a actual fase crítica da sua história.

A RFA dispôs-se já a conceder à URSS 15 mil milhões de marcos, como compensação pela retirada das tropas soviéticas do território leste-alemão. Moscovo ainda não manifestou o desejo de obter mais apoios financeiros, segundo o porta-voz adjunto o Governo alemão, Dieter Vogel. Um alto funcionário governamental em Bona confirmou que os problemas económicos da URSS estarão entre os assuntos que levam o Presidente soviético a Bona.

Mikhail Gorbachev esforçar-se-á por expor claramente aos seus interlocutores alemães as reformas em curso no seu país e a descentralização entre Moscovo e as repúblicas, que deverá ser incluída no futuroTratado de União.

A Alemanha, por seu turno, vê no desenvolvimento das suas relações com a URSS a abertura de enormes possibilidades económicas, que implicam um verdadeiro programa de acção a longo prazo.

Uma comemoração discreta

Os berlinenses deverão amanhã celebrar discretamente o primeiro aniversário da abertura do Muro de Berlim, eclipsado pela visita de Gorbachev.

A data de 9 de Novembro, se por um lado assinala o fim da divisão, por outro recorda aos alemães os piores momentos da história nacional, sob o nazismo. A recordação do «pogrom» anti-judeu da Noite de Cristal (9 de Novembro de 1938) será assinalada na parte oriental da antiga capital do Reich. A comunidade judia organiza uma cerimónia no local da grande sinagoga danificada pelos nazis e completamente arrazada durante a II Guerra Mundial.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

No dia da revolução

Confrontos em Vilna fizeram 14 feridos

Catorze feridos é o balanço de violentos confrontos ontem registados entre nacionalistas lituanos e militares, quando se celebrava em Vilna o 73º aniversário da Revolução de Outubro, segundo fontes da capital lituana.

Cumprindo um decreto do Presidente Gorbachev, a chefia da zona militar do Báltico organizou uma parada militar, para o que foi necessário bloquear, com camiões e carros blindados, a Praça Lukishkiu (ex-Lenine). O desfile durou exactamente 12 minutos.

Segundo um jornalista lituano, os confrontos verificaram-se quando as forças militares dispersaram violentamente jovens pacifistas que se tinham deitado na rua para impedir a passagem dos carros de combate. Ficaram feridos oito jovens.

Comentando estes incidentes, o Presidente do Parlamento lituano, Vitautas Landsbergis, acusou o Exército soviético de ter voltado a comportar-se como um «exército de ocupação».

Em Moscovo, a marcha oficial, apesar de organizada pelo Partido Comunista, não deixou por isso de conter sinais «dissidentes», nomeadamente os de cartazes com inscrições contra Gorbachev, a perestroika e a economia de mercado. Ao desfile oficial seguiu-se uma manifestação organizada pelos radicais, à frente dos quais se encontrava o presidente da Federação russa, Boris Ieltsin, e o presidente da Câmara Municipal de Moscovo, Gavril Popov, que pouco tempo antes tinham estado na tribuna, ao lado de Gorbachev.

«Gorbachev demite-te» e «Ieltsin para presidente», foram duas das palavras de ordem gritadas pelos manifestantes.

Boris Ieltsin integrado numa manifestação, considerada anti-comunista, em Moscovo

Provável encontro Bush-Gorbachev em Paris

O Presidente norte-americano George Bush deverá reunir-se com o seu homólogo soviético Mikhail Gorbachev em Paris, à margem da cimeira da CSCE (Conferência sobre a Segurança e a Cooperação na Europa) que decorre de 19 a 21 do corrente mês, revelou a Casa Branca.

Bush terá igualmente um jantar com o Presidente francês, François Mitterrand, no dia 18, à sua chegada a Paris, precisou a porta-voz da Casa Branca, Marlin Fitzwater.

O Presidente norte-americano, que entretanto visitará a Checoslováquia, a 17, e a Alemanha, a 18, participará na cimeira da CSCE, durante a qual assinará (a 19) um tratado de redução de armamentos convencionais na Europa (CFE) e o documento final da cimeira, a 21.

Bush deslocar-se-á depois ao Médio Oriente (Egipto e Arábia Saudita), para, neste segundo país, visitar as tropas norte-americanas ali estacionadas. Terá também um encontro com o emir do Kuwait, xeique Jaber al Ahmad al Sabah.

Fitzwater escusou-se a revelar a itinerário de Bush no Médio Oriente, por razões de segurança.

Redacção «DL»/AFP

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

O DOUTOR FRANCISCO ALVES DE ALMEIDA, Juiz de Direito do 2.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa:

Faz saber que pela 1.ª Secção deste Juízo e sob o n.º 239/89, correm termos uns autos de Acção Emergente de Contrato Individual de Trabalho, com processo sumário, em que é Autora MARIA DA NATIVIDADE NOGUEIRA DOS SANTOS MORGADO, residente na Rua Actor Vale, n.º 31 — Porteira — Lisboa e Réus PALMIRA CARNIDE OLIVEIRA DE SOUSA e JOSÉ CARMO BENTO DE SOUSA, ambos com última residência conhecida na Rua Actor Vale, n.º 31 — 1.º Dt.º em Lisboa e OUTROS, correm éditos de TRINTA DIAS, citando os Réus acima identificados para no prazo de OITO DIAS, a contar da segunda e última publicação do respectivo anúncio, contestarem, querendo, a Acção do Contrato Individual de Trabalho com processo Sumário, que lhes move a Autora acima identificada, sob pena de, na falta de contestação, serem condenados imediatamente no pedido formulado na petição inicial, cujo duplicado se encontra neste Tribunal e à sua disposição.

Lisboa, 16 de Outubro de 1990
O JUIZ DE DIREITO,
(Assinatura ilegível)
A ESCRIVÃ ADJUNTA
(Assinatura ilegível)
DL: 2.ª Pub — 8/11/90

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

A DOUTORA MARIA ALEXANDRINA DE ALMEIDA BRANQUINHO FERREIRA, JUÍZA DE DIREITO DO PRIMEIRO JUÍZO E SEGUNDA SECÇÃO DO TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA.

FAZ SABER que por este Juízo e Secção, correm seus termos uns Autos de Acção com Processo Comum — Sumária, sob o n.º 1157/89, em que é Autora MARIA DA ROCHA GILVAIA e Réus ANTÓNIO MORGADO MACEDO e ARMANDO DE SOUSA FIGUEIREDO, cuja última morada conhecida foi na Urbanização da Portela — Lote 87, o primeiro na Fracção S-9.º Esq.º e o segundo na Fracção R-9.º Dt.º, em SACAVÉM, corre o prazo de OITO DIAS, finda que seja a dilação de TRINTA DIAS, contados da data da segunda e última publicação deste anúncio, CITANDO OS RÉUS para contestarem a acção, sob pena de serem condenados imediatamente no pedido, conforme consta na petição inicial, cujo duplicado se encontra à disposição dos Réus na respectiva Secção de processos.

Lisboa, 2 de Outubro de 1990

A Juíza de Direito
(Assinatura ilegível)

O Escrivão de Direito
(Assinatura ilegível)
DL: 2.ª Pub — 8/11/90

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA
4.º JUIZO

ANÚNCIO

A DOUTORA MARIA MARGARIDA LEANDRO MARTINS, Meritíssima Juíza de Direito, do 4.º Juízo-3.ª Secção do Tribunal do Trabalho de Lisboa, faz saber:

Que por este Juízo e Secção, correm termos uns autos de Contrato Individual de Trabalho, sob a forma Sumária, registados sob o n.º 86/89, em que é Autora MARIA MENDES SIBORRO e Ré MARIA SALOMÉ OLIVEIRA SOUSA e OUTROS, e por este meio são os Réus ANTÓNIO JOSÉ RIBEIRO NOGUEIRA LEITE, cuja última residência conhecida foi na Rua Nina Marques Pereira, n.º 5-2.º Esq.º, em Lisboa e JOSÉ LUÍS FARIA SAMPAIO, cuja última residência conhecida foi na Rua Nina Marques Pereira, n.º 5-3.º Esq.º, em Lisboa, notificados de que foi designado o próximo dia 24 de Janeiro de 1991, pelas 10 horas, para Audiência de Discussão e Julgamento, nos referidos autos, sendo a sua comparência pessoal obrigatória, nos termos do disposto no art.º 89.º, n.º 1 do Cód. Proc. Trabalho.

Lisboa, quatro de Outubro de 1990

A JUIZA DE DIREITO

Maria Margarida Leandro Martins

A ESCRITURÁRIA JUDICIAL
(assinatura ilegível)
«DL» 8/11/90 — 2.ª Pub.

INTERNACIONAL

Instituições italianas de rastos

«Uma crise institucional». «Quer se queira quer não, a segunda República italiana está à vista». «Dos mistérios ao caos». Mesmo sem serem partilhados por todos os observadores estes títulos dos comentários publicados nestes últimos dias pela Imprensa transalpina mostram bem o clima de ebulição política que sacode a península depois da descoberta da «operação Gladio». Uma estrutura paralela de recrutamento e de acção armada criada há trinta anos, financiada pela NATO e pela CIA com o objectivo de defender a Itália de invasões de países de Leste bem como de impedir o acesso ao Palácio, pelos meios democráticos ou não, do Partido Comunista Italiano.

A «Operação Gladio»

Pressionado pelos partidos que, à excepção da Democracia Cristã no poder há 40 anos, afirmam nunca ter tido conhecimento dessa rede clandestina, o presidente do Senado, Giovanni Spadolini, chamou o chefe de Governo, Giulio Andreotti, a prestar declarações perante o Parlamento italiano, hoje dia 8 de Novembro. Foi o próprio Andreotti que, numa relação enviada à comissão parlamentar que investiga os actos de terrorismo em Itália, revelou os pormenores da enigmática «operação Gladio». Em estudo a partir de 1951, em vários países da Europa, a versão italiana «da rede clandestina de defesa» vulgarmente chamada de «Stay Behind» (ficar atrás) tem a sua data oficial de nascimento a 26 de Novembro de 1956. Dotada a partir desse ano de 40 núcleos (entre informativos, de sabotagem, propaganda, fuga e guerrilha) e de uma base na Sardenha, «Gladio» recruta civis homens e mulheres «sem distinção de sexo ou idade». Vedado o acesso a jornalistas, padres e políticos e àqueles que não dessem «garantias de fidelidade aos valores da Constituição republicana e antifascista», a organização clandestina recruta em Itália um milhar de «gladiadores» entre os quais se contam, segundo depoimentos recentemente aparecidos na Imprensa italiana, numerosos terroristas neo-fascistas.

Em 1963 os homens e mulheres da «Gladio» treinados pelos dois departamentos especiais da organização, dirigidos e controlados pelos serviços secretos italianos, passam a dispor, também, de contentores com armamento enterrados em todo o território italiano. O equipamento bélico, ainda segundo as revelações feitas pelo primeiro-ministro Giulio Andreotti, comprendia: armas portáteis, munições, explosivos, granadas, punhais, morteiros de 60 mm, canhões de 57 mm, espingardas, rádios, binóculos e utensílios vários. Por azar, dez anos mais tarde, agentes dos *Carabinieri* encontram casualmente dois dos depósitos clandestinos e o Governo ordena a recuparação dos contentores. Cento e vinte e sete dos 139 arsenais são recuparados e enterrados novamente, desta vez perto de quartéis dos *Carabinieri*. Dois foram considerados irrecuparáveis e ainda jazem por baixo de um cemitério que entretanto se alargou.

A factura de 30 anos de mistérios

É sobre estas revelações que se baseiam todas as perguntas, as dúvidas, as suspeitas, as acusações e provavelmente grande parte da revisão destes últimos trinta anos de história italiana que, neste momento, põem em perigo a totalidade das instituições italianas. Confirmada a existência do que já há muito tempo se «sabia» e «dizia» existir mesmo a custo de ser acusada de estar a fazer ficção política, a opinião pública italiana faz hoje as contas de trinta anos de mistérios e apresenta a factura a Giulio Andreotti, o homem que há quarenta anos vagueia pelas várias cadeiras do Poder, tendo acupado nomeadamente a de Ministro da Defesa de 1959 a 1966.

Os ministros italianos sob tutela americana? Os serviços secretos cúmplices e mandatários do terrorismo peninsular? Agentes ocultos pagos pelo Estado para fazer explodir bombas e sabotar comboios? Vinte anos de violência e atentados inexplicáveis, financiados pela CIA? Trinta anos de instabilidade governamental fomentada pela NATO para garantir a perenidade dum determinado partido no poder em Roma? Vinte anos de manipulação da justiça e desinformação pública?

Muitas destas dúvidas deverão deixar de ter um ponto de interrogação. Giulio Andreotti, que prometeu retirar o segreto de Estado sobre toda esta questão, declarou-se convencido de que o debate parlamentar que hoje se abre na Itália esclarecerá todos os pontos obscuros da amplitude da «operação Gladio». Calmo e sarcástico, como de costume, Andreotti declarou-se, ainda, espantado com o «alarido e a confusão» gerados pelas suas revelações no actual quadro internacional e depois da queda dos regimes comunistas do Pacto de Varsóvia.

«A NATO desmente a NATO»

Contudo, as considerações sobre a maturidade dos tempos e a calma do primeiro-ministro italiano não foram partilhadas pela NATO, que logo a seguir às afirmações de Andreotti e do Presidente da República Francesco Cossiga sobre a implicação da aliança ocidental no caso «Gladio», desmentiu os dois chefes de Estado. «É a primeira vez que ouvimos falar da "operação Gladio". Esse género de organização não existe nem nunca existiu no âmbito das estruturas militares da NATO», afirmou, peremptório, na segunda-feira, um porta-voz do Comando Supremo das Forças Aliadas na Europa (SHAPE), em Bruxelas. Na quarta-feira, entretanto, o secretário geral da aliança atlantica desmentiu o desmentido do dia anterior, dizendo que a «declaração do porta-voz estava errada porque se baseava numa informação não correcta». Confrontada com estes e outros desmentidos, meias verdades, mistérios e revelações, a Imprensa italiana optou por ironizar sobre a «NATO que desmente a NATO», seguindo o exemplo do próprio primeiro-ministro que, não desmentindo o seu indubitável sentido de humor, comentou :« finalmente, a confusão não é apenas italiana».

Adaptação do «Le Monde» e AFP

CARTA DE MOSCOVO

URSS: O «vírus» das soberanias

A ameaça da desintegração paira sobre a URSS mais do que nunca. Começou com as declarações de soberania das repúblicas bálticas e a afirmação da superioridade das suas leis sobre as da União e estendeu-se como um «rastilho» a praticamente todas as outras 12 repúblicas que compõem a União Soviética.

Mas o «vírus da independência» não ficou por aí. Atingiu as estruturas administrativas da URSS. Repúblicas autónomas, de grau administrativo inferior às repúblicas federadas, regiões, territórios e inclusive cidades proclamaram a sua «soberania».

Até no Soviete Supremo da URSS, um deputado perguntava o que era feito da «soberania» das empresas industriais. Chegou-se mesmo ao caso de em algumas grandes cidades, como Moscovo, certos sovietes de bairro deixarem de reconhecer a autoridade do soviete urbano.

Nos finais de Outubro este processo conheceu um novo impulso, com a federação russa a aplicar um programa próprio de transição para a economia de mercado, a Ucrânia a introduzir um sistema de racionamento para defender os seus cidadãos, a Bielorrússia a criar alfândegas e as minorias russófona e gagauze a tentarem passar aos factos as suas declarações de independência em relação à Moldávia.

Dificilmente este tipo de «soberanias» é capaz de proporcionar quaisquer vantagens práticas. Alguém comparou a atitude das repúblicas e regiões ao grito de combate dos «karatecas» — estímulo do próprio estado espírito, intimidação do adversário.

Há algo, no entanto, que faz a unanimidade de todas as entidades «soberanas»: o governo central é o principal adversário, embora seja para ele que muitas vezes se dirigem, quando se trata de resolver os seus problemas.

Mas o paroxismo é atingido quando chega a vez das questões económicas. Todos se encaram como adversários. As regiões e repúblicas consideram que são «saqueadas» em benefício do centro e das outras repúblicas.

Os economistas locais encarregam-se de estribar estas afirmações. Mas os seus cálculos são mais do que duvidosos, porque ninguém consegue entender como é que todos podem «saquear» todos e continuar ao mesmo tempo a vegetar na miséria.

A procura da independência política, se tem nalguns casos razões históricas mais ou menos fundamentadas, é sobretudo vista como um meio para ultrapassar as dificuldades económicas.

O sistema, caricaturizado, é simples: no território x existe uma das duas únicas grandes fábricas existentes na URSS para a produção de — ironizemos — atacadores para sapatos. O modelo centralista e faraónico de desenvolvimento produziu muitos casos destes com coisas mais sérias. Feitas as contas pelo soviete local, o rendimento proporcionado por essa fábrica gigantesca cifra-se em milhões de rublos, enquanto o seu orçamento é de escasssos milhares e os seus habitantes vivem na penúria. Mais, no território faltam os preciosos atacadores, porque são enviados para outras zonas por ordem dos ministérios centrais.

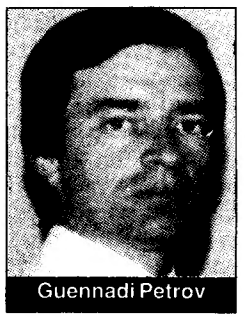
Nada mais simples do que, recorrendo a uma avulsa declaração de soberania, proibir as vendas para fora, só as fazer a troco dos sonhados bens de consumo em falta ou procurar vendê-los «no estrangeiro» pelas ambicionadas divisas.

O resultado não pode ser pior: os atacadores que com maior ou menor regularidade iam aparecendo no mercado soviético desaparecem, os bens de consumo não existem, porque outras regiões tomam atitudes análogas e um verdadeiro mercado não existe, e o estrangeiro, que já tem atacadores que cheguem, não os quer, uma que vez que são mais caros e de pior qualidade.

Ninguém teve em conta que aquela fábrica foi criada graças a investimentos centrais, facto que o respectivo ministério da União se lembra oportunamente de recordar.

Até se pode dar o caso que os equipamentos tenham sido comprados no estrangeiro, contribuindo para a actual dívida externa de 60 mil milhões de dólares, cuja respectiva fatia ninguém reclama.

O que não impede que existam planos para dividir os bens acumulados durante 73 anos. Quer partilhar-se tudo — reservas de ouro, diamantes, divisas, tanques, foguetões, cruzadores, e quem sabe, armas nucleares.


Guennadi Petrov

Mas se todas as repúblicas foram lépidas em proclamar as suas soberanias, já não aplicaram a mesma medida quando o «vírus» desceu um degrau na escala administrativa.

A Estónia não aceita a separação das suas regiões ocidentais povoadas por russos, a Lituânia idem, a Geórgia rejeita a independência dos abkhazes e dos ossétios do sul, que se querem reunir numa república com os seus irmãos do norte, englobados na federação russa, o Azerbaijão não aceita a secessão da região arménia do Nagorni-Karabakh, a Moldávia rejeita a independência dos gagauzes e dos russos e ucranianos do Dniestre.

A própria Rússia procura libertar-se da tutela das autoridades federais, quando é ela a principal responsável pela criação da União Soviética, mas franze o sobrolho quando algumas grandes repúblicas autónomas que a integram manejam a decisiva «arma» da soberania.

É difícil predizer como acabará esta situação absurda. Os cartógrafos norte-americanos, entretanto, preparam um novo «mapa mundi». Nela figura uma «variante descentralizada» da URSS em que as capitais de algumas repúblicas são apontadas como capitais de Estados soberanos. Caso para perguntar se não se terão esquecido de algumas.

QUOTIDIANO

Portugueses defendem Carta Europeia de Mutualismo

A elaboração de um código europeu da mutualidade e de uma carta europeia de economia social foram duas das propostas avançadas por Vitor Melícias, presidente da União das Mutualidades Portuguesas, na primeira sessão do VI Congresso Nacional do Mutualismo, que hoje teve início em Lisboa.

De igual modo, o Provedor da Santa Casa da Misericórdia avançou como necessidade premente a autonomização, no ensino superior, de um curso de direito mutualista e de filosofia da solidariedade mutualista, uma das formas possíveis daquilo que tem vindo a considerar, no âmbito da formação de quadros e dirigentes mutualistas, como uma «via para que os movimentos de economia social continuem a ter uma presença importante na Europa dos dias de hoje».

Foi também neste sentido que Vitor Melícias apelou para que a presidência portuguesa das Comunidades, em 1992, inclua um encontro europeu de Economia Social e Mutualismo, à semelhança daquilo que a França realizou em 1989 e, recentemente, a presidência italiana.

O VI Congresso Nacional de Mutualismo, que decorre até sábado, conta com a participação de quinhentos representantes das 120 associações de solidariedade social que constituem a União das Mutualidades Portuguesas, e ainda com delegados de vários países europeus, membros do Governo, sindicatos, cooperativas e outras organizações do sector da economia social. Integrado neste congresso, e sob o lema «Desafio da Inovação», terá lugar o Forum Europa-93 de Mutualismo e Economia Social, que se realiza amanhã e depois, e que é financiado pela Comisão das Comunidades Europeias.

O VI Congresso Nacional de Mutualismo foi inaugurado pelo ministro do Emprego e da Segurança Social, Silva Peneda, e a sua sessão de encerramento, no próximo sábado.

Conferência sobre o clima termina em fracasso

As organizações não governamentais e os ambientalistas não têm ilusões: a ausência de um compromisso mundial, em Genebra, compromete o combate ao agravamento do «efeito de estufa»

Os governos participantes na II Conferência Mundial sobre o Clima, que ontem terminou em Genebra, reconheceram que o aquecimento do planeta corre o risco de provocar consequências catastróficas, dentro de um século. Não conseguiram, no entanto, chegar a acordo sobre as medidas a tomar de imediato.

O principal obstáculo à inclusão, no documento final, de um prazo limite para proceder à redução dos gas carbónico, principal responsável pelo «efeito de estufa», foi erguido pelos Estados Unidos, auxiliado pela URSS e a Arábia Saudita. A Comunidade Europeia conseguiu realizar um «feito ecológico», segundo especialistas, ao ter decidido, no Luxemburgo, dias antes do início da conferência, manter as emanações de gás nocivos, no ano 2000, ao nível das de 1990.

As organizações não governamentais (ONG) que trabalharam activamente os problemas da ecologia e do ambiente durante os dez dias da Conferência classificaram a iniciativa como um «fracasso». A Conferência demonstrou, em sua opinião, a capacidade dos «políticos» fazerem marcha atrás relativamente às conclusões dos cientistas reunidos na semana passada.

O chefe da delegação norte-americana, John Knauss, argumentou: «não estamos prontos a tomar compromissos sobre percentagens de redução que não estamos certos de conseguir». Disse que o texto final era «um bom compromisso».

Nas conclusões da Conferência, a centena de governos subscritores «saudam as decisões e os compormissos» aí estabelecidas, «reconhecendo as diferenças de avaliação, de pontos de partida e de formulação dos objectivos fixados». A Conferência insta «todos os países desenvolvidos a estabelecer objectivos e programas ou estratégias nacionais realistas que tenham efeitos significativos na limitação da rejeição de gases com efeito de estufa não controlados pelo Protocolo de Montreal».

Para os ecologistas, a questão reside, agora, em saber se tal será suficiente. Os militantes da organização Greenpeace denunciaram, desde terça-feira, os «criminosos do clima», nas manifestações que realizaram no exterior do palácio da Conferência.

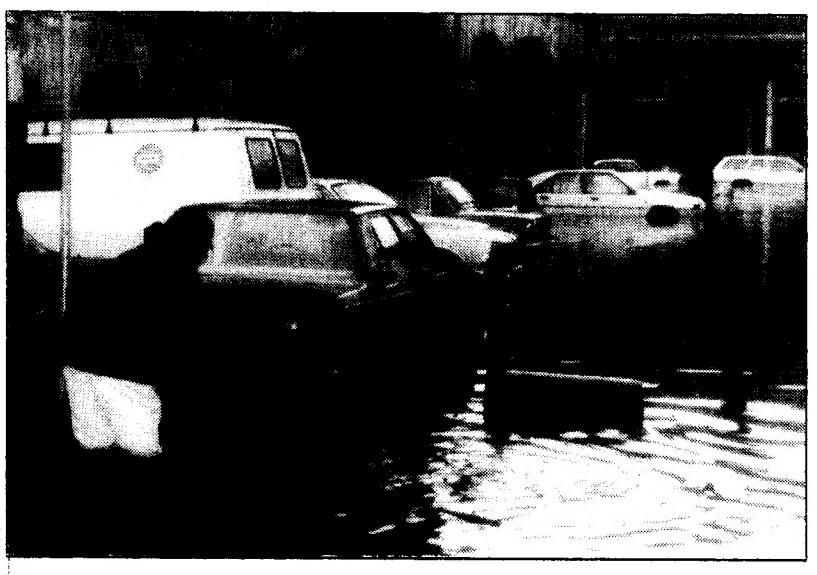
«Esta Conferência tornou-se numa conspiração dominada por países que agem segundo os seus interesses exclusivos», declarou Steve Elsworth, em nome da Greenpeace. Acrescentou que «os riscos ecológicos que estes países estão prontos a tomar relativamente ao clima do planeta constituem uma atitude criminosa».

A Greenpeace considera que neste domínio, os países europeus têm feito esforços para retardar ou mesmo travar a caminhada suicida. Na tribuna da Conferência, o minsitro italiano do Ambiente, Giorgio Ruffolo, afirmou: «Não nos deixemos atemorizar por medos irracionais», concluindo: «Se agirmos agora, as coisas correrão bem.»

PSD viabiliza urbanização de Amorim

«No mesmo dia em que Jorge Sampaio fala dos problemas da habitação prepara-se para fazer aprovar para o Alto de Campolide uma urbanização de luxo, ilegal, especulativa, viabilizada à custa de terrenos da EPAL, num acto sem precedentes e que constitiu um atentado às mais elementares normas urbanísticas». Ontem, a comissão política permanente da Distrital do PSD acusava desta forma o presidente do município da capital, poucas horas antes de se conhecerem os resultados da reunião que decorria nos Paços do Concelho. Afinal, os vereadores do PSD acabaram por não chumbar a urbanização de Américo Amorim, como haviam prometido dias antes. Marcelo Rebelo de Sousa absteve-se e Vítor Gonçalves votou a proposta favoravelmente depois de ter apresentado uma alteração ao texto em análise. Com a mudança preconizada pelo vereador social-democrata a Câmara decidiu «aceitar o estudo preliminar de urbanização apresentado pela MORATE, para o Alto de Campolide fixando para a parcela de ordenamento constituída pelos seus terrenos a edificabilidade (volumetria) de 208.745 metros cúbicos incluindo os equipamentos nas condições constantes no Regulamento do Plano Geral de Urbanização da Cidade de Lisboa».

O dia de ontem não ficou apenas marcado pelas resoluções tomadas na reunião de Câmara. A conferência de Imprensa que Sampaio convocou, destinada a anunciar as 23 medidas para a habitação, suscitou igualmente uma intensa troca de comunicados e, inevitavelmente, de críticas entre a oposição e as forças da maioria na CML.



Lusa

Chuva forte Cerca de 200 sapadores bombeiros tiveram, ontem à tarde, de acorrer aos problemas provocados pelas fortes chuvas que durante horas se abateram sobre Lisboa. Em Alcântara (na foto), na Avenida Padre Cruz, no cruzamento da Avenida Gago Coutinho com a dos Estados Unidos da América, no Largo de Santos e Xabregas registaram-se as maiores enchentes e as águas afectaram particularmantente a circulação rodoviária.

Morreu o jornalista Jorge Feio

Morreu, ontem, no Hospital de Santa Maria, em Lisboa, com 64 anos, o jornalista Jorge Feio.

Jorge Nuno da Silva Feio, de seu nome completo, nasceu no Alto de Santo Amaro, Alcântara, em Lisboa, a 3 de Novembro de 1926.

Iniciou a sua actividade de jornalista, trabalhando como redactor da extinta agência ANI, assumindo, mais tarde, o cargo de chefe de redacção da Reuter Portuguesa. Especializado em política internacional, foi precisamente nessa qualidade que entrou para a também desaparecida «Vida Mundial», na altura de grande remodelação, em que colaborou de maneira notória, por que passou aquela revista.

Da «Vida Mundial», publicação da Sociedade Nacional de Tipografia, transitou, dentro da mesma empresa, para o cargo de chefe de secção de política internacional de «O Século». Anos volvidos, viria a ser subchefe de redacção daquele jornal.Os seus últimos anos de actividade profissional, passou-os como chefe do sector de política internacional do «Diário de Notícias», cargo em que se reformou.

Paralelamente ao jornalismo, Jorge Feio é autor de numerosas traduções de obras do inglês, francês, castelhano e italiano, notoriamente de romances de Alberto Moravia, Nickos Kazantackis, Mikhail Bulgakov, Alexandre Solkhenitzyn, Simonov, Graham Green, Cholokov e outros. É igualmente de sua autoria a tradução da correspondência trocada entre Churchill, Roosevelt e Estaline, durante a II Guerra Mundial. Colaborações dispersas suas foram publicadas em numerosos jornais e revistas portuguesas.

Deixa viúva a sr.ª D. Maria Fernanda da Silva Gomes Feio e era pai de D. Maria dos Anjos Feio, D. Judite Feio Silva e do sr. Jorge Nuno Feio; avô de Rita e Leonor Feio Silva; e sogro da sr.ª D. Carolina Feio e do sr. Carlos Silva.

O corpo do malogrado jornalista encontra-se hoje em câmara ardente, a partir das 17 horas, na igreja de Loures. O funeral partirá amanhã, às 10.30, daquele local, para o cemitério de Loures.

À família enlutada, o «DL» apresenta sinceras condolências.

Veleiro francês à deriva ao largo dos Açores

Um veleiro francês, apenas com um tripulante, encontrava-se esta manhã à deriva, com os mastros partidos, ao largo da costa dos Açores.

O Comando Naval do arquipélago açoriano informou que o veleiro «Vidam», de três cascos, participava na regata transatlântica Rota do Rumo, cujas embacações navegam, presentemente, ao largo do Açores.

Entretanto, o Comando Naval conseguiu contacto, via rádio, com um navio espanhol, que se encontrava e 30 milhas do veleiro e se prontificou a socorrê-lo, dado que o envio de outros socorros demorariam dois a três dias.

As autoridades navais estão a tentar contactar outros barcos mercantes que eventualmente naveguem mais próximo, no sentido de colaborarem no auxílio ao navegador solitário, pois há possibilidade de agravamento do estado do mar.

Federação dos Médicos contra extinção de exame

A Federação Nacional dos Médicos (FNAM) acusou hoje, em conferência de Imprensa, o Ministério da Saúde e a Ordem dos Médicos de conluio quanto à extinção do exame de saída do internato complementar nos hospitais, que confere aos médicos o título de especialista.

O projecto de decreto-lei que o Governo enviou para apreciação «prevê que o título de especialista conferido sem concurso, com base na avaliação contínua, só sirva para os hospitais», afirmaram os dirigentes da FNAM, acrescentando que o mesmo exame que a Ordem realiza, e que é voluntário, se mantém.

Assim, segundo a FNAM, como o título de especialista conferido sem concurso só serve para os hospitais, «para as clínicas privadas ele é necessário e conferido pela Ordem. Com este regime, é o próprio Governo que classifica os doentes: os de primeira que vão para as clínicas privadas, e os de segunda, que são atendidos nos hospitais públicos». A Federação dos Médicos enviou já ao ministro da Saúde um pedido de audiência para debater esta questão.

A FNAM protestou ainda pela deficiente integração dos médicos no sistema retributivo da Função Pública (que tem «provocado grandes injustiças») e acusou o Governo de não estar a cumprir os seus próprios compromissos quanto ao descongelamento de escalões, que deveria ter tido lugar em Julho e ainda não se verificou.

Menéres Pimentel foi o segundo mais votado, na primeira volta

Pereira Delgado reuniu o dobro dos votos do seu adversário

Foram precisas duas voltas. Mas o juiz conselheiro Abel Pereira Delgado acabou por sair vencedor na escolha para o cargo da quarta figura do Estado

Novo presidente do Supremo afirma-se anti-conservador

O juiz conselheiro Abel Pereira Delgado, ontem eleito para presidir ao Supremo Tribunal de Justiça, considerou a sua escolha como «prova de que o conservadorismo está ultrapassado» neste órgão.

A declaração foi feita aos jornalistas, na sequência da eleição. Abel Delgado foi eleito à segunda volta, tendo recolhido 28 votos, contra 14, de Menéres Pimentel. Registaram-se dois votos em branco.

Solicitado a expressar a sua opinião acerca das relações entre a magistratura do Ministério Público e a de Direito, o juiz que passa agora a ocupar o lugar da quarta figura de Estado afirmou que «a última palavra cabe aos juízes e não ao Ministério Público».

Considerou não haver mais lugar para conservadorismos, sustentando que as decisões do passado podem ser hoje susceptíveis de alterações porque as leis também evoluem.

Como tarefas prioritárias do seu mandato referiu a contingentação de processos que cabem a cada magistrado, bem como a promoção de obras de reparação de partes do edifício onde está instalado o Supremo Tribunal de Justiça.

A propósito da contingentação, Pereira Delgado salientou ter solicitado, enquanto membro do Conselho Superior de Magistratura, um estudo que está a ser feito por magistrados representantes das três instâncias judiciais e que deverá estar concluído a curto prazo.

A votação de ontem começou às 14 horas e no acto participaram 44 dos 45 juízes previstos. Não compareceu o juiz Mário Brito, actualmente no Tribunal Constitucional. A eleição destinou-se a substituir Vítor Coelho, que atingiu, no passado dia 30, o limite de idade —70 anos.

A escolha do presidente do Supremo Tribunal de Justiça é um acto público. Não há candidaturas para o cargo, embora os juízes conselheiros costumem falar entre si antes do acto eleitoral. À partida, Abel Delgado, Menéres Pimentel e Manso Preto eram os nomes que se perfilavam com mais possibilidades de serem eleitos.

O processo exige a realização de uma segunda volta caso na primeira votação nenhum dos juízes conselheiros obtiver metade mais um dos votos validamente expressos.

Ontem, Abel Delgado teve 16 votos na primeira volta, Menéres Pimentel 13, Manso Preto 12 e Solano Viana, vice-presidente do Supremo Tribunal de Justiça e presidente do acto eleitoral, 3.

Abel Pereira Delgado fez toda a sua carreira de juiz, desde os tribunais de primeira instância. O mandato para que foi eleito é de três anos, renovável por mais um.

Inquilinos contestam novo arrendamento

Lei entra hoje em vigor

O regime de arrendamento urbano, que hoje entra em vigor, «não vai melhorar a situação desgraçada dos inquilinos». A crítica é de Eugénio Ramos, presidente da Associação dos Inquilinos Lisbonenses (AIL).

Em conferência de Imprensa, ontem realizada em Lisboa, Eugénio Ramos salientou que «o novo diploma refere os mesmos objectivos e utiliza os mesmos meios que a lei 46/87 com vista à dinamização do mercado de arrendamento».

A questão do mercado de arrendamento é fitícia já que, segundo o presidente da AIL, «há procura, mas não há oferta». Este adiantou que não há vontade política para resolver a situação. Daí a diferença existente entre a habitação em Portugal e os restantes países da Europa.

Para resolver este problema, Eugénio Ramos propõe, entre outras medidas, o apoio ao sector da construção de habitação, o fim do actual «escândalo» da especulação imobiliária e a expropriação de prédios degradados, existentes em Lisboa, pela Câmara Municipal.

A principal novidade do novo regime de arrendamento é a celebração de contratos a prazo certo, com a duração mínima de cinco anos. Outra alteração é a impossibilidade de uma casa alugada passar de pais para filhos, desde que os descendentes tenham mais de 26 anos, ou de filhos para pais, desde que estes tenham menos de 65 anos.

Os contratos de arrendamento com prazo certo são renovados, automaticamente, de três em três anos. Inquilino e senhorio podem opôr-se a qualquer das renovações, mediante notificação judicial, feita com um ano de antecedência.

Neste regime, a transmissão de posições contratuais não provoca qualquer alteração no conteúdo do contrato.

O proprietário pode denunciar o acordo, dentro do prazo estipulado, sem pagar qualquer indeminização ao arrendatário. Para isso, basta apresentar o contrato escrito e a certidão judicial de denúncia, para que o tribunal mande executar uma acção de despejo. No entanto, a desocupação pode ser adiada um ano se o juíz entender que existem motivos socais para isso.

O arrendatário poderá permanecer na casa desde que o tribunal declare que os prejuízos da desocupação seriam para o inquilino muito superiores às vantagens pretendidas pelo senhorio.

Os contratos com prazo certo apenas são permitidos nos casos de renda condicionada e em andares nunca arrendados.

O prazo dos arrendamentos celebrados por sociedades de gestão de investimentos imobiliários ou de fundos de investimento imobiliário só poderá ser fixado por portaria do governo. Os contratos têm a duração mínima de dois anos.

A partir do próximo dia 14 de Novembro, há três situações em que o senhorio não pode denunciar o contrato: desde que o inquilino tenha mais de 65 anos, se encontre na situação de reforma antecipada por doença ou invalidez absoluta e quando habita no prédio há mais de 30 anos.

O novo regime exige, além da redução a escrito do contrato, escritura pública para os contratos sujeitos a registo de contratos de arrendamento para o comércio, indústria ou exercício de profissão liberal.

Isabel-a-Católica nos altares?

Muçulmanos e judeus erguem-se do túmulo e protestam

Isabel- a- Católica poderá ser declarada santa pela Igreja de Roma, o que, a contecer, não deixará de provocar sérios problemas sociais em Espanha e até os portugueses poderão ter uma palavra a dizer.

Ainda no decorrer deste mês vai reunir a Congregação para a Causa dos Santos e no projecto de trabalho figura o estudo do processo de beatificação de Isabel-a-Católica, ao que informa a Curia romana. Perante a hipótese da beatificação da rainha quinhentista, os meios muçulmanos e judeus espanhóis já se pronunciaram, afirmando que tal facto «iria lançar um jarro de água fria sobre o clima de diálogo em que muçulmanos, católicos e judeus vivem desde o Concílio Vaticano II».

A possível beatificação está já a levantar numerosos problemas. O presidente da Associação de Muçulmanos Marroquinos Residentes em Espanha, Mohamed Chakor afirmou que « os crentes espanhois não católicos sofreram muito duramente na própria pele as consequências do tristemente famoso testamento isabelino *Pax intercristianos et bellum paganos* , onde se entende que os pagãos são os muçulmanos e os judeus.»

Chakor acrescentou que « uma elevada percentagem da população espanhola — muçulmanos e judeus — foi condenada à diáspora e ao extermínio durante os séculos XV e XVI por se manter fiel à sua fé» Por isso mesmo, o presidente da associação de muçulmanos é de opinião que «é desaconselhável reavivar feridas históricas neste momento em que a humanidade aspira a uma civilização baseada no amor.»

«O fanatismo e as guerras religiosas causaram à humanidade maior número de mortes do que a invenção das armas de fogo», disse ainda.

Em hibernação

O projecto de beatificação de Isabel de Aragão arrancou nos finais do século passado. Durante o franquismo o assunto foi recuperado pelo então ministro falangista da Educação, Ibáñez Martin, o qual, em 1951, transmitiu aos substitutos da Secretaria de Estado do Vaticano, Tardini e Montini (o futuro Paulo VI) as inquietações das senhoras católicas espanholas pelo atraso na resolução do problema.

No entanto, durante o pontificado de Paulo VI, a beatificação permaneceu em hibernação, talvez mesmo pela utilização emblemática que o franquismo fez daquela raínha, transformada em forjadora da nação espanhola.

A Santa Sé recebeu mais de 27 volumes e cerca de 80 mil documentos sobre os méritos da soberana, em cujo reinado foram expulsos de Espanha centenas de milhares de judeus e árabes,a maioria dos quais escolheu Portugal como nova pátria, antes que João III decisse, para pior, seguir o exemplo da vizinha. A isto, há que acrescentar a eficácia dos inquisidores —cuja actuação era, em grande parte, controlada pela própria raínha — que se mostraram especialmente contundentes para com os conversos.

É nesse sentido que Samuel Toledano, presidente da Federação das Entidades Israelitas em Espanha, se pronunciou, afirmando que a iniciar-se o processo «se iria contra a corrente de bom entendimento que tem havido nos últimos anos, tanto a nível espanhol como da própria Igreja Católica». Na sua opinião seria «uma ideia peregrina» chegar-se a dar luz verde a este processo de beatificação.

Questão de publicidade

A tentativa de aceleração por parte de Madrid do processo de beatificação de Isabel-a-Católica faz parte de um projecto global de publicidade às manifestações comemorativas da chegada dos espanhois à América.

Na verdade, foi Isabel quem aceitou a proposta de Colombo para a descoberta (ou redescoberta) das Américas e os promotores das manifestações comemorativas, talvez mais que os fieis, esperam que a beatificação venha a concretizar-se em 1992, precisamente quando se cumprem os 500 anos da chegada de Colombo ao que, muito ignorantemente, supunha ser a Índia.

Mas, para além da manobra publicitária, para aquela senhora que querem elevar aos altares, é também a data da primeira expulsão dos judeus, que precedeu a dos mudéjares, e o início dos cadafalsos, cujas chamas acabavam por elevar aos céus umas boas dezenas de milhares de almas «impuras».

Roby Amorim

As megociações goraram-se. Os funcionários da Administração Central e Local, os professores e os quadros técnicos do Estado não aceitam aumentos inferiores a 13,5 por cento

Greve no ensino e na Administração

Os trabalhadores da Administração Central e Local e os professores realizam uma greve nacional no dia 20, decidiu ontem a comissão negociadora da Plataforma Reivindicativa. O anúncio foi feito depois de uma reunião negocial realizada com representantes do Governo.

Na referida reunião, segundo declarações prestadas por Carlos Mamede, coordenador da Federação Sindical da Função Pública, o Governo manteve a sua proposta e recusou-se a aplicar à Função Pública o que acordou na concertação social, propondo para a tabela salarial aumentos inferiores a 13,5 por cento.

Neste contexto, os sindicatos anunciaram a greve para 20 de Novembro, sendo decisiva a reunião com o Governo agendada para quarta-feira da próxima semana.

Também o Sindicato dos Quadros Técnicos do Estado (STE) anunciou, ontem, uma greve de 24 horas para a mesma data, por se terem gorado negociações salariais com a secretária de Estado do Orçamento.

Uma fonte do STE afirmou que a secretária de Estado, Manuela Leite, não aceitou uma actualização de 13,5 por cento na tabela salarial e propõe-se discutir apenas um aumento de 13,5 por cento que abarque todas as parcelas de natureza remuneratória.

Por seu turno, o STE afirma negociar apenas com uma base mínima na tabela de 13,5 por cento.

Rui Vasco

O «cordão humano» organizado, a 30 de Outubro, por trabalhadores da Função Pública antecedeu a greve nacional ontem anunciada para dia 20

Fenprof: inaceitável

O Secretariado Nacional da Federação Nacional de Professores (Fenprof) anunciou ontem a que a convocação da greve nacional de professores, em protesto contra a insatisfatória situação negocial referente à revisão salarial, visa ainda sublinhar o empenhamento dos professores na luta por outras reivindicações e será antecedida por outras iniciativas, em particular a realização, a 15, de plenários distritais.

Segundo um comunicado ontem divulgado, o Secretariado Nacional da Fenprof considera «ultrajante» e «inaceitáveis» as propostas governamentais, por «discriminatórias dos trabalhadores da Administração Pública». Critica, nomeadamente, o facto de o Governo ter assumido o compromisso, como órgão de soberania, de aumentos na tabela salarial de 13,5 por cento e de «tentar impor», enquanto patrão, 11,5 por cento, para os seus trabalhadores.

A Fenprof alega ainda que o Governo persiste em «não contar integralmente o tempo de serviço prestado na docência» e que procede ao pagamento das horas extraordinárias «com valores inferiores aos da própria hora normal».

O comunicado sublinha, por outro lado, que a política salarial praticada em relação aos professores contradiz o desígnio governamental de eleger a educação como prioridade nacional. Acrescenta, neste domínio, que assim, o Governo «inevitavelmente afasta os trabalhadores que o sistema educativo tanto necessita».

O Secretariado da Fenprof lamenta ainda aquilo que designa por «incrementação de uma reforma educativa à margem da classe», a qual está a provocar «uma progressiva desvalorização da profissão e um profundo mal-estar nos professores», conduzido «ao abandono da profissão, hoje bem patente na falta de inúmeros professores qualificados».

Rescisão de contratos na IVA

Sindicato denuncia irregulariades

O Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas do Sul denuncia, em comunicado, as pressões sofridas pelos 46 trabalhadores da empresa Recauchutagem IVA, em Setúbal, para rescindirem os contratos de trabalho, num processo de transferência de propriedade que a organização sindical considera pouco clara.

No seu comunicado, a organização, filiada na CGTP, denuncia não só a pouca transparência da compra e venda da empresa, como a morosidade com que procedeu a Direcção das Relações Colectivas de Trabalho e põe em causa se o IAPMEI fiscalizou a utilização das verbas que disponibilizou à IVA. Segundo o comunicado sindical, em Julho do ano passado Alfredo Vieira Pedro e Judite Vida Pedro, respectivamente director e representante da AVP-Interprises, Inc. (com sede nas Ilhas Cayman), celebraram com o então proprietário da IVA, José Francisco Rodriguês André, uma escritura pela qual «este último lhes cedia a totalidade das quotas», tendo ficado expresso que a empresa «não possuia quaisquer bens imóveis».

No entanto, alguns meses antes, em Fevereiro, Alfredo Pedro, em nome próprio, celebra com Rodrigues André um contrato de promessa de compra e venda de um prédio rústico «em que se encontram as instalações da IVA», afirma o sindicato, acrescentando que ficou convencionado que o pagamento seria feito em várias prestações, até à data da escritura.

Negócio pouco claro

Mas em Março deste ano, a AVP-Interprises «constituiram penhores mercantis a favor de José Rodrigues André, anterior proprietário da IVA, por falta de pagamento das obrigações vencidas relativas ao contrato de compra e venda do referido terreno», refere o comunicado sindical.

O Sindicato das Indústrias Químicas do Sul denuncia ainda o facto de a empresa se ter candidatado e recebido do IAPMEI «um incentivo financeiro a fundo perdido no montante de 24.140 contos e destinado a aquisição de activo fixo corpóreo, tendo sido desbloqueada no primeiro semestre de 1990 a quantia de 15.447 contos».

No comunicado, estrutura sindical afirma que a verba foi desviada: «Segundo informação dos trabalhadores daquela empresa, a verba atribuída pelo IAPMEI não se destinou à empresa, mas sim ao pagamento das referidas obrigações já vencidas, relativas ao terreno que o sr. Alfredo Vieira Pedro prometeu comprar em seu nome próprio».

Trabalhadores pressionados

Um ano após a compra da IVA, em Agosto deste ano, o seu novo proprietário «anunciou abruptamente aos 46 trabalhadores, e sem respeitar o regime jurídico da cessação de contrato, que iria proceder ao seu despedimento colectivo», afirma no comunicado o sindicato, acrescentando que só após a sua intervenção Alfredo Pedro «dirigiu a todos os trabalhadores a correspondente carta, em que prometia pagar-lhes a indemnização a que tinham direito».

A 13 do mesmo mês, o sindicato solicita então ao director-geral das Relações Colectivas de Trabalho que assegure a regularidade no processo de negociação do despedimento colectivo e promova a conciliação entre as partes, pedindo uma reunião para discutir o problema da IVA. Mas, segundo a organização sindical, não teve resposta.

Novo ofício foi dirigido àquela entidade, mas entretanto o proprietário da empresa pressionou os trabalhadores, «oferecendo à maioria muito menos de metade daquilo a que tinham direito», denuncia o Sindicato das Indústrias Químicas do Sul.

O sindicato acusa também a direcção das Relações Colectivas de Trabalho por, perante a «gravidade da situação», não ter actuado imediatamente.

«Fomos surprendidos, dia 17 ou 18, por uma chamada telefónica das relações Colectivas de Trabalho, em que nos comunicavam que a reunião iria ser alterada, a pedido de Alfredo Pedro, que alegou que o seu advogado se encontrava no estrangeiro e que não dispensava os seus serviços para aquela reunião», lê-se no comunicado sindical.

A reunião entre as partes foi então agendada para 2 de Outubro, quando tinha já terminado o prazo de negociação. Mas no dia anterior ao encontro, os sindicalistas afirmam que receberam «outra comunicação da mesma entidade, a dizer-nos que Alfredo Pedro se encontrava indisponível para ir à reunião, por quanto já negociara com todos os trabalhadores».

Demissão na ASP de Coimbra

O secretário da direcção distrital de Coimbra da Associação Sócio-Profissional da PSP (ASP) demitiu-se ontem do cargo. José Gomes Ferreira Raul apresentou o seu pedido de demissão por discordar das linhas de actuação seguidas pela direcção nacional da ASP.

Alegou haver na ASP situações que «não se enquadram» nos ideais que diz ter defendido durante vários anos.

BOLETIM DE ASSINATURA

ASSINE O **Diário de Lisboa**

NÃO PERCA NENHUMA EDIÇÃO!

Pretendo assinar a partir do dia ___/___/___ Pelo período de

1 ANO — 18 000$00
6 MESES — 9 000$00
3 MESES — 4 500$00
1 MÊS — 1 500$00

Nome _____

Morada _____

Código Postal _____

Junto envio cheque vale do correio

• Numeros atrasados 70$00 cada • Mudança de endereço 150$00 • Por períodos mínimos de 6 meses poderá também assinar o «Diário de Lisboa» uma vez por semana, embora sempre a edição do mesmo dia da semana sendo para esse período, o preço de 1 850$00 • **Informação ao assinante:** os preços acima indicados levam em conta que o jornal beneficia do porte pago postal no território nacinal até 100 gramas, pelo que os encargos postais ali incluidos são apenas os do excesso de peso que todos os dias existe Se por algum motivo este benefício for retirado, aqueles preços terão de ser imediatamente alterados em conformidade

Enviar para: DIÁRIO DE LISBOA — Assinaturas
Rua Luz Soriano, 44 — 1200 LISBOA

COMARCA DE LISBOA
15.º JUÍZO CÍVEL

3.ª Secção **Proc. n.º 5045/A**

ANÚNCIO

– Faz-se saber que no dia 20 do próximo mês de Novembro pelas 10 horas, neste tribunal há-de ser posto em praça para ser arrematado pelo maior lanço oferecido, acima do indicado, os bens abaixo identificados, penhorados ao executado JOAQUIM CARLOS MONTEIRO, residente na Rua de Olivença n.º 3-1.º A, AMADORA, na execução de Sentença que lhe move ETECNO I, com sede na Strada Provinciale di Sala Baganza, 5/C, 43044 Collecchio, Parma, Itália e de que é depositário a Sociedade MONTAUDIO — Equipamentos Técnicos e Gestão, Ld.ª.

BENS A ARREMATAR

— Uma quota que o executado possui na Sociedade Montaudio — Equipamentos Técnicos e de Gestão, Ld.ª, com sede na Expansão Poente da Amadora, lote 2 — loja Esq.ª, freguesia da Venteira, que será posta em praça pelo valor mínimo de Esc.: 100 000$00.

Lisboa, 17 de Outubro de 1990

A Juiz de Direito
Ana Paula Lopes Martins Boularot

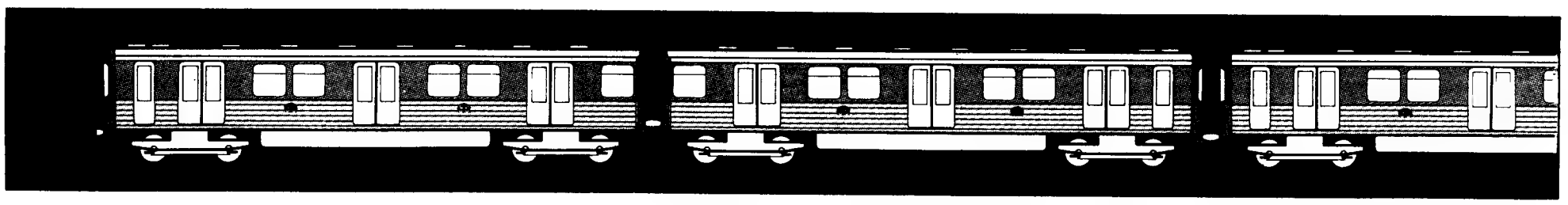
A Escrivã Adjunta
Teresa Maria Pereira Cleto

«DL» — 2.ª Pub. — 8/11/90

Não queremos pisar Lisboa.

Gostamos de ser um meio de transporte que respeita o ambiente.

Respeitamos o azul do céu, a suavidade do ar, a doçura da paisagem.
Lisboa merece-o. É a nossa cidade!
E você merece o melhor serviço:
— transporte rápido que o leva do Rossio a Alvalade em 10 minutos ou do Rossio à Cidade Universitária em 11 minutos;
— transporte seguro em que o elevado aperfeiçoamento tecnológico lhe garante viagens em que não corre qualquer risco.
Você e Lisboa, acredite, são os nossos preferidos!
Se alguma vez o incomodarmos, a si ou à cidade, é apenas porque queremos crescer.
E não há crescimento sem crises.
Crises temporárias, normais em todo o crescimento saudável.
Já pensou como seria Lisboa sem Metro? E se ele não crescesse mais?



MKM markimage

METROPOLITANO DE LISBOA, E.P.

Respeito pelo ambiente; Rapidez; Segurança.

Kostadinov: golo n.º 2

Como ficou o cartaz

Está quase concluída nova etapa das competições do futebol uefeiro, faltando apenas realizar hoje a partida Partizan-Real Sociedad (que conta a Taça UEFA), com mais uma travagem de clube português: o Estrela da Amadora junta-se ao Benfica e ao Vitória de Guimarães, derrubados logo na eliminatória inicial.

Nas Antas, o Porto esteve perfeitamente à vontade na recepção ao Dínamo de Bucareste, enquanto o Sporting, na viagem a Timissoara, conseguiu (com grande dificuldade) administrar a preciosa vantagem que levava de Alvalade. Assim, a dupla de «teams» romenos que foram nossos opositores ficaram na margem da estrada e, agora, tanto os «dragões» («Taça dos clubes campeões europeus») como os «leões» («Taça UEFA») já apenas pensam no sorteio indicativo dos próximos adversários que, para os *verde-brancos*, se realiza amanhã, em Zurique.

Recorde-se que a nova etapa da «Taça UEFA» tem jogos a 28 do corrente e 12 de Dezembro, enquanto a «Taça dos Clubes Campeões Europeus» e a «Taça dos Vencedores de Taças» prossegue a 6 e 20 de Março.

Desfechos da ronda destasemana nas três provas.

Taça dos Campeões	1.ª mão	2.ª mão
CSKA (Bulg.)-**Bayern Munique** (RFA)	0-4	0-3
Malmoe (Suécia)-**Dínamo Dresden*** (RDA)	1-1	1-1
Glasgow Rangers (Esc.)-**Estrela Vermelha** (jug.)	0-3	1-1
FC PORTO-Dínamo Bucareste (Roménia)	0-0	4-0
Tirol (Áustria)-**Real Madrid** (Espanha)	1-9	2-2
Spartak Moscovo* (URSS)-Nápoles (Itália)	0-0	0-0
FC Bruges (Bélgica)-**AC Milão** (Itália)	0-0	0-1
Marselha (França)-Lech Poznan (Polónia	2-3	3-1
* — **Apurado o Spartak por grandes penalidades (5-3).**		
** — **Apurado o Dínamo por grandes penalidades (5-4).**		
Taça das Taças		
Barcelona (Espanha)-Fram Reykjavik (Islândia)	2-1	3-0
Wrexham (País Gales)-**Manchester United** Ingl.)	0-3	0-2
Dukla Praga (Checosl.)-**Dínamo Kiev** (URSS)	0-1	2-2
Sampdória (Itália)-Olympiakos Pireu (Grécia)	1-0	3-1
Steaua Bucareste (Rom.)-**Montpellier** (França)	0-5	0-3
ESTRELA DA AMADORA-**FC Liège** Bélgica)	0-2	1-0
Légia Varsóvia (Polónia)-Aberdeen (Escócia)	0-0	1-0
Juventus (Itália)-Áustria Viena (Áustria)	4-0	4-0
Taça UEFA		
Inter Bratislava Checosl.)-**Colónia** (RFA)	1-1	0-2
B. Dortmund (RFA)-Universitatae Craiova (Rom.)	3-0	1-0
Bordéus (França)-Magdeburgo (RDA)	1-0	1-0
Ferencvaros (Hungria)-**Brondby** (Dinamarca)	0-3	0-1
Admira Wacker (Áustria)-FC Lucerna (Suíça)	1-0	1-1
Bolonha (Itália)-Hear Midlothian (Escócia)	1-3	3-0
Bayer Leverkursen (RFA)-Katowice (Polónia)	2-1	4-0
Atalanta (Itália)-Fenerbahce (Turquia)	1-0	4-1
Politechnica Timisoara (Roménia)-**SPORTING**	0-7	2-0
Roma (Itália)-Valência (Espanha)	1-1	2-1
Mónaco (França)-Chernomorets Odessa (URSS)	0-0	1-0
Anderlecht (Bélgica)-Omonia Nicósia (Chipre)	1-1	1-0
Dundee United (Escócia)-**Vitesse** (Holanda)	0-1	0-4
Inter Milão (Itália)-Aston Villa (Inglaterra)	0-2	3-0
Sevilha (Espanha)-**Torpedo Moscovo** (URSS)	1-3	2-1
HOJE		
Partizan Belgrado (Jug.)-Real Sociedad (Esp.)	0-1	

Taça dos Campeões: Porto, 4-Dínamo de Bucareste, 0

Porto de Honra servido nas Antas

Dois golos de Kostadinov na primeira meia hora de jogo, abriram caminho à vitória e à qualificação do FC Porto frente aos romenos do Dínamo de Bucareste, na segunda eliminatória da Taça dos Campeões Europeus.

O FC Porto que entrou em campo disposto a resolver a eliminatória o mais cedo possível, esteve a «um passo» da goleada, apenas não o conseguindo por manifesta infelicidade.

A partida iniciou-se praticamente com o primeiro golo portista que aproveitando da melhor maneira um certo nervosismo da equipa visitante, logrou «abrir o activo» por intermédio de *Kostadinov* após solicitação da esquerda de Domingos.

O Dínamo, que tentou reagir ao tento portista, exagerava nos cruzamentos laterais, sentindo dificuldades na transposição defesa-ataque.

Disto se aproveitou o FC Porto que aos 25 minutos e através de um passe do brasileiro Paulo Pereira, que viu muito bem a desmarcação de *Kostadinov* pelo meio dos centrais contrários, lhe endossou o esférico tendo o búlgaro ao serviço dos «azuis-brancos» ensejo de «bisar» rematando a bola para o fundo das redes, quando Stelea já se preparava para fazer «a mancha».

Até ao intervalo manteve-se o ritmo, com o FC Porto a dispor das melhores ocasiões de golo.

Por seu lado, o Dínamo pagava caro a sua inércia atacante e as facilidades concedidas no extremo reduto defensivo, para o que muito contribuiu também a boa exibição de Domingos e Kostadinov.

Se na primeira parte tinha ficado evidente a enorme superioridade da equipa portuguesa, a etapa complementar só veio confirmar ainda mais esse domínio técnico-táctico.

Domingos, aos 48 minutos esgueirou-se mais uma vez à vigilância dos defesas romenos, e quando já dentro da área se preparava para atirar ao golo foi agarrado por Matei, tendo o árbitro italiano assinalado de pronto a marca de grande penalidade. O castigo máximo foi apontado por *Geraldão* desferindo um pontapé forte e colocado para o lado direito da baliza de Stelea, que nada pôde fazer para evitar o terceiro tento da equipa portista.

Este golo transformou então a equipa romena numa «manta de retalhos», pois via fugir-lhe definitivamente a hipótese de ganhar a eliminatória.

Neste período do encontro pairou a ideia de que talvez fosse possível a goleada, tendo os jogadores do FC Porto executado excelentes jogadas de ataque que não culmimaram em golos por manifesta infelicidade.

O ataque desenfreado dos portistas poderia no entanto ter-lhe causado alguns dissabores, já que os romenos vendo a eliminatória perdida, «abriram» e começaram a aparecer com algum perigo junto da baliza de Vítor Baía. Mas foi o FC Porto que aumentou o resultado, quando aos 63 minutos Kostadinov «retribuiu o favor» a *Domingos* endossando-lhe a bola, depois de se ter isolado no lado esquerdo, com o avançado «azul-branco» a obter o golo mais espectacular da partida.

Kostadinov: dois golos

Arbitrou por forma a justificar nota 20 o italiano Túlio Lanese e as equipas alinharam:

F.C. do Porto: Vítor Báia; Fernando Couto, Aloísio, Geraldão e Paulo Pereira (Morgado, aos 72 minutos); Kiki, Jaime Magalhães (Jorge Couto, aos 72 minutos), Semedo e André; Kostadinov e Domingos.

Dínamo de Bucareste: Stelea; Mihaescu, Eduard (Marcu, aos 45 minutos), Rednic e Matei; Dobos, Pana, Cheregi e Damaschin; Fulga (Raducanu, aos 68 minutos) e Zamfir.

Rematadores certeiros: Kostadinov (3 e 25 minutos), Geraldão (aos 49 de grande penalidade) e Domingos (63).

Golo de abertura festejado pelo marcador Kostadinov e pelo seu parceiro Paulo Pereira

ACEITAMOS REVENDEDORES
PARA O CONTINENTE E ILHAS
PREÇOS ESPECIAIS
PARA REVENDA

CLINFOR, LD.ª

CENTRO COMERCIAL GÁLIA
AV. ALM. REIS, N.º 123, LOJA 10
TEL. 52 68 20 — FAX 80 82 73
1000 LISBOA

AT 386 SX
1 MB RAM 16 MHZ
1 DRIVE DISCO 40 MB
MONITOR MONO
★
TOPIS 349 000$
CITY DESK (a) 399 000$
SAMSUNG (b) 399 000$
HYUNDAI 359 000$
(a) 2 MB RAM 20 MHZ
(b) 2 MB RAM

XT
640 KB RAM
1 DRIVE DISCO 30 MB
MONITOR MONO
★
TOPIS (a) 189 000$
CITY DESK 165 000$
HYUNDAI 195 000$
COMMODORE 185 000$
(a) 1 MB RAM

AT 286
1 MB RAM 12 MHZ
1 DRIVE DISCO 30 MB
MONITOR MONO
★
CITY DESK 299 000$
HYUNDAI 285 000$

ASSISTÊNCIA
TÉCNICA
GARANTIDA
ATENDIMENTO
PERSONALIZADO
ASSISTÊNCIA
PÓS-VENDA

IVA INCLUIDO

Taça das Taças: Estrela, 1-Liége, 0

Faltou o brilho da continuidade

É isso. Faltou o brilho para que o Estrela seguisse na rota da segunda mais importante competição futebolística organizada sob a égide da UEFA. Ao zero-dois de Liège não bastou o golo averbado pelo inconformado brasileiro Duílio (que notável sentido profissional tem este futebolista!). Foi pena que assim sucedesse, uma vez que a equipa, que constitui um padrão de orgulho da boa gente da Amadora, bem se esforçou para justificar a continuidade. Esforço sem medida, empenhamento de elevada bitola, disciplina táctica sem hiatos, clarividência na dinâmica do jogo, ligação acertada entre todos os «compartimentos» da esquematização colectiva, objectividade na desbobinação dos lances, o sentido colectivista. Todos estes preceitos foram colocados sobre a «mesa de jogo». estes e alguns mais sendo legítimo outorgar um voto de aplauso ao brio, inconformismo, fulgor e espírito de luta patenteado por todos os elementos que Manuel Fernandes escalou para a difícil missão de tentar «sacudir» da prova, uma equipa formada por 10 internacionais belgas e que tem como técnico um dos mais esclarecidos e competentes «experts» europeus. George Waseige é o seu nome.

Duílio ergue a plateia

Durante a primeira fase do confronto as ordens eram ditadas pelos portugueses a actuar em estilo de elogiável empolgamento. As ausências dos lesionados (Álvaro, Agatão e Pedro Xavier) e dos castigados (Valério e Dimas) não se fazia sentir, porque os seus parceiros de serviço, actuavam em obediência ao esquema idealizado pelo excelente «tratadista da ciência futebolística» que, no momento presente assume a responsabilidade técnica do Estrela amadorense.

Como corolário natural da supremacia evidenciada pela turma lusa, surgiu a justa materialização quando, no minuto 31, Duílio converteu (como ele muito bem sabe) um livre a punir carga de Giusto sobre o nigeriano Ricky. De «longa distância», o disparo certo que «fuzilou» o seguro Munarom. A recuperação adivinhava-se na plateia. Os milhares (não muitos) assistentes transmitiam confiança através de contínua incitação. O golo rubricado por Duílio fez içar os corpos poisados sobre o molhadinho granito das bancadas. E no minuto imediato ao tiro certeiro do «capitão» Duílio, este fez uma entrega primorosa (pela aferição e precisão do passe) a Abel Campos que levantou a alça e disparou o canhão com erro milimétrico, já que a «esfera» foi bater estrondosamente no meio da trave da baliza belga.

Um remate pleno de força, que bem merecia ter dado o «golo da quarta-feira europeia». Seria um golo de bandeira, daqueles que a nossa televisão mostra com chancela de outras origens. Seria o delíriio no belo palco do bonito Estádio José Gomes e certamente o «visto» para a continuidade que todos desejávamos. Em todo o caso importa elogiar os intérpretes da excelente jogada (Duílio e Abel Campos) e bem se justificaram os aplausos que se fizeram escutar. Estava-se no período em que o Liège (equipa dotada de elementos de requintado tecnisicmo e inquestionável vigor físico-atlético) tremia perante tanto inconformismo, tanto empolgamento, tanto empenhamento e tanta disciplina estratégica. Chegou o intervalo. A esperança mantinha-se. A confiança estava redobrada pelo golo no activo e pelo comportamento dos «eleitos» de Manuel Fernandes.

Nervos controlados

Continuando a jogar «em todo o terreno», o Estrela mantinha domínio total. Ânimo forte e nervos controlados. Era bom que assim sucedesse para que o esclarecimento não baqueasse nem a visão de jogo entrasse em falência. Todos os jogadores de estrela ao peito prosseguiram com garra insuperável, actuando em estilo britânico com passes largos em estilo futebol «rasgado», tudo feito com rapidez e precisão, mas os belgas mantinham o «dique» bem montado com Machiels (n.º 3), De Sart (5) e Guisto (6) a actuarem com extrema segurança e redobrada atenção. Muito por isso, mas também por imperícia umas vezes, precipitação outras e fatalismo em determinados momentos, o golo da festa não chegou (nem chegaria).

No final, a festança pertenceu aos 150 belgas que acompanharam a sua equipa, mas os adeptos do Estrela (e demais portugueses que presenciaram o espectáculo) saíram do estádio com a convicção que o clube da Amadora abandona a competição com prestígio bem vincado.

Muito bem

Dirigiu a partida o irlandês Spillaine (tendo como colaboradores John Purcell e Oliver Cooney). Actuação fincada nos preceitos determinados pelo International Board. Não observámos a mais pequena falha de interpretação. Sobriedade, boa coordenação com os auxiliares, excelente preparação física, serenidade nos gestos, atenção cuidada nos lances de choque, discernimento quando, num ou noutro caso, os intérpretes actuavam com dureza ou colocavam violência no contacto. Numa palavra: impecável.

Alves Henriques

Duílio: o golo que não bastou

Jogo no Estádio José Gomes. **Árbitro:** John Spillane, da República da Irlanda, auxiliado por John Purcell e Oliver Cooney.

AMADORA — Melo; Abel Xavier, Duílio e Rebelo; Abel Campos, Marito, Miranda, Paulo Bento e Paulo Jorge; Ricky e Baroti. Substituição: Baroti por Mendes (70m).

LIÉGE — Munaron; Wegria, Giusto, De Sart e Machiels; Quain; Ernst, Milosevic e Houben; Krncevic e Malbasa. Substituição: Houben por Boffin (78m).

Marcador: Duílio (33m).

Disciplinarmente Duílio e Krncevic foram «contemplados» com a cartolina amarela.

Francisco Paraíso

Ricki: o melhor saltador

Francisco Paraíso

Duílio: remate e golo

Estrela: a ordem era para atacar

Francisco Paraíso

Barotti: exibição sem brilho

A.M.A.
Auto Monumental de Arcozelo S.A.
Audi
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

ECONOMIA

No 2º Salão do Som e da Imagem, a decorrer na FIL, o público pode apreciar várias novidades e melhorias nos aparelhos de som e imagem

O futuro audiovisualizado

Está interessadíssimo em acompanhar o Telejornal mas tem de vigiar o cozinhado. Não tenha problemas. Coloque uns auscultadores sem fio e faça o que tem a fazer sem perder pitada.

Quer viver o ruído típico de um estádio de futebol ou de um clube de *jazz* sem sair de casa? Não tenha problemas. Com o leitor de *cassettes* ou o autorádio adequado recria o ambiente que o seu humor ou a sua disposição está a pedir.

Quer dar a volta a Portugal no seu automóvel a ouvir CD sem ter de os mudar? Não tenha problemas. Há quem lhe ofereça um autorádio leitor de *compact-disc* (CD) concebido para ser instalado, de forma segura, na bagageira do automóvel, onde até fica mais seguro, com capacidade para dez CD.

Até lhe dava jeito que a sua câmara de vídeo fosse mais leve, com um sistema de focagem melhor e mais feita às suas mãos. Não tenha problemas. Há (muito) por onde escolher.

Por outras palavras, há novidades que justifiquem uma deslocação à FIL para ver o 2º Salão Internacional do Som e da Imagem (Vidaudio), apesar de algumas marcas terem lançado os seus produtos novos nos últimos meses.

A decorrer até ao próximo dia 11, esta mostra proporciona aos visitantes o contacto com alguns produtos desconhecidos, até agora, em Portugal.

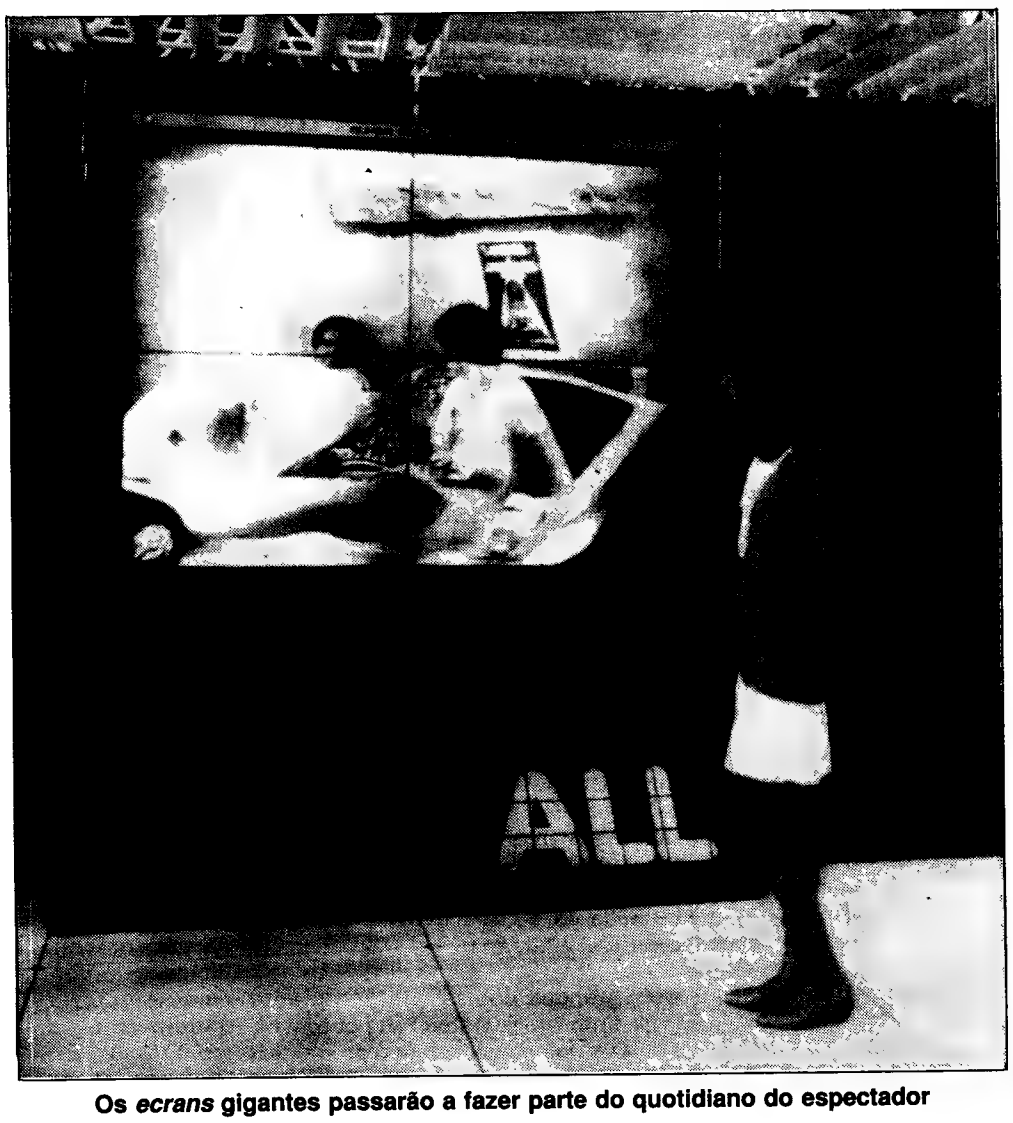
É o caso do primeiro televisor *multistandard*. Com meses de existência, este produto é quase feito "à mão" e, entre outras características, tem 40 *watts* de saída de som e um sistema *dolby surround system*, que lhe permite ouvir "a sério" a passagem de um avião, o piar de um pássaro ou uma corrida de Fórmula 1.

Mas nem só de novidades se compõe esta segunda edição da Vidaudio. Existem muitas versões melhoradas de vídeos, TV, aparelhagens sonoras, *écrans* gigantes, autorádios, além, claro, das versões já colocadas no mercado.

Mercado em expansão

Factor comum a todos os responsáveis pelas grandes marcas expostas é o contentamento pela recepção que o mercado tem dado a estes produtos.

Se o vídeo está a conhecer uma grande saída não deixa de ser acompanhado por uma grande procura do televisor. Esta poderá ser justificada pela compra do segundo, terceiro e mesmo quarto televisor, destinado ao quarto do casal, dos filhos, à cozinha, ao computador ou ao campismo.



Os *ecrans* gigantes passarão a fazer parte do quotidiano do espectador

Houve quem nos dissesse, a propósito da procura de televisores com *écran* de dimensão mais reduzida: «Não há mãos a medir. Até já tivémos ruptura ' *stocks*».

"Auto" domina

Contudo, pelos números apurados pelo Instituto Nacional de Estatística, que a associação dos grossistas do sector (AGEFE) nos fa[illegible]ou, os produtos cuja importação está a registar um crescimento acentuado são os auto-rádios e os leitores de CD.

Assim, no primeiro caso, passou-se de 240 mil exemplares importados em 1988 para 286 mil no ano passado e para 145 mil nos primeiros cinco meses do ano corrente.

Os números homólogos respeitantes aos leitores de CD foram 60 mil, 65 mil e 29 mil, respectivamente.

Os números das importações de aparelhos de reprodução e gravação de vídeo, televisores a cores e câmaras de vídeo, por sua vez, apresentam quebras acentuadas, o que indiciará a substituição do leitor/gravador de vídeo pelo leitor de CD enquanto produto mais consumido.

Fábrica de Tractores no Montijo

A Valmet Tractor lançou, ontem, no Montijo, a primeira pedra do que será também a primeira unidade fabril em Portugal do sector de tractores agrícolas e seus componentes.

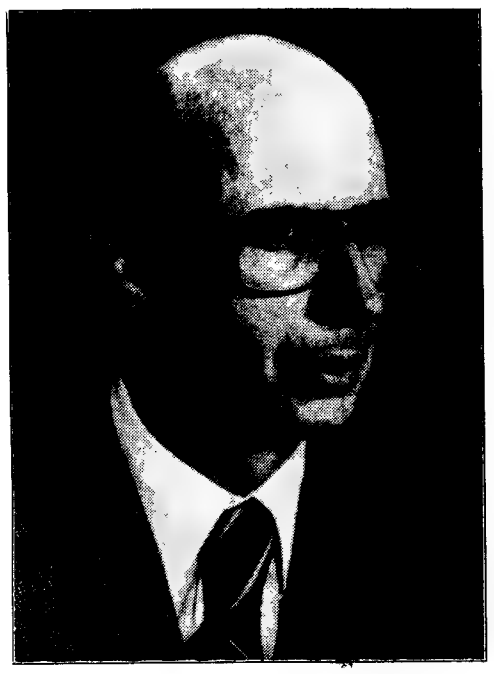
A fábrica, destinada ao mercado português, a toda a área mediterrânica e aos países africanos de língua oficial portuguesa, vai ocupar uma área de 150 mil metros quadrados, produzirá cinco mil tractores por ano e vai criar 400 postos de trabalho.

Com um investimento global de 4,5 milhões de contos e incentivos de 36 por cento por parte do Governo, no valor de um milhão e quinhentos mil contos, a Valmet exportará 70 por cento da produção, nomeadamente componentes para as filiais no Brasil e na Finlândia.

Segundo os responsáveis da empresa, a série Valmet 8000 constitui «o que há de mais recente ao nível do design tecnológico de tractores». A Valmet Tractor lançou, entretanto, o Autocontrol II, considerado «o mais moderno sistema de gestão informatizada».

III Congresso do Comércio com olhos postos na Europa

«Que Comércio, que Serviços, que País?», é o lema do III Congresso da CCP, Confederação do Comércio Português, que vai realizar-se, em Lisboa, nos dias 30 de Novembro, 1 e 2 de Dezembro.



Manuel Gamito: «Não abdicamos da intervenção política»

Manuel Gamito, presidente da CCP, disse, ontem, em conferência de imprensa, que pretende com este Congresso do Comércio e dos Serviços «assumir sem sofismas o protagonismo da defesa dos interesses legítimos das empresas de serviços, com os olhos postos no futuro, mais precisamente em 1993».

Para a CCP está em causa «o privilégio e a responsabilidade» de representar 250 mil empresas do comércio e dos serviços. «É a data de todos os desafios», acentuou Manuel Gamito.

A discussão em torno do futuro da economia portuguesa, segundo o responsável da CCP, vai ser a grande preocupação deste congresso, daí terem sido escolhidos temas como a «Terciarização da Economia Portuguesa», a «União Económica e Monetária» e a «Harmonização Fiscal Europeia».

A evolução do aparelho comercial nacional, o comércio europeu e as grandes transformações nos circuitos de distribuição e o papel dos mercados abastecedores municipais, serão questões cujo congresso não irá esquecer.

Por outro lado, como disse ao **DL**, Manuel Gamito, a qualidade dos serviços é uma tónica em que se vai incidir, partindo do pressuposto que todos nós somos consumidores e temos, por isso, direito a ser bem servidos. Esta matéria será abordada por François Clemet, um dos especialistas convidado, cuja intervenção tem por tema «O Comércio e a Excelência do Serviço. O Comércio e a Satisfação do Cliente».

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	46$20	52$20
ALEMANHA (marco)	87$75	88$95
ÁUSTRIA (xelim)	12$50	12$70
BÉLGICA (franco)	4$077	4$327
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	110$55	113$05
(notas de 5 a 1000)	111$05	113$55
DINAMARCA (coroa)	22$95	23$35
ESPANHA	1$364	1$484
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	129$40	132$90
(notas de 5 a 1000)	129$90	133$40
FINLÂNDIA (marka)	36$75	37$35
FRANÇA (franco)	26$15	26$85
HOLANDA (florim)	77$95	79$05
IRLANDA (libra)	234$55	238$55
ITÁLIA (lira)	$106	$121
JAPÃO (iene)	$980	1$035
NORUEGA (coroa)	22$50	23$00
REINO UNIDO (libra)	256$10	260$60
SUÉCIA (coroa)	23$50	24$00
SUÍÇA (franco)	103$90	105$40
VENEZUELA (bolívar)	2$397	3$197

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de selo [illegible]

CULTURA

Pesquisa e trasferência da informação em 10 colóquios na Biblioteca Camões

No intuito de «preencher uma grave lacuna (em matéria de métodos e técnicas para a pesquisa da informação em geral)» nos currícula escolares, designadamente no âmbito do ensino pré-universitário e universitário, a Biblioteca Municipal Camões leva a efeito, durante este ano lectivo e em colaboração com a Unidade de Investigação em Pesquisa da Informação da Universidade Internacional para a Terceira Idade, um ciclo de dez colóquios subordinados ao tema «Uma Metedologia para a Pesquisa e Transferência da Informação», os quais decorrem na sala de Actividades daquela Biblioteca, no Largo do Calhariz nº 17-1º Eq., em Lisboa.

A dra. Manuela Cruzeiro iniciou a série de conferências no passado dia 18 de Outubro, com uma intervenção «Em Torno do Conceito de Ciência da Informação».

Esta tarde, a partir das 17 horas, o ciclo prossegue com uma conferência sobre «Sociologia da Informação», a cargo do Prof. Paquete de Oliveira.

Os restantes oito colóquios, a apresentar sempre à mesma hora e no mesmo local, estão assim calendarizados: 22 de Novembro, 6 de Dezembro, 10 e 24 de Janeiro de 1991, 7 e 21 de Fevereiro e 7 e 21 de Março.

Rigorosamente por esta ordem, todos os interessados (alunos, professores, jornalistas e quantos necessitem de mais elementos àcerca destes problemas específicos relacionados com a Informação) poderão assistir às seguintes comunicações:

«Fontes e Recursos da Informação» pelo dr. Tomás de Lima; «Bibliografia e Normalização» pelo dr. João Gonçalves; «Tecnologia da Informação» pela dra. Fátima Crespo; «Sistemas de Armazenamento e Recuperação da Informação» pelo dr. António José de Pina Falcão; «Pesquisa em Sistemas e Redes de Informação» pela dra. Frenanda Guedes de Campos; «Pesquisa em Sistemas Documentais Iconográficos» pelo dr. Armando Jorge Silva; «O Acesso ao Património Histórico-Cultural» pelo dr. António Nabais e «Pesquisa e Transferência da Informação» pela engª. Maria José Brito.

GRUPO TEATRO HOJE, TEATRO DA GRAÇA

Quem tem

Medo

de

VIRGÍNIA WOOLF ?

de EDWARD ALBEE

Com: Fernando José Oliveira, Isabel de Castro, Maria José Pascoal, Mário Jacques

Encenação: Fernanda Lapa
Cenografia: José Manuel Castanheira
Figurinos: Jasmim de Matos

«Um trabalho cuidado e inteligente.» — Fernando Midões — *Diário de Notícias*

«... quatro interpretações magistrais.» — Anabela Mendes — *Público*

EM CENA de terça a sábado às 21.30. Domingos às 16.00.
Marcações pelos telefs.: 87 56 26/87 58 00
APOIOS: Câmara Municipal Lisboa; C.C.C. — Creative Business; Conde & C.A., LDA.: Robbialac; Vítor Hugo; Voz do Operário; Antena-1; «Jornal de Letras»; Rádio Comercial

SUB. SEC.

PATROCÍNIO: Círculo de Leitores

TERMINAL BAR Paul Sete
BREVEMENTE

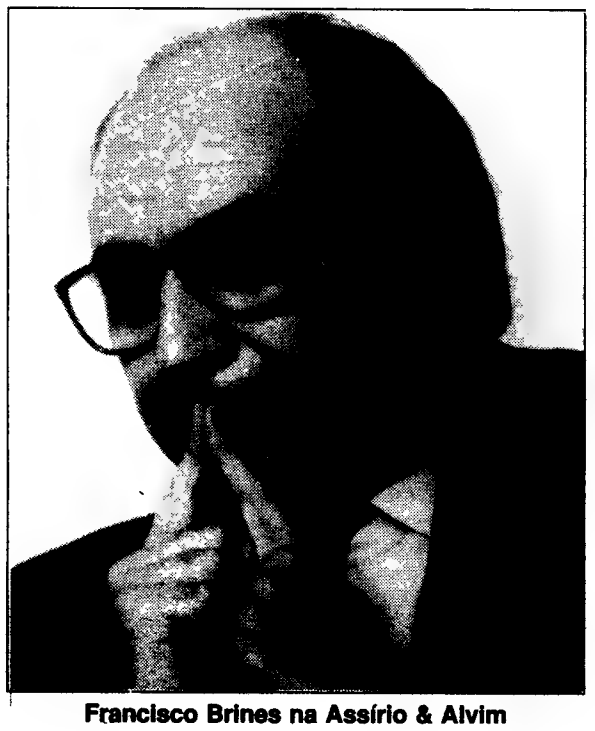
Livros de Espanha

Um dia de poesia

Os poetas espanhois estão bem e recomendam-se, embora a tentativa de promover a cultura a bem de consumo e a produção de livros a indústria seja empresa que não pode ter êxito sem a degenerescência da poesia. No ano passado, por exemplo, era impossível encontrar na capital da Catalunha o livro galardoado em Espanha com o Prémio Nacional de Poesia, de tal forma é restrita e confidencial a divulgação de obras poéticas (edições de 500 exemplares é o máximo a que um poeta, mesmo consagrado, pode aspirar).

Por cá, a poesia, embora não esteja nos «tops», continua a ser a manifestação literária mais importante, reforçada pelo peso da influência pessoana, que não deixa de ter os seus aspectos negativos, posto que a figura de Pessoa valoriza e simultaneamente oculta a poesia portuguesa moderna, que é quase totalmente ignorada no estrangeiro.

Na verdade, mesmo excluindo Pessoa, pode-se contar pelos dedos das duas mãos o que iguala ou avantaja, em toda a poesia mundial, as obras poéticas mais importantes do século XX português. Já se vê que ignorar a poesia portuguesa contemporânea significa conhecer pouco ou nada da nossa actividade cultural, espiritual e literária.



Francisco Brines na Assírio & Alvim

Dois grandes poetas

De tudo isto se tratou um pouco nas jornadas que preencheram o programa de ontem da iniciativa «Livros de Espanha»: à tarde, no Forum Picoas, «Poéticas Ibéricas Actuais»,mesa-redonda, seguida de recital de poesia, com a presença do valenciano Francisco Brines, da madrilena Julia Castillo, dos catalães Alex Susanna e José Agustin Goytisolo, do manchego Angel Crespo e dos portugueses Pedro Tamen, Fernando Assis Pacheco, Nuno Júdice e Fiama Hasse de Pais Brandão; à noite, na Assírio & Alvim, recital de poesia de Francisco Brines, em sessão apresentada por José Bento.

Foi bom voltar a ouvir a voz de dois grandes poetas: Alex Susanna («Perdurará tot, o gairebé tot:/ només nosaltres passarem,/ ombres incertes d'un mati brumós,/ flames illunyanes d'un foc provocat,/ côdols caiguts al fons d'un negre estany/ que ningú no podrá furtar de l'ombra», mais ou menos em português: «Perdurará tudo, ou quase tudo:/ apenas nós passaremos/ sombras incertas de manhã brumosa/ longínquas labaredas de incêndio provocado/ pedras lançadas no fundo de um lago negro/ que ninguém poderá tirar da sombra») e Francisco Brines («Escribo en una noche de noviembre./ Y de repente amamos un pasado/ por el tañido fiel/ de unas campanas que regresan claras,/ con sonido visible y sin edad/ (y aquella intimidad era mi cuerpo),/ bajando por el cobre de una tarde/ de antígua primavera./ Ay, cuánta soledad y juventud !»).

Sobre Francisco Brines, escreveu José Olívio Jimenez, no prefácio à antologia que José Bento seleccionou e traduziu para a Assírio & Alvim,que a sua poética era «do avesso», com uma linguagem «sentida e evocada a partir do seu avesso sombrio - não a partir da sua face luminosa».

«Mas este sigiloso ladrão das palavras», prossegue Olívio Jimenez, «continuará a roubá-las na sua noite fosca. E com elas continuará, por irónico modo milagroso, a iluminar (e a despertar a nossa sonolenta e autosatisfeita consciência) com a luz das verdades últimas - a raíz tenebrosa da vida - que na prática do ofício vai ganhando. Porque este ganho, estes resultados, têm ido modelando uma poesia assistida, simultaneamente, por uma impecável (e implacável) lucidez reflexiva mas também por uma profunda e húmida piedade pelo homem».

Balanço

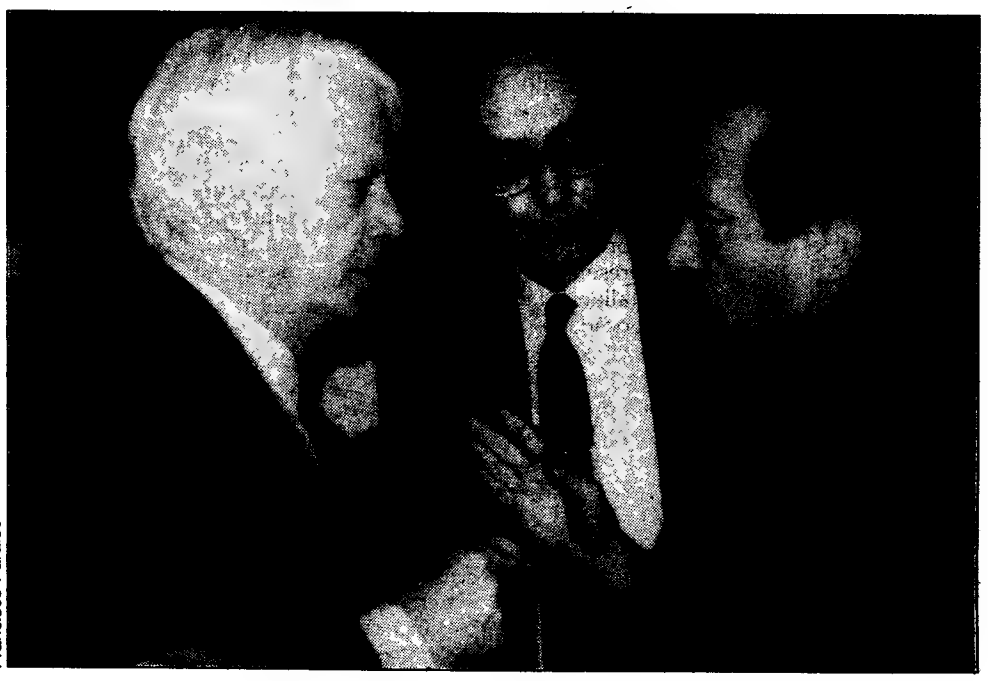
Do que se disse e não disse durante o dia, a propósito das poéticas ibéricas, confirmou-se-nos a ideia de que na lírica portuguesa actual coexistem duas linhas dominantes: a que se aproxima de um certo realismo caracterizado por Montale como o apaixonado furor do tangível, de resultados excelentes, e outra que poderíamos denominar de barroca e surrealizante.

Uma ou outra alusão sobre a intervenção do Estado na cultura, nomeadamente na poesia, foi quase sempre no sentido de que o Estado nunca oferece nada, e tarde ou cedo acaba sempre por exigir qualquer coisa em troca do que dá.

Sobre as várias poesias espanholas (a basca,a catalã,a galega, a valenciana, a das ilhas, a andaluza, a madrilena), na sua rica diversidade,parecem ser uma espécie de parente pobre das Belas-Artes, como se a eflorescência das gerações de 1927 e de 1950 tivesse bloqueado a evolução do género nesta década, que mais do que revelar novos autores se distingue pela consagração dos antigos, resgatando mesmo os mais desconhecidos ou laterais.

No fundo,também a situação da lírica espanhola actual nos inculca a ideia de que se em boa medida um país é o que produz e oferece, razão tinha o escritor Juan Benet quando há pouco tempo disse temer estarmos a assistir «ao nascimento de uma sociedade que é diferente de qualquer outra - como rezam os cartazes turísticos -, porque é diferente de si mesma; uma sociedade volátil, incapaz de se manter no mercado para além de uma temporada, que cada semana oferece um produto novo um pouco pior do que o anterior».

Ernesto Sampaio



Francisco Paraíso

Jorge Semprún, ministro da Cultura de Espanha, que se deslocou a Portugal para inaugurar a exposição «Livros de Espanha - 10 Anos de Criação e Pensamento», manifestou-se agradavelmente surpreendido com o relevo que a iniciativa está a merecer na Imprensa portuguesa, e propôs a criação de um «universo histórico e imaginativo complementar» na Península Ibérica. Semprún, que é também um notável escritor e se destacou na luta clandestina contra a ditadura franquista, aproveitou a sua estada em Lisboa para se encontrar com Mário Soares e para conviver com escritores portugueses, como, por exemplo, José Saramago (ao centro na foto)

Crítica de Teatro

Quem *não* tem medo de Virgínia Woolf?

QUEM TEM MEDO DE VIRGÍNIA WOOLF? de Edward Albee. *Tradução:* Manuel João Gomes. *Encenação:* Fernanda Lapa. *Cenografia:* José Manuel Castanheira. *Figurinos:* Jasmim de Matos. *Produção:* Margarida Wellenkamp / Vanda Leitão. *Interpretação:* Isabel de Castro, Mário Jacques, Maria José Pascoal e Fernando José Oliveira. Teatro Hoje.
Estreia: Teatro da Graça / 26-10-1990 (2-11-90).

A peça de Albee não só não envelheceu como se tornou ainda mais do nosso tempo, mais nossa. O que nela havia de premonitório (a relação dos jovens com o dinheiro, com o carreirismo, a manipulação genética) tornou-se o pão nosso de cada dia. Pode mesmo dizer-se que no caso português a peça esá hoje mais actual do que em 1971 quando da sua estreia no Teatro Monumental («DL»/26-11-71), em que me permiti considerá-la um *texto datado*, erro que hoje não repetiria pelo facto de serem textos diferentes aqueles que ouvi no Monumental e no Teatro da Graça. Lembremo-nos de que estávamos então sob um regime censório, embora não fosse só político o problema do branqueamento de que o texto de Albee foi alvo: os tempos eram ainda propícios à censura social de carácter puritano o que hoje, e por enquanto, parece ultrapassado. Uma tradução sem papas na língua como a de Manuel João Gomes, aliás excelente sobretudo pela oralidade dos diálogos, bastaria para nos obrigar a distinguir não só as traduções como os próprios espectáculos. Além disso, e independentemente da qualidade do espectáculo de estreia da peça de Albee, não seria justo compará-lo com esta nova estreia, assim podemos dizer, da responsabilidade de um quarteto de câmara dirigido por uma maestrina capaz de extrair da partitura e dos executantes, sublinhando-as, todas as nuances, todas as formidáveis tensões, todos os jogos do interdito que a peça contém, obtendo resultados que, com Eugénia Vasques, considero históricos.

«Quem Tem Medo de Virgínia Woolf?», é obviamente uma peça sobre a aflição humana. Por isso prefiro perguntar — quem *não* tem medo de VW?, como no título. Quer dizer, quem não tem medo da vida e da morte (flores para os mortos, Albee cita «Um Eléctrico Chamado Desejo» numa das cenas-chave da peça), com tudo o que se passa entre uma e outra, o amor e o ódio, a ausência e a solidão, a mesquinhez e a inveja, a cupidez e a indignidade? Quem não tem medo de colocar as lágrimas nos recipientes do gelo e depois beber as próprias lágrimas, como George e Marta?

A peça de Albee fala-nos de tudo isso através de um jogo fabuloso, um jogo teatral («Eu é que dirijo este espectáculo», diz George) e um jogo de ficção, de mentira (a invenção do filho, a vida e a morte do filho inexistente), que é o jogo da ausência, da maternidade e da paternidade frustradas. É entre esse filho que não tiveram e o pai da Marta, um rato de olhos vermelhos, que se situa uma das tramas da complexa tessitura desta obra que, na leitura de Fernanda Lapa, passa tchekhovianamente da comédia capaz de arrancar gargalhadas ao público à tragédia capaz de o fazer meditar.

Isabel de Castro e Mário Jacques

O que vemos parece ser uma guerra de sexos (George contra Marta), passa pela ficção do filho, pela sua ausência sublinhada não apenas no caso do casal Marta-George como no caso do outro casal, também ele sem filhos por práticas abortivas já que Honey tem medo (outra vez o medo) da dor que o parto possa causar-lhe. Guerra de sexos, paternidade e maternidades frustradas, relações sociais atribuladas que passam pela conjuntura universitária (pelo saber e pela sua comercialização, pela abdicação de todos os princípios a favor da carreira) — a peça de Albee atravessa e desmonta diversos mecanismos do poder que são também mecanismos da histeria e sobretudo da teatralização do quotidiano: George e Marta organizam um espectáculo para que as suas visitas apreciem e participem das suas «performances». Mas a peça é também um metadiscurso, um discurso sobre o discurso, sobre a palavra, sobre a linguagem (outra vez o saber e as suas relações com o poder), no qual o papel principal cabe a George por ser ele quem detém o discurso mais forte e denso (falas como se estivesses a escrever os teus artigos, acusa Marta irritada) e não é esse um dos paradoxos menos importantes do conflito.

O que também torna este espectáculo diferente do primeiro é o seu relacionamento com o público. Feito no meio dos espectadores, junto deles, a peça ganha uma energia de relação, de contiguidade (e portanto torna o horror mais presente) que um espaço à italiana não permitia. Essa opção parece totalmente eficaz assim como os elementos do espaço que permitem a funcionalidade das situações (móveis, escadas, adereços de cena), embora os fragmentos de paredes, a cama e o automóvel no segundo piso não fossem, a meu ver, indispensáveis, o que não obsta a que o cenário de José Manuel Castanheira seja bastante operativo e coerente. Nos figurinos de Jasmim ressalta uma certa incoerência, talvez propositada. Tem a ver com a composição das personagens e na influência que sobre ela exercem. Enquanto os fatos de Isabel de Castro (mas atenção ao cabelo) e Mário Jacques parecem correctos na sua significação discreta, quase neutra, os fatos de Honey e Nick marcam demasiado as personagens, ajudam a que adquiram de modo demasiado evidente um aspecto convencional, de cliché. Felizmente tanto Maria José Pascoal como Fernando José Oliveira acabam por destruir essa aparência esteriotipada e o seu trabalho de construção das personagens é igualmente satisfatório.

Carlos Porto

Peça para quatro actores, «Quem Tem Medo...?» permite a Mário Jacques um grande trabalho, um trabalho de um grande actor capaz de tornar inteligível a inteligência torturada da personagem, torná-la ao mesmo tempo humana e desumana, grotesca e digna, odienta e dolorosa. Isabel de Castro faz uma Marta bastante diferente da de Glória de Matos que era, aliás, um belísssimo trabalho. O próprio texto permite-lhe exprimir os aspectos *canalhas* da personagem, utilizar todos os truques que as situações permitem e ao mesmo tempo revelar o sofrimento, desocultar a solidão sem remédio daquela mulher, cúmplice de um teatro que não é mais do que o ritual catártico de uma relação de amor. É mais um grande trabalho da actriz. A Fernando José Oliveira coube uma personagem muito difícil até porque o actor não possui aspecto físico que o texto pede. No entanto o seu trabalho exprime magnificamente as correntes que passam pela personagem, que perturbam talvez definitivamente, as suas relações com a mulher e até com a vida. Com a interpretação de Maria José Pascoal é um trabalho admirável numa personagem aparentemente mais apagada, mais ausente, a que transmite uma energia que torna a sua presença muito forte, inesquecível.

Fernanda Lapa é responsável por um grande trabalho de encenação, por uma direcção de actores cmo não se vê muitas vezes.

Por incrível que pareça este espectáculo pode ser visto todas as noites da semana, quase, em Lisboa. Terá o público que merece?

CRÓNICA DE TOUROS

Praça de Touros de Madrid. Domingo, 30 de Setembro de 1990, touros de Diego Garrido para Rafael de Paula, Luis Francisco Esplá e Enrique Ponce, que confirmou a alternativa

Da defesa de Paula à surpresa de Ponce

Se não somos os paulistas convictos, os fiéis, a defender Paula, não haverá quem o defenda. E Rafael, mesmo sem sair do rosário de broncas que tem sido esta sua temporada, merece ser poupado nesta presença em Madrid, em que para as escassas faculdades de seu corpo, e as tantas dúvidas de seu ânimo, iam ser terríveis, como no verso de Lorca, as cinco da tarde em que se plantou, vestido de bordéus e ouro, na porta de quadrilhas da Monumental. Porque, como se quissessem desgraçá-lo, afundá-lo, iam largar-lhe aquela encomenda de Diego Garrido, uma corrida carregada de anos e de quilos, própria para desesperados, armada de agudas hastes, poderosa, áspera, violenta e bronca. Com tais inimigos se teriam de haver as fraquezas de Rafael, aliviando-se na muleta como pôde ser, apenas o esboço de um passe de trincheira, e depois o calvário para matar o seu primeiro, sem encontrar sequer decisão para se meter no sítio do descabelo, já o segundo aviso soara quando por fim dobrou o touro, e o puntilheiro António Medina acabou com ele, recebeu em troca o aperto de mão agradecido do cigano, gesto repetido no quarto, aí foi mais breve a desdita, meia estocada caída bastou para acabar os suores de Rafael, e da quadrilha que valorosa o ajudou e defendeu, à frente Curro Alvarez, sem descanso na brega e tendo de saudar em bandarilhas, quando cravou aquele par valentíssimo, citando em curto, com o touro cerrado em tábuas. Mais uma tarde de Paula, que com aqueles inimigos de susto estava condenada a ser de penas, de todo ausente de glórias, se não fossem essas três verónicas com que se descarou no segundo, um cinquenho de seiscentos quilos, o touro limpo ainda de feridas, com o poder intacto, e Rafael encontrou sabe-se lá onde o ânimo de parar os pés, de erguer a figura, de bordar três verónicas suas, que arrancaram olés de entusiasmo, calados quando no remate o touro se meteu, e a planta do cigano se descompôs, se apagou a luz daqueles efémeros instantes, consolo dos paulistas, dos que o seguimos, no ocaso de Paula buscámos por entre os fracassos os últimos sinais da mágica beleza do seu toureio.

Ser paulista, estar desperto para a sempre esperada centelha da sua arte cigana, não significa fechar olhos e sentidos ao mais que na arena acontece, particularmente quando tem o mérito, como nesta tarde de Madrid, de suceder diante de touros de tamanho respeito. A começar no mérito de Luis Francisco Esplá: apesar das fadigas para matar o seu primeiro, que era um sobrero manso e desluzido de Murteira Grave, em que Esplá visivelmente se poupou, não pegou sequer em bandarilhas, já no quinto esteve luzido com os paus, arriscando de verdade num par por dentro, adornara-se no quite com uns delantales vistosos (a eficácia pusera-a noutro quite salvando a queda a descoberto do picador), e na faena aguentou os perigosos derrotes do ágil pescoço do Garrido, safou com vista e artes de engenhoso lidador as hastes que teimosas o buscavam, quando o matou de uma estocada saudou nos médios a ovação que o mérito do alicantino reconhecia.

E houve, para além de tudo, na tarde que os touros carregaram de emoção, a surpresa de Enrique Ponce. Ao vê-lo de novilheiro falei da grata impressão que me deixou: mas não esperava encontrá-lo assim, neste dia da confirmação em Madrid da sua alternativa valenciana. Não precisou de troféus, nem sequer duma volta à arena, para deixar a gente falando dele, apagada a ovação cerrada que o despedia. Foi coisa de pasmar, um jovem matador que aos dezoito anos é capaz de enfrentar o poder e dificuldades de uma corrida assim dura e tremenda, com aquela cabeça fria, aquele saber estar, aquele sereno donaire, de um toureiro precocemente maduro, levantando um murmúrio de gozo quando com pausada elegância abriu a faena do touro de cerimónia, e depois a pureza daqueles redondos, a harmonia daquela mudança de mão, e espanto maior no que fechou praça, um touro à beira dos seis anos, poderoso, reservado, de mau estilo, talvez o mais difícil de sua curta vida, e o moço de Chivas sem perder a harmoniosa compostura, que sabor naqueles ajudados, e em todo o trasteio de impossíveis floreados um valor sereno, uma lucidez como se arrastasse [illegible] estilo que por este caminho, se bé [illegible], quem sabe onde chegará.

Soliloquio

CULTURA E ESPECTÁCULOS

O concerto do Quinteto de Roy Hargrove, realizado ontem à noite no Teatro S. Luís, foi, sem dúvida, o melhor espectáculo de jazz apresentado, este ano, no nosso país. Uma técnica perfeita e uma inspiração fenomenal colocam Hargrove a par dos grandes trompetistas contemporâneos

Roy Hargrove: All That Jazz!

O trompetista Roy Hargrove, com apenas 20 anos de idade confirmou os atributos com que vinha rotulado: um brilhante e prometedor músico, capaz de renovar, numa linha de continuidade, a música jazz.

Perfeito, brilhante, poético, suave, agressivo, melódico, inventivo, improvisador excepcional, intenso, com um sentido ritmíco notável («nervoso», por vezes, como o demonstrou com os «tremolos» que retirou do seu trompete), maravilhou o público com a sua prestação: quer nos «standards», quer nos temas da sua autoria, ou de elementos da sua banda.

Houve «swing» - e fabulosamente bem executado -, houve temas com tempos lentos de uma beleza poética, quase mágica, como «You Don't Know What Love Is» ou «Blues For Daddy O», de Canonball Adderly.

Roy Hargrove foi extremamente bem acompanhado pelo restantes músicos da sua banda, em especial pelo fantástico saxofonista-alto, Antonio Hart, também ele, um instrumentista de grande categoria, um improvisador nato. Com este último, travou Hargrove alguns «diálogos» interessantes.

O contrabaixista Chris McBride, para além de dominar perfeitamente o seu instrumento e de se revelar um excelente compositor (como se poude verificar com o tema «Dream of You»), constituiu com o baterista Yoron Israel uma segura e, também, criativa, secção rítmica, tendo ambos realizado solos de bom nível e permitido que os restantes músicos executassem as suas prestações individuais com à vontade.

Roy Hargrove Quintet: Jazz como há muito não se ouvia

Stephen Scott, o pianista, foi eficaz nos acompanhamentos; a solo, espantou-nos com uma mão direita «diabólica», inventiva, tendo demonstrado uma grande influência de alguns dos melhores pianistas clássicos de jazz.

Um concerto memorável de um músico e de um jovem quinteto pouco conhecidos entre nós, que, bem melhor do que Brandford Marsalis ou Benny Wallace, no «Jazz em Agosto 90», mostraram o que é «New Orleans Hoje», quais os caminhos que se pode esperar que o jazz siga nos anos noventa, renovando dentro de uma linha de retorno às origens. Está de parabéns a organização dos «Festivais de Lisboa 1990».

Pela sua juventude e pela sua rápida ascensão no difícil mundo da música jazz, vale a pena referir, de forma breve, o percurso de Roy Hargrave. Começou por ser notado no North-Sea Festival, na Haia, em 1987, quando ainda era um desconhecido. O seu talento foi posto em relevo pelo saxofonista Frank Morgan, com quem tocou. A partir daí, os dados estavam lançados, e, com 16 anos de idade, fez parte do grupo de Scott Hamilton e participou num conjunto de trompetes, juntamente com nomes como os de Woody Shaw, James Morrison e Jimmy Owens.

Estudou na famosa Berkeley School of Music, de onde têm saído grandes nomes do jazz norte-americano. Tocou com músicos da estatura de Herbie Hancock e Winton Marsalis (que, quando iniciou a sua talentosa carreira era, também, bastante jovem).

Como se refere no programa do concerto da noite de ontem, «ainda só há alguns meses Hargrove com o seu médio agrupamento siderou as plateias do North-Sea Festival e fez lembrar o pasmo que os trompetistas do fim dos anos 50 causaram na Europa. Roy é a versão dele nos anos 90».

No verão deste ano formou o actual quinteto, com o qual já com o qual já gravou um álbum, do qual pudemos ouvir algumas faixas (como «All Over Again»), no Teatro S. Luís, local que ofereceu esplêndidas condições sonoras. Esperamos, dentro em breve, poder voltar a ouvir Roy Hargrove em Portugal.

Mário Rocha

Ciclo

Luiz de Freitas Branco

No centenário do nascimento do compositor

Concertos
Retrospectivas
Mesas Redondas

Da Música à Literatura
das Artes Plásticas ao Cinema
uma série de programas
em torno
de uma figura ímpar
da música portuguesa

Novembro e Dezembro na

antena2

Design MJF

Morreu Lawrence Durrell

«Fui sempre um desenraizado» confissão do autor do «Quarteto de Alexandria»

Lawrence Durrell, escritor britânico conhecido em todo o mundo, autor do mais que lido e traduzido «O Quarteto de Alexandria», morreu ontem no sul da França, aos 78 anos.

Considerando-se a si próprio um homem «voluntariamente desenraizado», Durrell nasceu em Fevereiro de 1912 no norte da Índia, e, desde os 7 anos, desejou (como deixou escrito) «ser escritor».

Fez os seus estudos na Índia e, mais tarde, em Inglaterra. Após a morte do pais, abandonou os estudos e tornou-se músico de jazz no Blues Peter Night Club, sediado em Londres. Por essa altura, escreveu poemas e publicou um primeiro romance.

Por 1935, «fugindo da tristeza de Inglaterra», partiu para a Grécia. Durante a Guerra, esteve mobilizado no Cairo, pela Inglaterra. Terminado o conflito, longo foi o seu itinerário - Rodes, Argentina, Belgrado, Chipre, e, finalmente, França (Provença) onde se fixou em definitivo.

Amigo íntimo de Henry Miller, a este escritor deveu o tornar-se conhecido nos Estados Unidos, a partir de 1957, sendo então traduzido em numerosos países. Notável, aliás, a correspondência Durrell-Miller, ainda não publicada, salvo erro, em Portugal.

Para além de «O Quarteto de Alexandria» («Justine», «Balthazar», «Mountolive» e «Clea» (1957/1960), escreveu também «O Quinteto de Avignon» (1977/1985), bem como, pela crítica considerados indispensáveis, os títulos «O Caderno Negro» e «Cefalu», a par de recolhas de poemas e de peças de teatro.

Debrucemo-nos, por um instante, sobre «O Quarteto de Alexandria», obra que nos dá o Egipto anterior à II Guerra Mundial, e se ficou devendo ao facto de Durrell ter vivido apaixonadamente (embora «desenraizado») naquela grande urbe egípcia. Efectivamente, a personagem principal do «Quarteto», múltipla de variadíssimos aspectos, é precisamente aquela cidade, cuja atmosfera e população para sempre se inseriram na sensibilidade, talento e imaginação de Lawrence Durrell.

Lawrence Durrell

Acrescente-se que o escritor agora desaparecido foi um diplomata dentros dos quadros do Governo inglês, função essa que lhe permitiu, ao longo de diversas capitais , relacionar-se (embora, repita-se, sempre «desenraizado»...) com personalidades de todo o cariz e contactar de perto com usos, costumes e maneiras de ser completamente diferentes dos da paisagem da Índia distante, da fria Inglaterra e da França sempre inquieta.

Tendo vivido com a família na ilha grega de Corfu, a morte foi encontrá-lo em Nîmes (França), confessando-se aos seus entes próximos, nos últimos tempos, que «se sentia muito fatigado...» Enfim: «o desenraizado» enraizou-se agora para sempre na terra e também na memória dos seus leitores, os das gerações passadas e os (não haja dúvida) da geração presente.

Os miúdos de «A 300 Milhas do Céu»: como nascem as estrelas...

Primeira obra de Maciej Dejczer estreia amanhã em Lisboa

Alguém que refile

Do que falamos quando falamos de amor? E a glória, o que é, afinal, para que se diga (e pratique) «vale tudo menos tirar olhos»? A resposta, se existe, não consta dos livros. Sabemos, todavia, que todos os textos, todos os filmes, todos os discursos humanos, nascem dessa raíz comum que é abordar a incessante caminhada do indivíduo, rumo à concretização de semelhantes ideais. «A 300 milhas do céu», primeira obra de Maciej Dejcer não é excepção e, por isso, se mostra simples e cristalina. Integrou a Selecção Oficial do Festival de Berlim, conquistou o Grande Prémio para a Melhor Primeira Obra do Cinema Europeu e o Prémio CICAE Festival Premiers Plans. Mas, não foi por causa de tais honras, que deixou de fazer o mesmo que outros: debruçar-se sobre o desejo, a contigência e a força que, volta e meia, as pessoas encontram para erguerem o tal sonho da vida delas à categoria de realidade.

Em «A 300 Milhas do Céu», a contigência identifica-se com um quotidiano que não cessa de mutilar o indivíduo. O mundo em que os miúdos da história vão vivendo, aparece-nos, pois, povoado por criaturaş há muito desprovidas de alma: um professor que papagueia os sucessivos discursos oficiais sem admitir contestação, polícias desumanos, fiscais facilmente corrompíveis e um homem que abdica da filha que o ama para, numa cela prisional, se abrigar do exterior e da responsabilidade. As instituições funcionam de olhos no chão, envergonhadas de vender por tão pouco a dignidade humana e, ante os ombros encolhidos dos adultos, há alguém que diz não. O surpreendente talvez é que esse alguém seja um miúdo dos seus catorze anos que, ao exortar o pai a melhorar a sua existência, subscreve este desabafo espantoso: «Mas tem de aparecer alguém que refile!»

O medo guarda, no entanto, a vinha e preserva os poderosos no alto dos respectivos pedestais. A contestação, para adquirir eficácia, teve, pois, de partir de quem menos se esperava: três adolescentes, cansados de ver um professor de História fabricar tijolos, ainda na esperança de que as autoridades o não proíbam de ganhar para si e para os seus. O desejo de rumar a Ocidente consolida-se, e, de tal forma, que se percebe nos protagonistas uma certa concepção mítica do Ocidente. Jazz, capitalismo e liberdade estão na mentalidade dos fugitivos (e também do realizador?) inscritos a ouro na mesma face da moeda.

A beleza e a ironia com que Maciej Dejczer tratou tema tão delicado, o realismo da situação retratada, não obsta, no entanto a que encontremos em «A 300 Milhas do Céu»uma certa especulação sentimental de óbvios intentos políticos. No melhor pano cai a nódoa, mas, no caso, a nódoa não é tão grande que destrua a qualidade artística. E, depois, quem não se lembra do que significa falar livremente, finda a repressão?

M.J.M

«Happy Mondays» edição em Portugal

A Polygram assegurou para Portugal os direitos da edição e distribuição dos álbuns dos «Happy Mondays», os pioneiros da cena musical de Manchester conhecida por «Madchester».

Pedro Oliveira, da Polygram, anunciou mesmo que no próximo dia 29 será já editado em Portugal o novo álbum dos «Happy Mondays», que tem por título «Pills and Thrills and Bellyacues».

Gravado em Los Angeles e em Chiswick com produção e mistura de Paul Oakenfold e Steve Osbourne, o álbum é constituído por 10 faixas: «Kinky Afro» (actual single), «God's Cop», «Donovan», «Grandbags Funeral», «Loose Fit», «Dennis and Lois», «Bobs your Uncle», «Setp of» «Holiday» e «Harmony».

«Donovan» é dedicado ao trovador hippy inglês com o mesmo nome, que nos anos 60 se notabilizou com canções como «Sunshine Superman», «Season of the Witch» ou «Colours».

Os «Happy Mondays» confessam-se aliás fãs de Donovan, tendo gravado mesmo uma versão de «Colours», para edição no princípio do próximo ano e convidado o hippy para a actual digressão do grupo, convite que foi aceite.

A digressão começa no dia 23 de Novembro em Whitley Bay Ice Rink, fazendo Donovan a primeira parte dos concertos.

«Coqueluche» da nova música rock britânica, grupo preferido de Paul Mcartney que os compara aos Beatles do tempo de «Stranwberry Fields», os «Happy Mondays» editaram o seu primeiro álbum, produzido por John Cale na Factory, em Abril de 1987 com o estranho título de «Squirrel and G-Man Twenty Four Hour Party People Plastic Face Cant Smile (white out)».

O álbum viria a ser retirado do mercado em finais de 1988 na sequência de um protesto de M

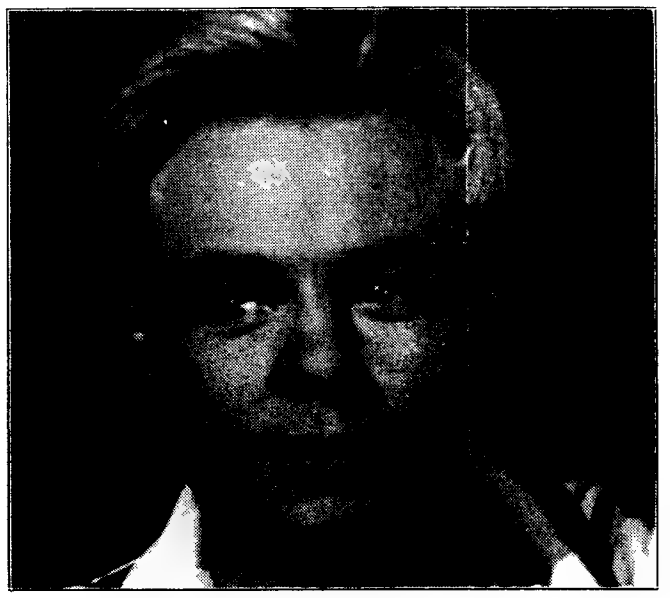
ichael Jackson, proprietário dos direitos de autor das canções dos Beatles: a faixa «Desmond» continha acordes, não autorizados, de «Ob-La-Di Ob-La-Da», da autoria de Lennon e Mcartney.

O álbum viria a ser reposto no mercado mais tarde com a faixa «24 Hour Party People» em vez de «Desmond».

No segundo álbum, igualmente gravado para a Factory com o título «Bummed» (Novembro de 1988), os «Happy Mondays» voltaram a copiar acordes dos Beatles, mas desta feita dando os respectivos créditos à «Norther's Songs. É na faixa «Lazyitis» com acordes de «Ticket to Ride».

Como singles, os «Happy Mondays já editaram «Delightful» (Setembro de 1985), «Freaky Dancin'» (Agosto de 1986), «Tart Tart» (Março de 1987), «24 Hour Party People» (Outubro de 1987), «Wrote for Luck» (Outubro de 1988), «Lazyitis - one Armed Boxer» (Maio de 1989), «Wfl» (Setembro de 1989), «Madchester Rave On» (Novembro de 1989), «Step On» (Março de 1990) e «Kinky Afro» (Outubro de 1990).»

Os «Happy Mondays» nasceram em 1979 quando Shaun William Ryder, o seu



Donovan: uma referência muito especial para os «Happy Mondays»

líder, sem saber cantar ou tocar qualquer instrumento, decidiu formar um grupo.

Começaram com versões dos Beatles e dos Rolling Stones e, em 1980, Paul Ryder (irmão mais novo) e Mark Day juntaram-se ao grupo. Em 1982, entrou Gary Whelan, ex-futebolista, fanático dos Beatles, como baterista.

De início começaram por se interessar apenas pela moda («a música vinha em segundo lugar ou mesmo em terceiro»).

Em 1984, já com Paul Davis nas teclas, ficaram em último lugar num concurso de bandas em Blackpool, mas foram depois descobertos por um antigo Dj, Phil Sachs, da «Twisted Wheel», proprietário da loja de modas Gangway onde os membros dos «Happy Mondays» passavam os dias.

Sachs apresentou-os a Mike Pickering, «Label Manager» da Factor e futuro Dj da famosa hacienda que os contratou como sexteto com a inclusão de Mark Berry (percussão).

Phil Sachs ficou como empresário da banda, vindo a ser substituído mais tarde por Nathan Mcgough, filho de Roger Mcgough que nos anos 60 tocou com o irmão de Paul Mcartney nos Scaffold.

Com contrato discográfico, os «Happy Mondays» começaram a gravar e a fazer as primeiras partes dos concertos dos «New Order» e depois dos «Simply Red», «Weather Prophets» e «Railway Children», entre outros.

Com a chegada da «Ecstasy», em 1988, viram finalmente abrir-se-lhes as portas da fama.

Cid: 30 anos de um cartoonista

Cerca de quinhentos trabalhos de Augusto Cid encontram-se patentes ao público, em Lisboa, no Museu Bordalo Pinheiro, para assinalar os 30 anos de carreira do cartoonista.

A exposição, subordinada ao tema «Viva a Liberdade de Expressão», é não só uma retrospectiva da actividade do autor, mas também uma panorâmica sobre a história política e social, principalmente dos anos de democracia iniciada em 1974.

Augusto Cid foi galardoado recentemente com o grande prémio do IV Salão de Caricatura de Porto de Mós, dada a «graça» com que «ataca os políticos da nossa simpatia», escreveu Osvaldo Sousa a respeito do autor.

«Verdadeiramente irreverente e satírico» é como Osvaldo de Sousa define Augusto Cid, numa época em que se tem «desvanecido» a «garra» e o «intervencionismo crítico» dos cartoonistas portugueses, devido à «incapacidade dos políticos e senhores da sociedade aceitarem comentários às suas actividades».

Exposição de pintura em porcelana na Sociedade de Geografia

Por iniciativa da União Europeia de Arte em Porcelana inaugura-se no próximo dia 13, às 18 horas, na Sala Portugal da Sociedade de Geografia, a IV Exposição Nacional de Pintura em Porcelana. Até ao dia 18, a mostra poderá ser visitada das 10 às 13 e das 15 às 20 horas.

A UPAP tem vindo a organizar exposições públicas de pintura em porcelana, com o objectivo de divulgar os excelentes artistas que Portugal já possui neste domínio. Simultaneamente, no âmbito dessas iniciativas, a União Portuguesa de Arte em Porcelana vai ao encontro do crescente interesse que se tem verificado no nosso país por uma arte tão antiga.

DESPORTO

Clubes sacrificados, uma centena de jogadores em risco de desemprego – para os futebolistas da ex-RDA a unificação é impiedosa

RDA:a agonia do futebol

Os projectores apagaram-se e um manto negro caiu sobre o relvado. Tal como um velho cinema de bairro no final da derradeira sessão, o estádio Ernst Grube, de Magdeburgo, ficou vazio, com as suas recordações amarelecidas pelo tempo e as suas bancadas arruinadas. Adquiriu os contornos de um navio fantasma, perdido algures entre uma via férrea coberta de ferrugem e as sinistras fábricas, a apenas alguns passos das águas cinzentas do Elba. Após a derrota de equipa local contra o Bordéus (O-1), para a Taça da UEFA, no passado dia 23 de Outubro, os oito mil espectadores abandonaram o local de coração apertado, persuadidos de que não voltariam a ver tão cedo um desafio internacional.

Sem dúvida tinham razão. Tal como acontece com os jogadores do Magdeburgo, todo o futebol da antiga Alemanha de Leste corre o risco de perder o desafio decisivo da unificação. Pois, se a República Democrática faleceu, oficialmente, no dia 3 de Outubro, o seu futebol não deixou de existir. Pelo menos, tenta convencer-se disso.

Na realidade, restam-lhe seis meses de vida. Seis meses para terminar o campeonato mais impiedoso da sua história: as duas equipas melhor classificadas irão integrar a primeira divisão da RFA - a poderosa «Bundesliga» - e jogarão, no próximo ano, contra o Hamburgo ou o Bayern de Munique. Outras quatro, classificadas entre o terceiro e sexto lugares, juntar-se-ão a uma nova segunda divisão, formada por dois grupos de doze equipas.

Finalmente, duas equipas serão também seleccionadas para essa segunda divisão, na sequência de jogos de eliminação. No total, serão, pois, oito clubes que conseguirão salvar a pele.

Os outros, os pior classificados do actual campeonato, serão condenados a dispersar-se em competições regionais de futebol amador. Os clubes que ainda disputaram, esta temporada - e, pela última vez, sob a bandeira da RDA - , as taças europeias, desaparecerão. Se a competição terminasse agora, o Lokomotiv Leipzig, o Carl Zeiss Iena ou o FC Berlin (nova designação do Dinamo de Berlim) seriam sacrificados.

O FC Magdeburgo, sétimo do campeonato, não está ao abrigo de semelhante desdita. Se não conseguir conquistar um lugar no seio da futura segunda divisão, perder-se-á no anonimato, apesar dos seus três títulos de Campeão da RDA e da sua «Taça das Taças», obtida, em 1974, contra o Milão AC. (Seria um pouco como se um dos melhores clubes portugueses desaparecesse do mapa do futebol de alto nível).

«Se isso nos acontecer, o FCM morrerá». Reinhard Lehmann crispa as mãos nos braços na sua poltrona de presidente. Hesita entre a ansiedade e o optimismo. Por um lado, quer convencer-se de que se trata de uma ocasião única para o seu clube entrar, com o pé direito, na era do profissionalismo («é uma ocasião a aproveitar»). Por outro, reconhece que as desvantagens são múltiplas e que uma eventual aventura no seio da nova segunda divisão será bem arriscada.

No tempo do comunismo, o orçamento médio de um clube de primeiro plano atingia cerca de 27 mil contos, e era financiado essencialmente pelo governo. Em caso de acesso à «Bundesliga», esse orçamento deverá, pelo menos, ser multiplicado por cinco. Na segunda divisão, deverá - simplesmente - duplicar. O que já é imenso. Em ambos os casos, não há dinheiro suficiente, como confirma Reinhard Lehmann, a propósito do Magdeburgo: «Temos seis meses para encontrar uma solução. A partir de Dezembro, a federação não nos dará nem mais um centavo. As empresas locais têm outras preocupações, e não possuem meios para nos auxiliar. Talvez se torne necessário virarmo-nos para o Ocidente, para parceiros dispostos a investir na região. É uma aposta que merece ser encarada...».

Enquanto aguardam uma solução milagrosa, os vinte assalariados (treinadores, funcionários...) que escaparam à primeira vaga de despedimentos (cerca de vinte pessoas) não alimentam quaisquer ilusões. Nestes últimos meses, centenas de treinadores e profissionais do desporto leste-alemão (por exemplo, do atletismo) já perderam os seus postos de trabalho. Em 1989, pouco mais de dez mil pessoas viviam deste sector, na RDA. Segundo as últimas estimativas, não serão mais do que 2 500, em 1991. O futebol, tal como as outras modalidades, está a descobrir as leis «capitalistas» do desporto e do lucro.

Selecção nacional da RDA. Era o ano de 1976 quando existiam naquele país 8036 clubes desportivos nos quais se integravam mais de 500 mil futebolistas

Uma «fusão» contestada

Também o público não escapa à actual crise. Em Magdeburgo, é duas vezes menos numeroso do que no passado (uma média de cinco mil espectadores, contra os anteriores dez mil). Como acontece no resto do país, o preço dos bilhetes aumentou, e as famílias têm outras prioridades, nesta época de desemprego e inflação.

Quanto aos jogadores do FCM, talvez já comecem a lamentar terem assinado novos contratos (para dois ou três anos), em Junho passado. É certo que, agora, ganham muito melhor, mas vivem angustiados - com receio de fazer parte dos cem jogadores que, aconteça o que acontecer, se encontrarão no desemprego dentro de seis meses, quando uma meia dúzia de clubes será relegada para o futebol amador.

À medida que se aproxima a hora da fusão, o abismo que separa o futebol das duas Alemanhas parece cada vez mais intransponível, à semelhança daquele que se cava entre as duas sociedades. Com efeito, numerosos alemães ocidentais asseguram que os clubes de Leste não dispõem de estruturas suficientemente sólidas para competirem com os seus opulentos primos. Outros chegam a afirmar que o futuro «enlace» irá enfraquecer o nível geral do futebol alemão, pelo menos no imediato. Segundo o «internacional» do Bayern, Stefan Reuter, os clubes da RDA não possuem meios humanos e financeiros para figurar, com dignidade, na «Bundesliga». «Estarão prontos dentro de cinco anos, não antes» - declara.

A verdade é que estão demasiado impregnados do passado para sofrerem uma mutação tão rápida. Durante dezenas de anos, estiveram enfeudados ao regime: a queda do comunismo permitiu descobrir, por exemplo, numerosos casos de corrupção no Dinamo de Berlim, a equipa da Polícia política (a Stasi). O clube servia, simultaneamente, de instrumento de propaganda e «fonte de informações».

Todos estes clubes deverão, pois, aprender depressa as regras do «capitalismo» no futebol, encontrar patrocinadores, melhorar o conforto dos seus estádios, negociar novos contratos de jogadores ou de direitos televisivos. Correm o risco de perder alguns pontos antes de assimilarem, definitivamente, as normas do profissionalismo, pois os seus jogadores não estarão dispostos a esperar e optarão, sem dúvida, pelo «exílio» no Ruhr ou na Baviera, o que já se verificou, esta época, com 16 vedetas que integraram equipas da RFA. O Dinamo de Dresda, por exemplo, cedeu cinco jogadores - único meio para voltar a ter dinheiro em caixa. Mas tem uma consolação: tornou-se o único clube, graças ao dinheiro que entrou, capaz de rivalizar com os seus (mais modestos) colegas da «Bundesliga».

Philippe Broussard
Exclusivo «Le Monde»/DL
Trad. e adapt. de Isabel Joyce

ASSIM VAI O totobola

Penalti: 111 211 1X1 1X11; Jornal da Beira: 111 X11 111 X11X; O Comércio de Leixões: 111 X11 1X1 1121; De Tudo Um Pouco/O Comércio de Leixões: 111 2X1 111 11X1; Correio de Coimbra: 111 X11 11X X1XX; Correio do Vouga: 111 X11 111 112X; A Defesa: 111 XX1 11X 11X1; Diário de Coimbra: 111 X1X 111 11XX; Diário de Lisboa: 111 221 11X 11X1; Diário de Viseu: 111 XX1 1X1 1XX2; Ecos de Cacia: 111 XX1 11X 1121; O Emigrante: 111 X21 111 1X2X; Eu Sei Tudo: 111 211 111 X121; Jornal da Graça: 111 121 X1X 1XXX; Rádio Totobola: 111 XX1 XX1 11X2; Linhas de Elvas: 111 221 X11 1X11; O Jornal da Lixa: 111 XX1 11X X11X; Maria da Fonte: 111 2X1 1XX 1XXX; No Estúdio e No Estádio: 111 21X X1X 11XX; Notícias de Chaves: 111 221 XX1 1X22; Notícias de Gouveia: 111 XX1 121 112X; Jornal 1X2: 111 XX1 111 X1XX; Notícias de Viseu: 111 111 1XX 11X1; Quadrante Norte: 111 211 111 11XX; Semanário da Região Bairradina: 111 X11 111 XX21; Estação Orbital Rádio: 111 211 X1X 1X1X; Bom Dia: 111 1X2 121 2111; Resenha Desportiva: 111 X11 X1X 1111; Desporto/Rádio Renascença: 111 X11 11X 11X1; Bola Branca: 111 X11 111 1121; Frente Desportiva: 111 21X 111 1XXX; Jornal de Santo Tirso: 111 X11 11X 12X1; A Voz do Domingo: 111 XX1 111 1X11; Voz de Lamego: 111 X11 111 11X2; Desporto/Rádio Guarda: 1XX XX1 X2X XX22; Contacto: XX2 221 21X 12X1; Meia Tarde: 221 11X 222 1X21; Encontro Com a Manhã: 111 X21 X21 1X2X; Freguesias do Nosso Distrito: 122 X12 X11 2XX1; Primeiro Continente: 111 121 XX1 1X22; Tarde Desportiva: 111 XX1 111 1222; Livre e Directo: 1XX 1XX X11 11XX; Rádio Viriato: 111 221 1X1 12X2; Um Caso Por Semama: 111 XX1 1X1 1122; Foi Notícia: 111 XX1 111 X111; Desporto e Música: 111 21X 1X1 1X21; Cultura e Recreio: 111 1XX XX2 XX22; De Tudo Um Pouco/Rádio Covilhã: 111 1X1 XX1 X212; Manhãs Informativas: 111 111 111 11X1; Jornal do Almoço: 111 221 111 11XX; Jornal das 8H30: 111 221 111 1111; Jogo Limpo: 111 X11 111 11X1; Jornal do Jantar: 11X X12 XX1 1X22; As Noites da Efe: 111 X1X X22 11XX; Escape Livre: 111 211 X2X 111X; A Voz dos Ridículos: 111 2X1 111 1111; Rádio Guarda: 111 111 XXX 1111; Cardeal Saraiva: 111 2X1 11X 1112; O Jornal de Felgueiras: 111 XX1 11X X1XX; Jornal de Gaia: 111 211 1XX X2XX; O Almonda: 111 XX1 1XX 12X2; Jornal de Notícias: 111 XX1 11X 1XX1; Notícias de Felgueiras: 111 XX1 11X X1XX; Notícias de Viana: 111 XX1 11X X1X2; Finalmente: 111 X21 X11 XXX2; Fora de Jogo: 111 21X 212 X121; Giracentro: 111 XX1 11X 1XX2; Bola ao Centro: 111 11X 212 X222; Cantar do Galo: 111 221 X12 1X22; Boa Noite: 111 221 212 11X1; Alvo Desportivo: 111 111 111 1111; Rádio Alvo: 111 X21 1XX 1X21; Alvo: 111 211 121 X111; Alvo Suplemento: 111 XX1 1XX 12X1; Regional 7: 111 X11 111 11XX: Sons da Telefonia: 111 X21 1X1 21X2; Bom Dia Manhã: 111 XX1 1X1 1X11; O Jornal de Amarante: 111 X11 111 1XX1.

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 45/90 DE 11 DE NOVEMBRO

	RESUMO 1	RESUMO X	RESUMO 2	BOLAS (a) 1	BOLAS (a) X	BOLAS (a) 2
1. Sporting-Braga	75	1	2	10	1	1
2. Porto-Chaves	73	3	2	10	1	1
3. Benfica-Famalicão	73	3	2	10	1	1
4. Salgueiros-Boavista	12	42	24	2	6	4
5. Penafiel-Belenenses	34	28	16	6	4	2
6. Guimarães-E. Amadora	65	10	3	10	1	1
7. G. Vicente-U. Madeira	53	20	5	8	3	1
8. B. Mar-Nacional	49	21	8	8	3	1
9. Marítimo-Setúbal	44	27	7	7	4	1
10. Farense-Tirsense	57	18	3	9	2	1
11. P. Ferreira-Aves	43	26	9	7	4	1
12. Varzim-Académica	18	38	22	3	6	3
13. «O Elvas»-Espinho	35	23	20	5	4	3

(a) Nos termos do Art.º 14º do Regulamento Geral dos Concursos, se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A «CHAVE» LÓGICA SERÁ:
111 X11 111 11X1

Nuno e Cunha no Brasil

Nuno Marques qualificou-se para os quartos dé final do Torneio de Itaparica, ao derrotar o brasileiro Danilo Marcelino, numa ronda em que João Cunha e Silva foi eliminado pelo sueco Mats Wilander.

Após ter vencido na primeira ronda Alberto Mancini, da Argentina, Nuno Marques, que é actualmente 115.º do «ranking» mundial, superiorizou-se ao tenista brasileiro, número 169 da classificação ATP, pelos parciais de 3-6, 6-1 e 6-2.

Nuno Marques vai agora defrontar na terceira eliminatória, em encontro agendado para hoje, o uruguaio Marcelo Filippini, número 47 do mundo.

Por seu turno, Cunha e Silva, actual número 138 do «ranking» ATP perdeu frente ao antigo número um mundial, o sueco Mats Wilander, pelos parciais de 6-2 e 6-2.

No seu encontro da primeira ronda, Cunha e Silva havia derrotado o argentino Horácio de La Pena.

Andebol: Benfica invicto

O Benfica reforçou a sua posição de líder do Campeonato Nacional de andebol da primeira Divisão, ao cilindrar fora o Illiabum, por 28-18, em encontro antecipado da nona jornada da prova.

Os encarnados lideram agora com 27 pontos, mantendo a sua total invencibilidade no Campeonato. O Illiabum soma 16 pontos, em nove jogos disputados.

Por seu turno, o FC Porto ascendeu à segunda posição da prova, com 22 pontos, após ter vencido o Sporting, em Alvalade, por tangencial 26-25, em jogo que se encontrava em atraso da oitava jornada.

O Sporting continua a ser o laterna vermelha do Campeonato Nacional, com oito pontos, em sete encontros.

Hóquei: juvenis vencem

A selecção portuguesa de juvenis que se encontra em Andorra a defender o título conquistado na Anadia, venceu, ontem, no jogo inaugural a sua congénere de França pela contundente marca de 13-2. No outro confronto da série, a Inglaterra derrotou a turma de Andorra por 7-3, enquanto, na outra série a Espanha venceu a Itália por 1-0 e a Suíça superou a Holanda com a marca de 9-0.

Hoje, Portugal defrontará a Inglaterra e Andorra.

Xadrez: 6X6 no Mundial

Os soviéticos Anatoly Karpov e Garry Kasparov, terminaram, nos EUA, a primeira fase da final do Campeonato do Mundo de xadrez com o empate a seis pontos após as 12 partidas realizadas, correspondendo a uma vitória e 10 empates. A segunda fase decorrerá a partir do próximo dia 24 na cidade francesa de Lyon.

Renúncia de Becker e McEnroe

O alemão Boris Becker e o norte-americano John McEnroe declinaram os convites para o mais rico torneio de sempre, mas sete dos 10 melhores tenistas do mundo disseram sim à taça do Grand Slam, na qual estão em jogo 6 milhões de dólares (cerca de 820 mil contos).

O quadro de 16 jogadores admitidos da edição inaugural da competição, a disputar entre 11 e 16 de Dezembro, em Munique, na Alemanha, será liderado pelo sueco Stefan Edberg, actual número um do «ranking» mundial, segundo o director-executivo do torneio, Axel Mayer-Woelden.

O vencedor da taça do Grand Slam arrecadará dois milhões de dólares (cerca de 270 mil contos), o finalista vencido um milhão (135 mil contos), os semifinalistas derrotados 450 mil dólares (60 mil contos) cada e os eliminados na primeira ronda 100 mil dólares (13,5 mil contos).

Além de Edberg, também o checoslovaco Ivan Lendl, ex-número um mundial e actualmente na terceira posição do «ranking» da ATP, confirmou a presença na prova, que motivou grande polémica em muitos meios da modalidade devido aos milionários montantes em jogo.

Atletismo: Taça dos Campeões

A 17.ª edição da Taça dos Clubes Campeões Europeus em Atletismo terá por cenário a cidade espanhola de Jerez (Espanha), pela segunda vez consecutiva, segundo resolução adoptada no congresso da Associação Europeia de Atletismo (AEA).

O congresso, realizado em Istambul, decidiu que será o clube espanhol Larios a organizar a prova, a decorrer nos dias 1 e 2 de Junho de 1991.

Equacionada a expulsão de Mihailov

Belenenses protesta jogo com Guimarães

Já se encontra na Federação o protesto lavrado pelo Belenenses em relação ao jogo com o Vitória de Guimarães, onde (insolitamente) o árbitro Bento Marques resolveu expulsar do campo o guarda-redes búlgaro Mihailov.

José António: adeus ao jogo

Esta tarde, o «internacional» José António reúne-se com os jornalistas para, formalmente, anunciar a sua despedida como jogador e a passagem a técnico ajunto de António Lopes.

Mudança azul

O Belenenses renovou a ligação com o defesa brasileiro Oliveira, colocando o angolano Saavedra na prateleira até que surja a sua nacionalização como português.

Olhanense protesta

A direcção do Olhanense vai pedir um inquérito à equipa de arbitragem que dirigiu o jogo Lusitano de Évora-Olhanense, da Zona Sul do Nacional de Futebol da segunda Divisão «B», disputado no domingo, o qual terminou com a derrota do Olhanense por 3-2.

Um dirigente do clube algarvio que pediu anonimato por recear «os rigores democráticos» do Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol, manifestou-se indignado com a actuação da equipa de arbitragem dirigida por Lourenço Ferreira, de Leiria, considerando ter sido «atraiçoada a verdade desportiva» do encontro.

«Fomos nitidamente prejudicados, ao ponto da arbitragem do sr. Lourenço merecer as risadas dos próprios adeptos da equipa da casa», disse aquele dirigente.

Makukula: futuro

Decidiu o tribunal: mal conclua o actual contrato do Vitória de Setúbal com Maakukula, o jogador zairense terá de passar a defender as cores do bloco transmontano, uma vez que (há largo tempo) recebeu uma verba financeira correspondente a assinatura de compromisso não cumprido.

Marítimo versus Touré

O «internacional» francês Touré encontra-se em maus lençóis: recebeu dinheiro graúdo do Marítimo, assinou contrato para representar o clube madeirense e, desde aí (já lá vão três meses) nem novas nem mandados. Assim, o clube funchalense moveu-lhe um inquérito que será imediatamente remetido pela Federação à FIFA e à UEFA.

Francisco Paraíso

Schwarz: operação no sábado

Schwarz: operação

Mais um jogador benfiquista é esta temporada submetido a intervenção cirúrgica: sábado tem lugar a operação a Schwarz, lesionado em Setúbal, ficando com um grave problema no joelho esquerdo (especificamente no ligamento cruzado anterior).

Seis jogos no sábado

A Federação Portuguesa de Futebol autorizou a antecipação para sábado dos seguintes jogos respeitantes à jornada n.º 11 do Campeonato nacional da I Divisão: às 15 horas: Salgueiros-Boavista, Beira Mar-Nacional, Guimarães-Estrela e Farense-Tirsense; às 21 horas: Penafiel-Belenenses; 21 e 30: Benfica-Famalicão. Os restantes confrontos mantêm-se marcados para as 15 horas de domingo e são os seguintes: Sporting-SC Braga, Porto-Chaves, Gil Vicente-União, Marítimo-V. Setúbal (este realizar-se-á às 16 horas).

O jogo Benfica-Famalicão será transmitido pela RTP.

Baltasar: só para cá

Uma vez que o brasileiro Baltasar já tinha esta época alinhado pelo Atlético de Madrid em provas uefeiras, o novo reforço portista fica com a actividade restringida a jogos de campeonatos portugueses.

Soviético nas Antas

Firme a cedência do soviético Dobrowolski ao FC Porto, transferência envolvendo cerca de 60 mil contos que os «dragões» vão pagar ao Génova (Itália).

«Juve» aumenta capital

Os accionistas da Juventus aprovaram um acréscimo de capital de 21 para 57 biliões de liras, cerca de 67 mil contos, a fim de prover os custos da compra de jogadores no início da temporada.

A Juventus. de cujos compromissos faz parte o jogador mais caro do mundo, Roberto Baggio, afirma que foi o terceiro aumento de capital registado este ano.

O clube, por costume o segundo do Campeonato italiano, e subsidiado pelo «patrão» da FIAT, Gianni Agnelli.

Wimbledon castiga jogador

A direcção do Wimbledon, clube da primeira Divisão inglesa, decidiu suspender o seu jogador John Gayle por duas semanas devido a «comportamento impróprio para um profissionaal de futebol».

Esta decisão foi anunciada pelo porta-voz do clube londrino após uma série de incidentes ocorridos no último mês e que envolviam Gayle.

John Gayle, em recente partida com o Sheffield United, agrediu intencionalmente o antagonista Vinny Jones e poucos dias depois, no decorrer de um treino do Wimbledon, envolveu-se em cenas de violência com o seu colega Keith Curle.

Americano no Sheffield

John Harkes, médio da selecção norte-americana no Mundial Itália-90, assinou um contrato com o Sheffield Wednesday, da segunda Divisão inglesa, tornando-se no nono jogador dos Estados Unidos a transferir-se para clubes europeus.

Harkes, de 23 anos, vai jogar pelo Sheffield até ao final da época por empréstimo da Federação Norte-Americana de Futebol (USSF), segundo anunciou a própria organização, que se escusou a revelar mais detalhes do acordo.

Supertaça sul-americana

O River Plate (Argentina) venceu o Olimpia (Paraguai) por 3-0, na 1.ª «mão» da 1.ª fase da Supertaça sul-americana, em que participam as equipas vencedoras da Taça Libertadores da América. No 2.º encontro do torneio disputado em Porto Alegre (Brasil), o Grémio venceu o Estudiantes (Argentina) por 1-0.

TOTOBOLA

A chave

FC Porto-Dínamo Bucareste	1
Sredetz Sofia-Bayern Munique	2
Spartak Moscovo-Nápoles	X
F.C. Tirol-Real Madrid	X
Bruges-AC Milão	2
E. Amadora-FC Liége	1
Dukla Braga-Dínamo Kiev	X
Timisoara-Sporting	1
Lucerna-Admira	X
Real Sociedad-Partizan	(a)
Roma-Valência	1
Inter Bratislava-Colónia	2
Aston Villa-Inter Milão	2

(a) realiza-se hoje.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE MATOSINHOS

Proc. N.º 2222/90
3.ª Secção
2.º Juízo

ANÚNCIO

A DOUTORA MARIA ISABEL SÃO PEDRO SOEIRO, Juiz de Direito nesta comarca de MATOSINHOS.

FAZ SABER que no dia 10 de DEZEMBRO de 1990 pelas 9.30 horas, no Tribunal Judicial desta comarca, nos autos de Carta Precatória n.º 222/90, extraída dos autos de Execução de Sentença n.º 5447/A da 3.ª Secção do 17.º Juizo Cível da Comarca de Lisboa, que a União Fabril Farmacêutica, S.A. move contra João Monteiro dos Santos (Filha) Ld.ª, com sede na Avenida Meneres, 858 em Matosinhos, há-de ser posto em praça pela primeira vez para ser(em) arrematado(s) pelo maior lanço oferecido, acima do valor indicado nos autos, um computador marca ICL mod. 6402-L.

Matosinhos, 29 de Outubro de 1990

O JUIZ DE DIREITO

Maria Isabel São Pedro Soeiro

O ESCRIVÃO DE DIREITO

(assinatura ilegível)

«DL» 1.ª Pub — 8/11/90

O ESTADO DO TEMPO

CONTINENTE

Em todo o território: Céu muito nublado a encoberto com abertas a partir da tarde. Vento de Sudoeste fraco a moderado, com rajadas no litoral Norte. Períodos de chuva passando a aguaceiros. Possibilidade de trovoadas. Mar cavado com ondulação noroeste de 3 a 4 metros na Costa Ocidental e de pequena vaga com ondulação sudoeste de 1 a 2 metros na Costa Sul.

Amanhã

Céu pouco nublado tornando-se muito nublado de Norte para Sul a partir da manhã. Vendo de Sudoeste moderado no litoral Norte e fraco no resto do território. Períodos de chuva, mais frequentes no Minho e Douro Litoral.

Depois de amanhã

Região do Norte: Céu muito nublado com vento moderado de Sudoeste e aguaceiros fracos.

Regiões do Centro e Sul: Céu com períodos de muito nublado. Vento fraco.

MADEIRA

Céu muito nublado. Vento de Oeste moderado, rodando progressivamente para Nordeste e enfraquecendo. Aguaceiros fracos. Mar de pequena vaga a cavado com ondulação noroeste de 3 a 4 metros na Costa Norte e de pequena vaga com ondulação sudoeste de 1 a 2 metros na Costa Sul.

No Funchal: Céu muito nublado. Vento de Oeste moderado, rodando progressivamente para Nordeste e enfraquecendo. Aguaceiros fracos

Amanhã

Céu com períodos de muito nublado. Vento fraco. Aguaceiros fracos na encosta Norte.

AÇORES

Em todo o arquipélago: Céu muito nublado a encoberto. Vento moderado a forte de Sudoeste. Períodos de chuva a partir da madrugada no Grupo Ocidental atingindo progressivamente o Grupo Central para o fim da manhã e o Oriental para o fim do tarde. Mar grosso a alteroso com ondulação noroeste de 4 a 5 metros.

Amanhã

Céu muito nublado. Vento de Sudoeste moderado. Períodos de chuva no Grupo Ocidental.

MARÉS

-Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
06.52	3,6m	00.00	1,2m
19.35	3,2m	12.54	1,1m

Amanhã

07.58	3,4m	01.08	1,4m
20.46	3,1m	14.18	1,3m

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica

AGENDA

HÁ 20 ANOS

CACHAROLETES E CACHAROLOTES — POR URBANO TAVARES RODRIGUES (PÁG. 2)

Diário de Lisboa

As "memórias" atribuídas a K são falsas (afirma a mulher)

CRÉDITOS AMERICANOS PARA A TAP COMPRAR NOVOS AVIÕES «BOEING»

EXPLOSÕES MATARAM 23 PESSOAS

AMOSTRA DE CHUVA NA MANHÃ DE LISBOA

As "memórias" atribuídas a K são falsas

«É falso. É uma brincadeira» - declarou ontem a senhora Nina Petrovna Kruchtchev, mulher do antigo primeiro-ministro soviético, referindo-se à notícia da próxima publicação, no Ocidente, das memórias de Nikita, indica-se nos meios próximos da família.

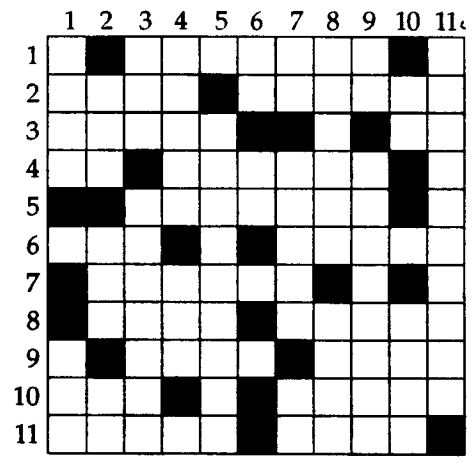
Explosões num cinema de Phnom Penh

Duas explosões, aparentemente causadas por granadas, mataram hoje 23 pessoas e feriram 29 num cinema do centro de Phnom Penh.

Créditos americanos para a TAP

A Companhia Aérea Portuguesa TAP vai comprar dois «Jumbos-Jets» / «Boeing 747», para o seu serviço transantlântico, graças a a 46,6 milhões de dólares de créditos americanos, foi anunciado oficialmemte em Washington.

PALAVRAS CRUZADAS

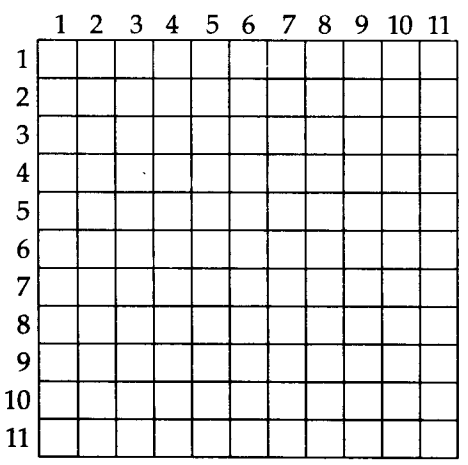


PROBLEMA N.º 18 040

HORIZONTAIS:
1 - Artigo definido. Opulência.
2 - Reunir. Utensílio.
3 - Sacerdotes budistas. Artigo definido (ant.).
4 - Preposição e artigo. Grande beberrão (pl. e pop.).
5 - Movera o colo.
6 - Azáfama. Versejai.
7 - Prostrar.
8 - O mesmo que Sara (ant.). Em má hora.
9 - Cidade do Japão. Cidade da Roménia.
10 - Antiga capital da Birmânia. Esconda-se.
11 - Ilha do mar Jónio. Escala.

VERTICAIS:
1 - Recinto onde se recebe uma lição. Conjunção.
2 - Recusa. Produz. Vossa Alteza.
3 - Víscera dupla. Freguesia do concelho de Carregal do Sal.
4 - Indignado. Arara. Artigo definido.
5 - Despovoado.
6 - Nome antigo da nota musical dó. Rénio (s.q.).
7 - Érbio (s.q.). Relata. Prata (s.q.).
8 - Espécie de pano de linho, na Índia. Amofina.
9 - Arsénio (s.q.). Dançaram o samba.
10 - Pronome pessoal. Carta geográfica.
11.Ventura.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



PROBLEMA N.º 16 850

HORIZONTAIS:
1 - Ilha inglesa das Grandes Antilhas. Tens.
2 - Suco narcótico extraído de algumas papoilas. Ligas.
3 - Ilha inglesa no mar da Irlanda. Nome de homem. Chefe etíope.
4 - Loucos. Sucesso.
5 - Recearão.
6 - Bário (s.q.). Pronome pessoal. Caminhar. Preposição latina que designa movimento.
7 - Antes do meio dia. Pertences. Içara.
8 - Berilo (s.q.). Abreviatura de Santíssimo Sacramento. Brisa.
9 - Prefixo de privação. Apelido. Presa.
10 - Item. Coa. Ósmio (s.q.).
11 - Ecoam. Reis. Césio (s.q.).

VERTICAIS:
1 - Medida itinerária da Pérsia. Molhais com baba.
2 - Separação.
3 - Escavar.
4 - Preposição e artigo. Receassem.
5 - Arremessas.
6 - Empregue. Crómio (s.q.).
7 - Aquele lugar. Esteiro. Preposição e artigo (pl.).
8 - Rainha de Portugal.
9 - Véu com que as mulheres mouriscas cobrem a cabeça.
10 - Membros de aves. Charruas.
11 - Uniras com solda.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 18 039

HORIZONTAIS: 1 - PARA. OS. Ema. 2 - Acampeis. Os. 3 - Ob. Uta. Pás. 4 - Criara. Curi. 5 - V.º. Param. 6 - recostados. 7 - Ar. Aru. 8 - Cá. Atracara. 9 - Om. Rua. Omar. 10 - Eo. Adio. Ati. 11 - SS. Mossa. Aa.

VERTICAIS: 1 - Pã. CORAÇÕES. 2 - Açor. Éramos. 3 - Rabi. 4 - Am. Avocaram. 5 - PUROS. TUDO. 6 - Oeta. Tarais. 7 - Sia. Pará. Os. 8 - Caduco. 9 - É. PURO. Ama. 10 - Moeras. Rata. 11 - Assim. Faria.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 849

HORIZONTAIS: 1 - Lanhelas. Ás. 2 - Atiá. Acorda. 3 - No. Remeter. 4 - Há. Or. 5 - Ária. La. 6 - Sam. Barraca. 7 - Mor. Sa. Mas. 8 - Rua. Muas. 9 - Estanco. Ras. 10 - Liara. Aca. 11 - La. Coas. **VERTICAIS:** 1 - Lanhas. Heli. 2 - Atoaram. Si. 3 - Ni. Imortal. 4 - Harda. Ruara. 5 - Ana. 6 - Lamelas. 7 - Eça. Aramos. 8 - Sota. 9 - Re. Camarão. 10 - Adro. Casaca. 11 - Sa. Ruas. Sãs.

PROVÉRBIO: PARA OS CORAÇÕES PUROS, TUDO É PURO

I Série N.º 258
Dia 8 de Novembro
DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Assembleia da República

Resolução da Assembleia da República n.º 29/90:
Viagem do Presidente da República a Espanha.

Ministério das Finanças

Portaria n.º 1108/90:
Extingue vários postos fiscais.

Despacho Normativo n.º 132/90:
Cria um lugar de assessor principal no quadro do Instituto de Informática.

Ministérios das Finanças e da Justiça

Portaria n.º 1109/90:
Fixa em cinco dias a semana de trabalho nos serviços centrais e externos do Centro de Identificação Civil e Criminal (CICC).

Ministérios das Finanças e da Educação

Portaria n.º 1110/90:
Alarga o quadro de professores da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Ministério da Administração Interna

Despacho Normativo n.º 133/90:
Aprova o Regulamento do Estágio Probatório do Pessoal da Carreira de Investigação e Fiscalização do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Tornam públicas várias operações de depósito, assinatura ou adesão de Portugal e de outros países a várias convenções e acordos internacionais.

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

Portaria n.º 1111/90:
Aprova a carta da reserva agrícola nacional (RAN) relativa à parte da zona sul do Tejo.

Portaria n.º 1112/90:
Aprova a carta da reserva agrícola nacional (RAN) relativa aos concelhos de Santo Tirso, Penafiel eCastelo de Paiva.

Ministério da Educação

Portaria n.º 1113/90:
Altera a tabela de propinas do curso de Hidrologia do Instituto de Hidrologia.

Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações

Decreto-Lei n.º 351/90:
Suspende o disposto na alínea *b)* do n.º 1 do artigo 3.º do Decreto-Lei n.º 100/88, de 23 de Março [define o acesso e permanência na actividade de empreiteiro de obras públicas, industrial de construção civil e fornecedor de obras públicas (alvarás)].

Região Autónoma dos Açores

Assembleia Legislativa Regional

Decreto Legislativo Regional n.º 18/90/A:
Define o regime de gratuitidade da escolaridade obrigatória.

N.º 256 Dia 6 de Novembro

SUPLEMENTO

Presidência do Conselho de Ministros

Resolução do Conselho de Ministros n.º 42/90:
Regulamenta a alienação de 33% do capital social do Banco Português do Atlântico, S.A.

CINEMAS

LISBOA

ALFA
Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
SALA 1
O LEGIONÁRIO
Filme de Sheldon Lettich
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00
SALA 2
O EXPRESSO DOS MALDITOS
Filme de Peter Hyams
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15
SALA 3
UM SONHO DE MULHER
Filme de Gary Marshall
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15
SALA 4
PRESUMÍVEL INOCENTE
Filme de Alan Pakula
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15
SALA 5
ASSALTO AO AEROPORTO
Filme de Renny Arlin
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE
Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
ROBOCOP 2
Filme de Irvin Kereshner
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS
Shoping Center de Lisboa
T. 691275
SALA 1
O LEGIONÁRIO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00
SALA 2
HENRY E JUNE
Filme de Philip Kaufman
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15
SALA 3
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15
SALA 4
DICK TRACY
Filme de Warren Beatty
M/12 - Às 13.45, 15.45, 19.45, 21.45 e 00.15
SALA 5
O EXPRESSO DOS MALDITOS
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15
SALA 6
ROBOCOP 2
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00
SALA 7
DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15
SALA 8
ASSALTO AO AEROPORTO
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15
SALA 9
OLHA QUEM FALA
Filme de Amy Heckerling
M/12 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00
SALA 10
PRESUMÍVEL INOCENTE
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10
T. 776098
PRESUMÍVEL INOCENTE
M/12 anos - Às 15.15, 18.00 e 21.30

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15 - T. 324194
NINJA, O FEITICEIRO VIOLENTO
Filme de Bruce Lambert
M/12 - Às 14 15 16 30 e 21.30

CINE 222
Av Praia da Vitória, 37
T 533253
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - As 14 00, 16.30 19.00 e 21.30

CINE PORTELA
ESTÚDIO ANUSHA T. 9434762
GREMLINS 2-A NOVA GERAçãO
Filme de Joe Dante
M/ 12 anos - Às 15.30 e 21.30
ESTÚDIO SHEZA
JACKNIFE
Filme de David Jones
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
A PROSTITUTA
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 3 T. 546085
CENTENÁRIO DE LUÍS DE FREITAS BRANCO
DOURO FAINA FLUVIAL
Filme de Manoel de Oliveira, às 18,30
FREI LUÍS DE SOUSA
Filme de António lopes Ribeiro, ás 21.30h

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
UM SONHO DE MULHER
M/16 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

CONDES
Av da Liberdade, 2 - T. 322523
ROBOCOP 2
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO
Al. D. Afonso Henriques, 35
T. 3525133
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
(Encerrado temporariamente)

FONTE NOVA
Est. de Benfica 503 - T. 7145088
SALA 1
ASSALTO AO AEROPORTO
M/12 anos - Às 14.30, 16.45 19.00 e 21.30
SALA 2
PRESUMÍVEL INOCENTE
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
SALA 3
O LEGIONÁRIO
M/12 anos - Às 14.45, 17.00, 19.15 e 21.15

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo
T. 541037
AUDITÓRIO 1
NON OU A VÃ GLÓRIA DE MANDAR
M/12 anos - Às 13.30, 15.30 e 22.00
AUDITÓRIO 2
NA PELE DO URSO
Filme de Ann e Eduardo Guedes
M/12 - Às 14.00, 16.00, 20.00 e 22.00

IMPÉRIO
Al. D. Afonso Henriques
T. 3525133
O LEGIONÁRIO
M/12anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes - T. 8480808
(Encerrado temporariamente)

KING TRIPLEX
R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
SALA 1
NON OU A VÃ GLÓRIA DE MANDAR
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.15 e 21.45
SALA 2
SWEETIE
Filme de Jane Campion
M/12 anos - Às 14 00, 16.00, 18.00, 20 00 e 21.30
SALA 3
NA PELE DO URSO
M/12 anos As 14 30, 16.45, 19.30 e 21.30

LAS VEGAS
Pingo Doce - Alcântara
T. 3631162
SALA 1
ROBOCOP 2
M/16 anos - Às 15.15, 18.30 e 21.30
SALA 2
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

«Henry e June», de Philip Kaufman, com Maria de Medeiros

LONDRES
Av. de Roma, 7-A - T. 801313
HENRY E JUNE
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL
R. Martens Ferrão - T. 538743
SALA 1
PRESUMÍVEL INOCENTE
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
SALA 2
HENRY E JUNE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45
SALA 3
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B
T. 574362
EXPRESSO DOS MALDITOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ODEON
R. dos Condes, 4 - T. 326283
HERóIS U.S.A.
M/16 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

OLÍMPIA
Rua dos Condes, 13 - T. 325309
ORGIA SENSACIONAL
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA
Centro Com. Alvalade
SALA 1
ROBOCOP 2
M/16 anos - Às 13.45, 16.15, 18.45 e 21.15 e 23.45
SALA 2
UM SONHO DE MULHER
M/12 - Às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA
R Portas de St.º Antão
T. 326305
O LEGIONÁRIO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

QUARTETO
R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
SALA 1
MARIDOS À ÁGUA
Filme de Peter Greenaway
M/16 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00
SALA 2
NO TRILHO DA DROGA
Filme de Gus van Sant
M/12 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00
SALA 3
PRESUMÍVEL INOCENTE
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00
SALA 4
ENCRUZILHADA DE ILUSÕES
Filme de Alan J. Pakula
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00

SÃO JORGE
SALA 1
Av. da Liberdade, 175
T. 579144
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 15 30, 18.30 e 21 15
SALA 2
HENRY E JUNE
M/12 anos - Às 13.30, 16.15, 19.00 e 21.45
SALA 3
AIR AMERICA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.30

7.ª ARTE
Av. da República - T. 730715
NON OU A VÃ GLÓRIA DE MANDAR
M/12 anos - Às 14.45, 17.00, 19.00 e 21.45

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
T. 804210
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

TEATRO S.LUIZ
R. António Mª Cardoso
T. 327172
CICLO - A FESTA DO CINEMA
ENCONTRO DE IRMÃOS
Filme de Barry Levinson
Às 18.00

TERMINAL
Estação do Rossio - T. 371573
O EXPRESSO DOS MALDITOS
M/16 anos - Às 13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30

TURIM
Est. de Benfica, 723-A - T. 706666
AIR AMERICA
M/12 anos -Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON
Av. da Liberdade, 9
T. 3468446
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

ALMADA

ACADEMIA ALMADENSE
Telef. 2752127
O LEGIONÁRIO
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA DE CAPARICA

CAPARICA OCEANO
Av.Gen.Humberto Delgado
T. 2905011
SALA 1
DESPERTAR VIOLENTO
M/12 anos - Às 15.45 e 21.30
SALA 2
O SEGREDO DO SAHARA
M/12 anos - Às 16.15 e 21.45

O PESCADOR
Telef. 2905350
Ó EXPRESSO DOS MALDITOS
M/16 anos - Às 15.30 e 21.45

CASCAIS

CARCAVELOS

ATLÂNTIDA CINE
Telef. 2465653
PRESUMÍVEL INOCENTE
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

CASCAIS MIRAMAR
SALA 1
Telef. 2841769
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15
SALA 2
ROBOCOP 2
M/16 anos - Às 15.15 e 21.30

OXFORD
Av. 25 de Abril - T. 2865027
O LEGIONÁRIO
M/12 - Às 16.00 e 21.30

NOVA OEIRAS

CINE PALMEIRAS
Telef. 2479144
SALA 1
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - às 15.15 e 21.30
SALA 2
ASSALTO AO AEROPORTO
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

OEIRAS

ALTO DA BARRA
Av. das Descobertas - T. 4439759
SALA 1
AIR AMERICA
SALA 2
NON OU A VÃ GLÓRIA DE MANDAR
M/16 anos - Às 15.30 e 21.45

SINTRA

AMADORA

BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia
T. 4934871
O LEGIONÁRIO
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

CACÉM

ESTÚDIO FLORES
Telef. 9147570
ATA-ME!
M/12 anos - Às 15.00 e 21.30

QUELUZ

KING D. PEDRO III
Telef. 4364845
SALA 1
TEMPO DOS CIGANOS
Filme de Emir Kusturica
M/16 anos -Às 15.00, 18.00 e 21.15
SALA 2
NA CORDA BAMBA
Filme de John Badham
M/12 anos -Às 15.15, 18.15 e 21.30
SALA 3
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.45

TEATROS

LISBOA

CAPITÓLIO
Parque Mayer - T. 3466783
De 3ª a Sáb. às 20.30 e 22.45
Dom. e Feriados às 16.00 e 21.30
AI CAVAQUINHO
Enc. de Camilo de Oliveira

CASA DA COMÉDIA
R. S. Francisco Borja, 25
T. 607299
Sáb. às 15.30 e 17.00
Dom. às 15.30
A MENINA DO MAR
De Sophia de Mello Brayner

CHAPITÔ
R. Costa do Castelo, 7
T. 878225
De 3ª a Dom. às 21.30
O PAPÁ NÃO ESTAVA LÁ
De Fernando Gomes
Em cena até dia 11

CLUBE ESTEFÂNIA
R. Alexendre Braga, 24-A
Todos os dias às 21.45
Dom. e Fer. às 16.00
PLAY STRINDBERG
De Friedrich Dürrenmatt
Em cena até dia 11

COMUNA
Praça de Espanha - T. 7260818
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 17.00
SALA 1
UM ELÉCTRICO CHAMADO DESEJO
De Tennessee Williams
SALA NOVA
O ESTRANGEIRO EM CASA
De Richard Demarcy

GRUPO DRAMÁTICO RAMIRO JOSÉ
Trav. Henriques Cardoso, 107
T. 773856
Aos Domingos às 21.00
MATCHES DE IMPROVISAÇÃO E ASSALTOS DE MÁSCARAS
Pelo Meia Preta
Em cena até dia 25

MARIA VITÓRIA
Parque Mayer - T. 3461740
De 3ª a Dom. às 20.30 e 22.45.
Domingos e Feriados, também às 16.00
VITÓRIA! VITÓRIA!
De Henrique Santana, Francisco Nicholson, Augusto Fraga, Nuno Nazareth Fernandes e Fernando Ribeiro.

TEATRO ABERTO
P. de Espanha - T. 770969
4ª e 6ª às 21.45. Dom. às 16.00
LOUCOS POR AMOR
De Sam Shepard
5ª e Sáb. às 21.45. Dom. às 16.00
DESEJO SOB OS ULMEIROS
De Eugéne O'Neill

TEATRO DA GRAÇA
Trav. de S. Vicente, 11
T. 875626
De 3ªa Sáb.às 21.30.Dom.às 16.00
QUEM TEM MEDO DE VIRGINIA WOLF
De Edward Aldee.

TEATRO MAIZUM
R. dos Poiais de S. Bento, 75
T. 601866
De 3ª aSáb.às21.00. Dom.às 16.00
A TEIA
De Graça Gonçalves

TEATRO NACIONAL D. MARIA II
Praça D. Pedro IV - T. 322210
De 3ª a sáb. às 21.30
Sáb. e Dom. às 16.00
MINETTI
De Thomas Bernhard

TEATRO DA TRINDADE
R. Nova da Trindade, 9
T. 323200
Às5ª,6ª,eSá.às21.30Dom.às 16.00
BICHOS
De Miguel Torga, pelo Grupo de Teatro «O Bando»
Em cena até dia 18

SUGERIMOS

«Non ou A Vã Glória de Mandar»
o destino português, segundo Oliveira

«Maridos à Água»
Greenaway antes de «O Cozinheiro...»

«Sweetie»
estreia de uma cineasta neo-zelandesa.Salvé!

«Na Pele do Urso»
fábula urbana luso-britânica

«Um Sonho de Mulher»
Julia Roberts enche o ecran...

«Encruzilhada de Ilusões»
edificação do amor pelo melodrama

«Henry e June»
...só para ver Maria (Anaïs) de Medeiros

FARMÁCIAS

LISBOA

PERMANENTES

Alfama: Costa, Rua Escolas Gerais, 88-A, Tel. 863940; **Alto Santo Amaro:** Tapada, Calçada da Tapada, 83-A, Tel. 3634721; **Alvalade:** Sanex, Av. da Igreja, 31-C, Tel. 897505; **Ameixoeira - Lumiar:** Santos, Al. António Sérgio, 8-C - Urb. Quinta Santa Clara, Tel. 7598186; **Arco Cego:** Providência, Rua D. Filipa Vilhena, 9-C, Tel. 770324; **Arroios - Chile:** Brasil, Rua Alves Torgo, 29-33, Tel. 546843; **Benfica - Portas Benfica:** Benfica, Estrada Benfica, 678-E, Tel. 702532; **Campo de Ourique:** Almeida, Rua Silva Carvalho, 136, Tel. 681726; **Fundação Calouste Gulbenkian:** Berne, Av. de Berna, 44-A, Tel. 773568; **Marquês Pombal:** Branco, Av. Duque Loulé, 61-65, Tel. 545048; **Penha França:** Carrondo, Rua Padre Sena Freitas, 10-A, Tel. 8142518; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140 B-C. Rua Prof. Mira Fernandes, MAF. Tel. 880703; **Santos:** Marcos Nascimento, Calçada Marquês Abrantes, 36-A, Tel. 3964238; **Alfragide - Amadora:** Remédios, Rua Ivens, 20, Tel. 970544; **Odivelas:** Catela Tavares, Av. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, 29-A, Tel. 9815446; **Pontinha:** Leitão Ribeiro, Rua A do Falcão, 3-A. Tel. 9939121; **Portela:** Paula de Campos, Centro Comercial Urb. da Portela. Tel. 9431423.

REFORÇO

Anjos (ao Cinema Roxy): Guerra, Rua Andrade, 32-36, Tel. 8145513. **Av. Roma (Bairro São Miguel):** São Miguel, Praça Francisco Morais, 1, Tel. 771469; **Baixa:** Cortez, Rua São Nicolau, 93, Tel. 325378, **Belém - Altinho:** Gomes Suc., Rua da Junqueira, 326-328, Tel. 3638193; **Encarnação:** Zira, Praça das Casas Novas, 5-A, Tel. 311216; **Estados Unidos:** Gasparinho, Rua Dr. Gama Barros, 54-A, Tel. 890465; **Lapa:** Central da Lapa, Rua dos Navegantes, 10, Tel. 661734; **Luz - 2.ª Circular:** J. Ribeiro, Estrada da Luz, 199-A. Tel. 7260969; **Madre Deus:** Madre de Deus, Rua da Margem, 15-B, Tel. 382470; **São Sebastião:** Sagres, Av. Luís Bivar, 69-71, Tel. 547213; **Brandoa - Amadora:** Brito, Rua 25 de Abril, Lote 32-B, Tel. 995338; **Buraca- Amadora:** Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loja E - 36-B, Tel. 970660; **Olival Basto:** Nova,R.Açores, 11-A.Tel.9810305.

CASCAIS

Algés: Branco, Av. Comb. G. Guerra, 29, Tel. 2104953. Permanente; **Linda-a-Velha:** Moderna, Av. 25 de Abril, 30-C, Tel. 4191235. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo. Tel 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Vilar, Av Mª Conceição, Lote B. Tel. 2470777 Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Central, R. Conde Ferreira, 29, Tel. 4430058. Permanente; **Parede:** Aisir, Av. Gago Coutinho, B.º Caixas Previdência, Tel. 2472948. Permanente; **S. Pedro do Estoril:** S. Pedro, R. 9 de Abril, Tel. 2683052. Até às 22 h; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Estoril:** Suíça, Cruzeiro, Tel. 260087. Até às 22 h; **Cascais:** Cascais, R. Conde Monte Real - B.º Caixas, Tel. 282407. Permanente.

SINTRA

Amadora: Igreja, P. Igreja, 22-A, Tel. 4937740. Permanente; Flama, R. Elias Garcia, 78-B, Tel. 4932485. Até às 22 horas; **Damaia:** Confiança, R. Bartolomeu Dias, Lote D, Tel. 971023. Até às 22 horas; **Queluz:** Vasconcelos, Est. Part Henq. Pousão, Tel. 4372649. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. Jorge Mineiro, 42, Tel. 4356487 Até às 22 h, **Cacém:** Silva Duarte, R Elias Garcia. 167, Tel. 9248120. Permanente; **Mem Martins:** Química, Est. Mem Martins, 285, Tel. 9210012. Até às 22 horas; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275 Até às 22 h; **Rinchoa:** Cargaleiro Lourenço, Calç. Rinchoa, 38, Tel. 9262006. Até às 22 h; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **S. Pedro de Sintra:** Valentim, Tel. 9230456. Permanente; **Loures:** Saraiva, Av. República, 86, Tel. 9830027. Até às 22 horas.

OUTRA BANDA

Almada: Cristo Rei, Av. Cristo Rei, 31-A, Tel. 2766498. Permanente; **Cova da Piedade:** Atlântico. Av. Rainha D. Leonor, 45-A, Tel. 2764466. Permanente; **Monte de Caparica:** Guerreiro, Lote 31, lj, Moinho, Tel. 2950727. Até às 19 horas; **Costa de Caparica:** Chai, Av. General Humberto Delgado, Tel. 2903218. Até às 19 horas; **Laranjeiro:** Oliveira Sérgio, R. Álamos, 2-A, Tel. 2296464. Até às 22 h; **Sesimbra:** Lopes, R. Cândido Reis, 21, Tel. 2233028. Até às 19 horas; **Lavradio:** Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A, Tel. 2042016. Até às 19 horas; **Barreiro:** Normal, Av. Alfredo Silva, 116, Tel. 2073035. Permanente; **Baixa da Banheira:** Aliança, Estrada Nacional, 178-B, Tel. 2040302. Até às 19 horas; **Corroios:** Univer-so, Est. Nacional, 10, Tel. 3535484. Até às 19 h; **Cruz de Pau:** Fonseca, R. Ribatejo, 2-A, Tel. 2211131. Permanente; **Seixal:** Central, Est. Nacional, 9 - Aldeia Paio Pires, Tel. 2210365. Até às 22 h; **Montijo:** Giraldes, R. Almirante Reis, 45, Tel 2310008. Até às 22 h; **Moita:** Parque, Av. Dr. Egas Moniz. 24 Tel. 2392294. Até às 19 horas, **Alhos Vedros:** Portugal, Av. Bela Rosa, 8. Tel. 2040250 Até às 19 horas. **Alcochete:** Nunes, L Cor Ramos Costa. 10. Tel 2340137 Até às 19 horas: **Setúbal:** Fuzeta, Av Bela Vista, BIE, 1-C, Tel. 72747 Permanente, Soromenho, R. Machado Santos, 24, Tel 22691. Permanente; Marques, R. Arronches Junqueiro, 109 Tel. 22783. Até às 22 h.

CLÍNICA S. JOÃO DE DEUS

MÉDICO DE URGÊNCIA

795 06 80/9

TELEVISÃO

14.25 - PRIMEIRA MATINÉE
«Madigan»
16.05 - PONTO POR PONTO
16.50 - CIDADES COM METRO
17.15 - BRINCA BRINCANDO
Os Segredos de Mimix: «Super-Rato», «Tom e o Traquinas», «Grupo do Drácula», e «Caderno Diário»
18.15 - RUA SÉSAMO
18.40 - DIVULGAÇÃIO INSTITUCIONAL
18.45 - RODA DA SORTE
39ª Sessão
19.20 - BOLETIM AGRÁRIO
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.15 - TIETA
9º Episódio
21.10 - DESENHOS ANIMADOS
21.25 - EURONICO
18º Programa de humor que hoje se debruça sobre a Holanda
22.20 - PRIMEIRA PÁGINA ESPECIAL
Entrevista com o Dr. Basílio Horta candidato à Presidência da República
23.20 - MEMÓRIAS E EMOÇÕES
3º Episódio: Viena, 1936. Leonidas Tachezy assume um cargo importante no Ministério da Educação austríaco; todavia, o facto de ser casado com uma mulher judaica começa a deixá-lo nervorso. As coisas pioram diariamente na vixinha Alemanha e Leonidas teme que o filho, que é meio-judeu, venha a sofrer com isso. Mandar o filho estudar para fora do país começa então a ser encarado como uma solução possível.
00.30 - 24 HORAS
01.00 - O TEMPO
01.05 - REMATE

RÁDIO

ANTENA 1
Desdobramento em Onda Média - Emissores do Litoral - e 99.4 em FM - Zona de Lisboa
14.00: O Linho e a Seda; **15.00:** Praça dos Sons; **17.00:** Antena 1 - Regiões; **17.15:** Porto d'Abrigo.

Onda Média e FM Estéreo
14.00: Frequência Moderada; **15.00:** Antena 1 - 15/17; **17.00:** Sete Mares; **19.00:** Música; **20.00:** No Estúdio e no Estádio; **20.15:** Musical; **20.30:** A Viver Também se Aprende; **21.00:** Musical; **21.30:** Imaginário. Noticiários de hora a hora.

ANTENA 2
FM 2 - Estéreo
15.00: Trajectórias; **17.00:** A propósito da música; **18.15:** Ângulos e Reflexos. **19.00:** Retrospectiva da obra de Luís de Freitas Branco: **19.30:** Álbum Musical; **20.10:** Álbum Musical. (cont.); **20.45:** Esta Madrugada na Antena 2; **21.00:** O Canto e os seus Intérpretes; **22.00:** Bruckner: Sinfonia n.º 6, lá menor (57'36''); **23.00:** Eurorádio: Jornadas de Música Antiga de Herne (1988) e Música na Madrugada. Noticiários de hora a hora.

COMERCIAL
Onda Média 283, 290 e 397 m
14.00: Estúdio Três; **16.30** e **19.30:** Quando o Telefone Toca; **17.00**: Contacto; **19.00** e **23.00:** Jornais - informação; **20.00**: Praça de Táxis; **21.00:** Estrada Fora; **23.00**: Desporto.

RC-FM - Estéreo 97.4 MHz
14.00: Ar Condicionado, c/blues, rock, folk, country, derivadas e derivantes; **15.00:** 4.º Bairro, de Eduardo Guerra e Miguel Quintão; **16.00:** Rock em Stock; **17.00:** A Ilha dos Tesouros, com velhas e novas pérolas da música; **18.00**: RDS - Rádio das Seis, de Adelino Gonçalves; **19.00:** Quatro Tempos, de Pedro Castelar; **20.00:** Nova Geração, de Fernando Quinas; **21.00**: Mercador de Sonhos, de Jaime Lopes; Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL DA LINHA/RCL
102.4 FM
10.00: Paulo Soares selecciona a melhor música: **13.00:** Tons suaves, com Francisco Gil; **16.00:** «Surf», um programa de Augusto Fernandes; **18.00:** Nuno Soares dos Reis escolhe música suave; **20.00:** Paraísos perturbantes, de António Coelho; **21.00:** Sonoridades acústicas escolhidas por Jorge Pimentel; **23.00:** Música romântica.

CORREIO DA MANHÃ/RÁDIO
101.5 FM
13.00: Música pop seleccionada por Teresa Fernandes e Informação editada por Pedro Coelho; **15.00:** Espaço dedicado aos mais jovens, da responsabilidade do João Vaz; **18.00:** Informação geral e desportiva; **21.00:** Música suave; **00.00:** Espaço dedicado à música de vanguarda; **02.00:** Música na madrugada seleccionada por Paulo Oliveira, até às 07.00.

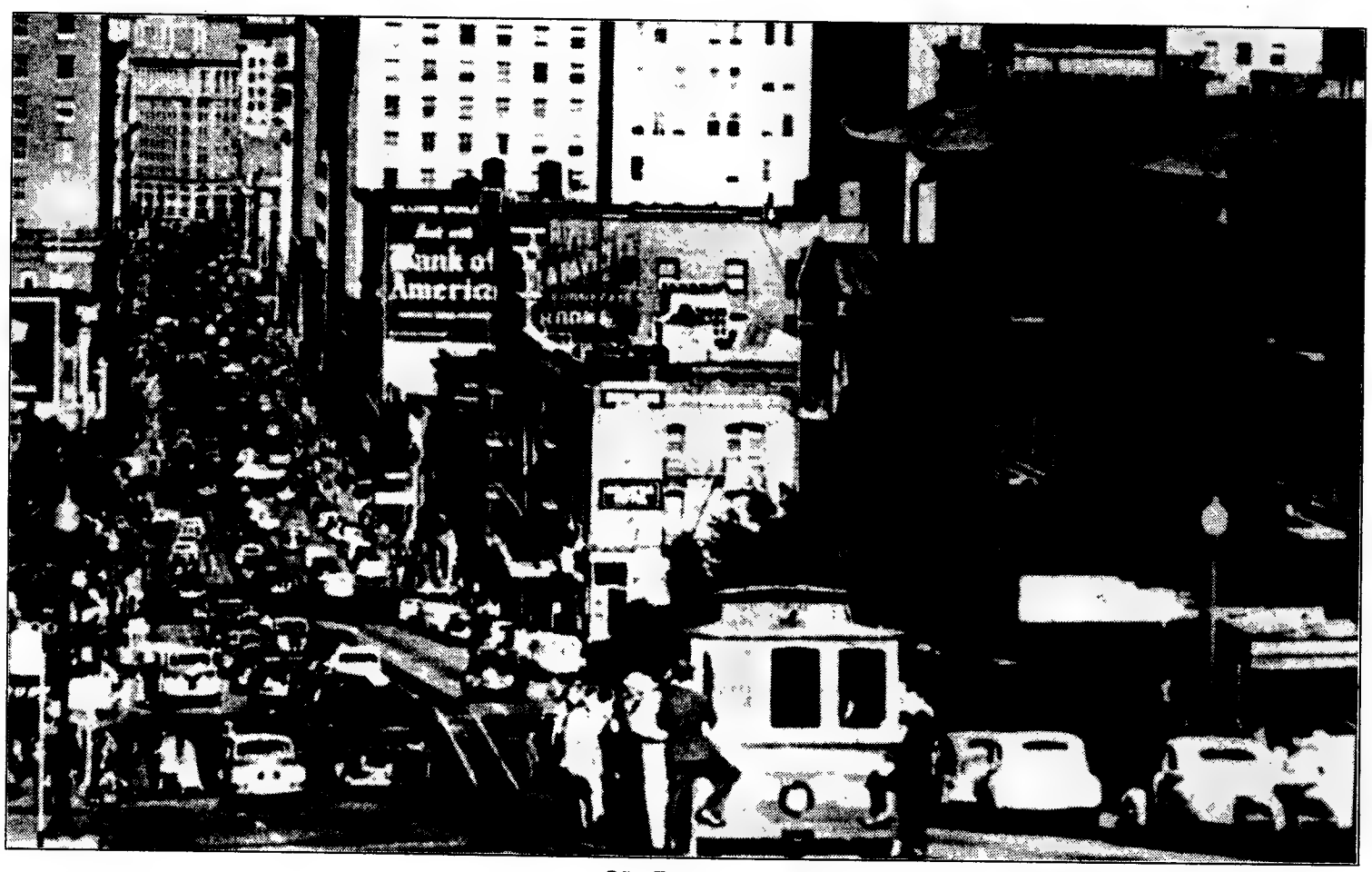
RADIOGESTE
96.6 FM
10.00: Oitava Colina; **17.00:** Fim de Tarde; **20.00:** A Flauta Mágica; **21.00:** Terna é a Noite; **01.00:** O Feitiço da Lua.

RENASCENÇA
Canal 1 - Rede Nacional de OM-FM
15.00: Hora da Música; **16.00:** Banda da Amizade; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** A Viagem Continua; **20.00:** Inf. Religiosa; **20.10:** Boa Nova; **20.30:** Conversa de Amigos; **21.00:** Sequência; **22.00:** Espaço Musical; **22.30:** Bola Branca; **23.30:** Suplemento Especial da BBC; **23.55:** Meditando.

RFM - Canal 2 - Rede Nacional de FM Estéreo
15.00: Fórmula Três; **18.00:** Ideiafix; **19.00:** Atlântida; **20.00:** Serra de Estrelas; **22.00:** Oceano Pacífico.

TSF/RÁDIO JORNAL
89.5 FM
Noticiário de meia em meia hora, editado por Miguel Monteiro e Paulo Bastos, com animação de António Macedo; **06.45:** Conversa de Vizinhas, texto de Filipe La Féria interpretado por Lídia Franco e Rita Ribeiro; **07.15:** Sons com história; **07.30, 08.30, 09.30:** Discos pedidos por personalidades convidadas; **07.50, 08.50:** O humor de Herman José; **08.15:** Economia dia-a-dia, por António Peres Metelo; **08.30:** Conversas de escárnio e maldizer, por Narana Coissoró, Artur Portela, Dinah Alhandra, Natália Correia e Fernando Ribeiro de Mello, por esta ordem, de 2.ª a 6.ª-feira; **12.45:** Grande Prémio, editado por João Gabriel; **18.00:** O acontecimento do dia, por Carlos Andrade; **19.00:** O acontecimento desportivo, por José Manuel Mestre. Aos sábados e domingos, noticiário produzido por uma equipa liderada por Fernando Alves e que inclui João Paulo Guerra; às **12.00** de sábado, Grande Júri TSF, com uma entrevista de fundo a uma personalidade em foco; às **12.00** de domingo, «Flash-Back» com José Magalhães, José Pacheco Pereira e Vasco Pulido Valente, sendo moderador Emídio Rangel.

Metropolitanos há muitos...



São Francisco

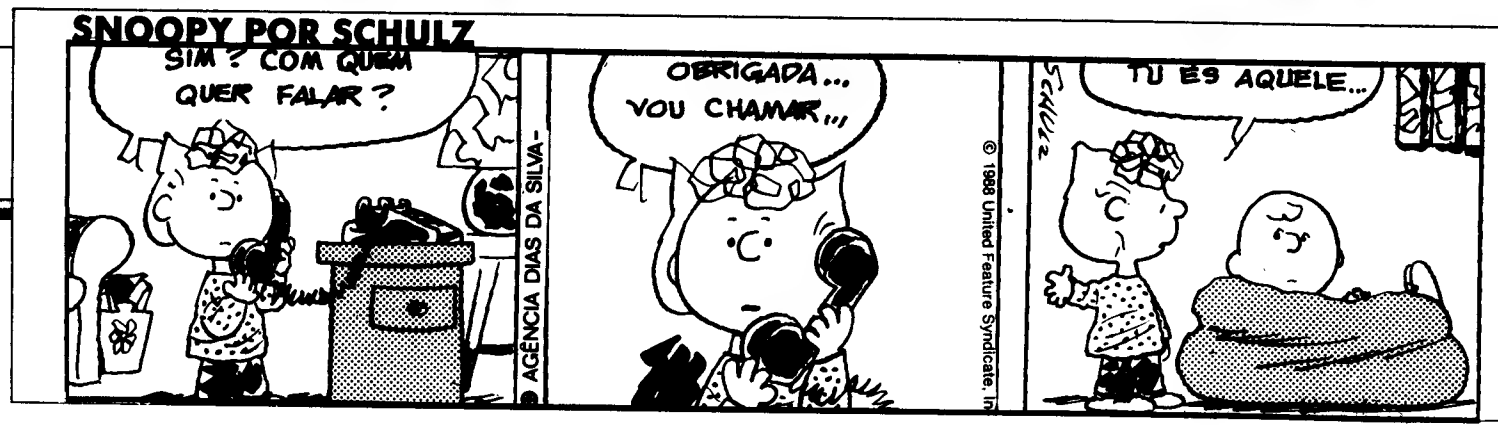
Basílio Horta entrevistado

Em tempo de maioria governamental, o debate político é o que mais tem faltado na programação televisiva. Com a aproximação das eleições presidenciais, espera-se que alguma coisa mude, também neste âmbito, na Cinco de Outubro. Para já, as próximas edições de «Primeira Página» serão preenchidas com entrevistas aos candidatos. São poucos, mas têm de ser ouvidos. Hoje, o entrevistado será Basílio Horta. Seguir-se-ão, como mandam as leis democráticas, Carlos Marques e Carlos Carvalhas.

Basílio Horta

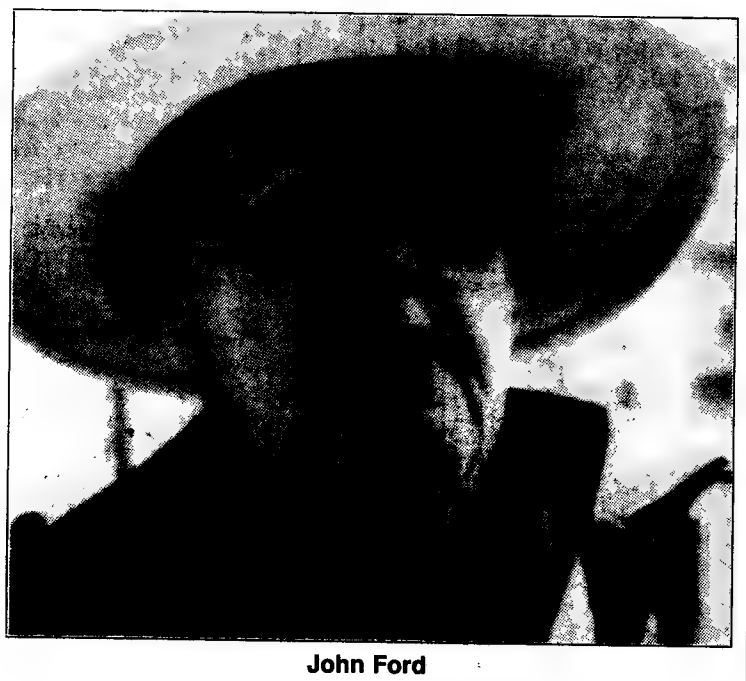
Os americanos levaram muita bofetada antes de chegar à costa Oeste. Ao conseguirem-no ergueram,porém, um monumento à tenacidade dos colonos. Tal monumento é precisamente uma cidade de memória mitíca: São Francisco da Califórnia que, hoje, a partir das 16 e 50, é abordada na série «Cidades com Metro». O pretexto, conforme seria de esperar, é a rede de metropolitano que serve os vários milhões de habitantes da cidade. Mas, metropolitanos há muitos. O que não existe em lado nenhum, a não ser na Califórnia, é São Francisco , uma das metrópoles mais ricas em História de um país que, em nome de valores falaciosos, passa, muitas vezes por cima dos seus próprios pergaminhos.

Neste oitavo episódio de «Cidades Com Metro», os «guias» convidados (Cyra McFadden e Bolvin Belli) falar-nos-ão, com certeza, dos tempos em que, na cidade, havia mais *saloons* do que casas e em que a chegada do comboio era rodeada de uma expectativa surpreendente. Saiba ainda como se processou a reconstrução, após o duríssimo terramoto de 1906 ter destruído os harmoniosos quarteirões vitorianos, onde a burguesia californiana viveu o seu tempo de vinho e rosas... Isto, sem esquecer, claro está, a década de 60, quando Scott Mackenzie convenceu os *hippies* de todo o mundo a reunirem-se no Oeste.



2 RTP

14.30 - AGORA, ESCOLHA!
15.55 - AVENTURA
16.20 - A ILHA DAS BORBOLETAS
16.45 - RECREIO DO 2
«Cristal Tipps e Allistair» e «Uma Pequena Maravilha»
17.30 - ETERNO FEMININO
39º Episódio
18.35 - O MENINO DOUTOR
20º Episódio
18.55 - TI-TI-TI
59º Episódio
19.25 - CIRCO
19.50 - VIA RÁPIDA
Anthony Drakes é um cantor que começa agora a ser famoso. Álvaro Costa vai falar das várias fases da sua carreira.
20.00 - REGIÕES MAGAZINE
20.45 - DICK TRACY
39º Episódio
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - O FOSSO E O PÊNDULO
4º Episódio
21.55 - FORA DE JOGO
Acompanhando um resumo de imagens sobre os mais importantes embates da última quarta-feira de competições europeias, este espaço de informação desportiva apresenta a propósito uma reportagem sobre o panorama desportivo da Roménia que inclui igualmente aspectos político-sociais da realidade romena.
22.55 - CINECLUBE
«Histórias Irlandesas»
00.20 - O TEMPO



John Ford

À beira do holocausto

Caso ainda não tenha reparado, a RTP está a valorizar as séries de ficção, sim, mas com fundamento histórico. Aos sábados à noite, por exemplo, poderá apreciar «Champagne Charlie». Às quintas-feiras, antes do serviço informativo«24 Horas», a proposta é acompanhar **«Memórias e Emoções»**, um programa da Televisão austríaca, ao que parece, de excelente qualidade.

A série, também de ficção, vale como um testemunho sobre os dramas vividos na Europa central, à beira da Segunda Guerra Mundial. Para os que acreditam que a civilização ocidental não tem de assumir as culpas pelos horrores que o nazismo semeou mundo fora, aconselhamos o acompanhamento desta série. Ela prova que Hitler e os seus «rapazes» só surgiram, porque eles eram a resposta a velhos problemas como o anti-semitismo. Demonstra-o quanto baste a história de Leonidas Tachezy, a quem todos auguram um futuro promissor, até ao momento em que ele desposa uma judia. Em 1936, na Áustria (não na Alemanha, note-se), o protagonista teme já pelo futuro do filho. De realçar ainda, a beleza dos diálogos, impregnados de referências literárias e filosóficas.

A costela irlandesa

Estamos com sorte: alguém na RTP gosta de John Ford até à loucura e, por isso, nós estamos a ver mais filmes dele do que os americanos propriamente ditos. Às quintas-feiras, no Cineclube (Segundo Canal, já se vê), o que está a dar é a costela irlandesa do cineasta que realizou, entre outros filmes, «O Homem Tranquilo» e «O Vale Era Verde». Depois de na semana passada, termos assistido a «O Denunciante», veremos, hoje, a partir das 22 e 50, «Ao Caír da Noite». Não julgue, no entanto, que vai ver um filme de noventa e tal minutos, com princípio, meio e fim. Trata-se, sim, de três histórias autónomas, tendo em comum o facto de todas elas se desenrolarem na Irlanda. «O Nascimento da Lua», «Um Minuto de Paragem» e «1918» (assim se chamam as narrativas) permitem-nos, por outro lado, redescobrir a voz de Tyrone Power, um dos galãs mais amados da década de 40. Sabemos que a hora é tardia para quem vai trabalhar amanhã, mas, por favor, não perca um pitéu destes. Para já, levantamos uma pequena ponta do véu e dizemos-lhe que a terceira nos dá a descobrir a posição do cineasta ante a presença britânica na ilha vizinha.

Por falar em cinema, se você vai para casa mal compre o «DL» sugerimos que ligue o televisor às 14 e 25. É que a RTP 1 estará a transmitir um policial histórico. Falamos de «Madigan», realizado, em 1968, por Don Siegel, com interpretações de Henry Fonda e Richard Widmark. Ao contrário do que sucedia na década de 40, este actor não interpretará o papel de um *gangster*, mas de um polícia dotado de tanto profissionalismo que irá pôr a sua vida em perigo para capturar um perigoso cadastrado.

Se dissermos que «Madigan» é da mesma época que «Bonnie and Clyde», de Arthur Penn, não precisa, com certeza, de melhores credenciais...

AMANHÃ

RTP-1

09.01 - BOM DIA
10.00 - RUA SÉSAMO
10.30 - PONTO DE ENCONTRO
11.55 - CULINÁRIA
12.10 - TOP MODEL
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.25 - BOLSA DIA A DIA
13.27 - O TEMPO
13.30 - SEM LEGENDAS
14.25 - DIVULGAÇÃO INSTITUCIONAL
14.30 - PRIMEIRA MATINÉE
«Annie Hall»
16.15 - PONTO POR PONTO
16.50 - TRANSANTARCTICA
17.20 - BRINCA BRINCANDO
18.17 - RUA SÉSAMO
18.40 - DIVULGAÇÃO INSTITUCIONAL
18.45 - RODA DA SORTE
19.20 - BOLETIM AGRÁRIO
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.10 - DIREITO DE ANTENA
20.17 - TIETA
21.15 - DESENHOS ANIMADOS
21.25 - SESSÃO DA NOITE
«Aliens, O Reencontro Final»
23.50 - CHEFE, MAS POUCO
00.20 - 24 HORAS
00.50 - O TEMPO
00.55 - REMATE
01.20 - PELA NOITE DENTRO
8º Episódio da série «Sexta Feira 13»

RTP-2

12.02 - O FANTASMA DE FAFFNER HALL
12.25 - CIRCO
13.00 - FILHOS E FILHAS
13.25 - ARMAÇÃO ILIMITADA
14.00 - PRIMEIRO JORNAL
14.30 - AGORA, ESCOLHA!
15.55 - HISTÓRIA DO AUTOMÓVEL
16.20 - NOVOS HORIZONTES
16.50 - RECREIO DO 2
17.30 - ETERNO FEMININO
18.35 - CHARLOT
19.00 - TI-TI-TI
19.30 - CIRCO
19.50 - VIA RÁPIDA
20.00 - NUNCA MAIS É SÁBADO
20.45 - DICK TRACY
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - A TENDA DOS MILAGRES
22.10 - ROTAÇÕES
23.10 - POP-OFF
23.40 - AS TEIAS DA LEI
00.25 - O TEMPO

«A exploração da Natureza tem limites e os abusos que já se cometeram povoam as próximas décadas de perigos que põem em risco a sobrevivência de algumas populações»
Editorial do «Diário de Notícias», 07.11.90

A PERGUNTA DO DIA

Manuel Jorge Oliveira criador de cavalos e cavaleiro

A Feira da Golegã está ou não a ressentir-se da pesta equína?

«Penso que não pois a Feira da Golegã é mais um local de convívio dos criadores de cavalos e dos cavaleiros, uma grande reunião das pessoas ligadas aos cavalos e não um local de comércio. Os cavalos aqui presentes, todos portugueses, estão vacinados e, portanto, salvaguardados de contrairem a peste e, este ano, deve ser mesmo um dos anos em que estarão presentes mais cavalos na feira. No que se refere ao negócio, particularmente no que diz respeito à exportação, tem-se verificado uma certa quebra nas vendas. Apesar de tudo, os estrangeiros continuam a comprar alguns cavalos portugueses se bem que sejam obrigados a deixá-los cá até à abertura das fronteiras, o que deverá acontecer em 1992.»

Sexta-feira no
Diário de Lisboa
Que fazer das velhas casas de Lisboa?
A dimensão trágica da candidatura de Basílio Horta
Antevisão do fim de semana desportivo

AUTO-RETRATO

O auto-retrato foi um desafio que o «DL» dirigiu às mais diversas personalidades da vida pública portuguesa. Depois de alguns meses de interregno, voltamos à sua publicação.
Hoje é a vez de António Ramos Rosa

Da dificuldade da autobiografia

Não sei qual foi o filósofo que disse: «Sei que sou mas não sei o que sou.»

É este autodesconhecimento que torna a autobiografia extremamente difícil.

Como o eu não é estático mas móvel, e se é idêntico é também outro, não é possível reconstituir o fluxo de imagens, pensamentos, sensações, afectos, etc..., que constituem a sua substância viva. Por outro lado, a consciência é importante para preencher o vazio que separa o sujeito do real e de si mesmo. Por isso, o homem é irrepreensível e só a atenção criadora, que é a raiz da poesia, da arte e da mística, pode estabelecer algumas pontes entre o homem e a realidade, em grande parte desconhecida e sempre incondicionada. É assim que, paradoxalmente, a ficção «corresponde» mais ao real do que a autobiografia ou qualquer conjunto de referências biográficas. Além disso, a autobiografia implica o risco do empolamento do eu e de uma exposição incómoda e de algum modo impúdica. «Fingir é conhecer-se», disse Pessoa e disse-o definitivamente. Na verdade, o fingimento é o único processo de não nos perdermos nas ilusões do eu e evitar assim o excesso narcísico.

Francisco Paraíso

Como falar, portanto, de mim? Sou poeta e, como tal, tudo o que escrevo é ficção, quer se ligue ou não à experiência vivida. Esta nunca pode ser expressa ou traduzida, porque será sempre traída pela linguagem. Por isso, há que inventá-la para a descobrir. escrevo, por conseguinte, para reconstituir algo que talvez tenha vivido ou não vivi. Algo que se perde nos confins da memória, mas que é uma latência viva do meu corpo. Possivelmente, trata-se de um estádio primitivo em que o ser «vivia» numa unidade perfeita. Daí a sensação de uma falta absoluta e a necessidade de preenchê-la. A linguagem poética liga-se assim aos estratos do inconsciente que conservam os traços dessa realidade primordial. Por isso, como poeta, tento menos exprimir o «sujeito» ou o eu que sou e não sou, do que actualizar essas virtualidades do Uno que requerem a metamorfose poética para se tornarem presenças vivas e mais reais do que seriam quaisquer referências biográficas ou realistas. Isso não significa que, por vezes, a poesia não nasça de uma experiência vivida com a intensidade de um sentimento que tanto pode ser de alegria ou sofrimento, a plenitude ou a falta.

Um dos meus primeiros poemas, «O Boi da Paciência», reflecte a experiência que vivi durante alguns anos como empregado de escritório em Lisboa. Esta experiência foi extremamente dolorosa, porque asfixiante, e o poema reflecte-a mas de uma maneira que transcende, julgo eu, o nível autobiográfico. Apesar desse poema ter sido escrito de um jacto (e aqui posso dar uma referência que intressará porventura alguns leitores: esse poema foi escrito no café *Chave de Oiro*, no ano de 195) há nele, segundo me parece, uma grande elaboração estética que não me cumpre aqui analisar nem avaliar. Para além dessa experiência de empregado de escritório, mas relacionado com ela, há que considerar que esse poema reflecte também a opressiva situação política e social em que vivia a maior parte dos portugueses. Digo «reflecte» mas a verdade é que o poema, como outros que nesse período escrevi, transpõe essa realidade social e política mediante uma linguagem que elabora os dados da realidade exterior articulando-os com as pulsões íntimas do sujeito, que, na sua densidade e complexidade humanas, transcende as limitações do eu. Por isso, se esse poema é uma «autobiografia» de um homem asfixiado pela opressão, é também um grito de liberdade que vem das profundidades do ser e que, mediante a metamorfose poética, actualiza de algum modo a liberdade radical do ser.

António Ramos Rosa

CRÓNICA

A Gripe do Golfo

A golfomania é a última mania dos portugueses. Não há ninguém neste país que não atribua ao Golfo a causa das suas desgraças. Se está a chover e o senhor Isidoro se esquece do guarda-chuva, a culpa é do Golfo. Se o Governo decide aumentar o gás e a gasolina, a culpa é do Golfo. Se os portugueses vão viver pior, se a inflação vai subir e os salários vão baixar, a culpa é evidentemente do Golfo.

Há dias, no Metro, um utente urbano-depressivo com uma gabardina na mão e uma muleta protestava por não ter lugar sentado. Lembrou-se de dizer: «Olá, tudo cheio, a culpa é do Golfo!».

Toda a gente se riu. E não era para menos. É que o utente acrescentou que ia a uma consulta de psiquiatria: tinha sido acometido pela Gripe do Golfo.

Aconteceu no início da Agosto, devagarinho, pé ante pé. A Gripe continuou pelo mês de Setembro, instalou-se, como uma doença incurável. Mas só em Outubro é que se declarou do ponto de vista da medicina. Agora, em Novembro está no auge.

Não há português que se preze que não conheça já os sintomas. Ataca o pescoço, dá comichão, stress, insónias, pesadelos, desejos de violência e de vingança. Médicos mais modernos, sem percurso por hospitais do Estado, não lhe chamam Gripe do Golfo, mas Golfomania.

Um adepto do Belenenses bate na mulher ao Domingo à noite. Enquanto ela grita, ele vai dizendo que é por causa do Golfo. Um automobilista despista-se na estrada de Cascais e a primeira coisa que dispara ao polícia é: «Senhor guarda, sabe, aquilo no Golfo está mau!».

A golfomania generalizou-se já às polícias, aos sindicatos, às associações empresariais, à Sopa dos Pobres, aos jornais e ao futebol. Quando o guarda de giro pespega uma multa de proibição de estacionamento num automóvel, quando o Benfica perde em Setúbal ou os sindicalistas se desentendem, quando os empresários e os trabalhadores contestam o Governo, quando os passadores de droga se ressentem do mercado e centenas de jovens não entram nas universidades, a culpa é do Golfo.

Dias atrás, quando caíu mais um prédio da cidade, o engenheiro de serviço não se conteve e disse para os mirones: «Era previsível, com aquela coisa do Golfo!». Morrem pescadores no alto mar, passageiros nas empresas rodoviárias, crianças de fome no Barreiro, cidadãos anónimos atiram-se para as linhas de comboio e jovens presos enforcam-se amiúde nas penitenciárias. De quem é a culpa? Do Golfo, claro. E quem disser o contrário não é bom chefe de família.

Rui Ferreira e Sousa

A.M.A. Auto Monumental do Areeiro S.A.
CONCESSIONÁRIOS AUDI VW
AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

QUINTA-FEIRA, 8 NOVEMBRO 1990

SUPLEMENTO
LITERÁRIO

SUPLEMENTO DAS QUINTAS-FEIRAS DO Diário de Lisboa 8 DE NOVEMBRO DE 1990 NÃO SE PODE VENDER EM SEPARADO

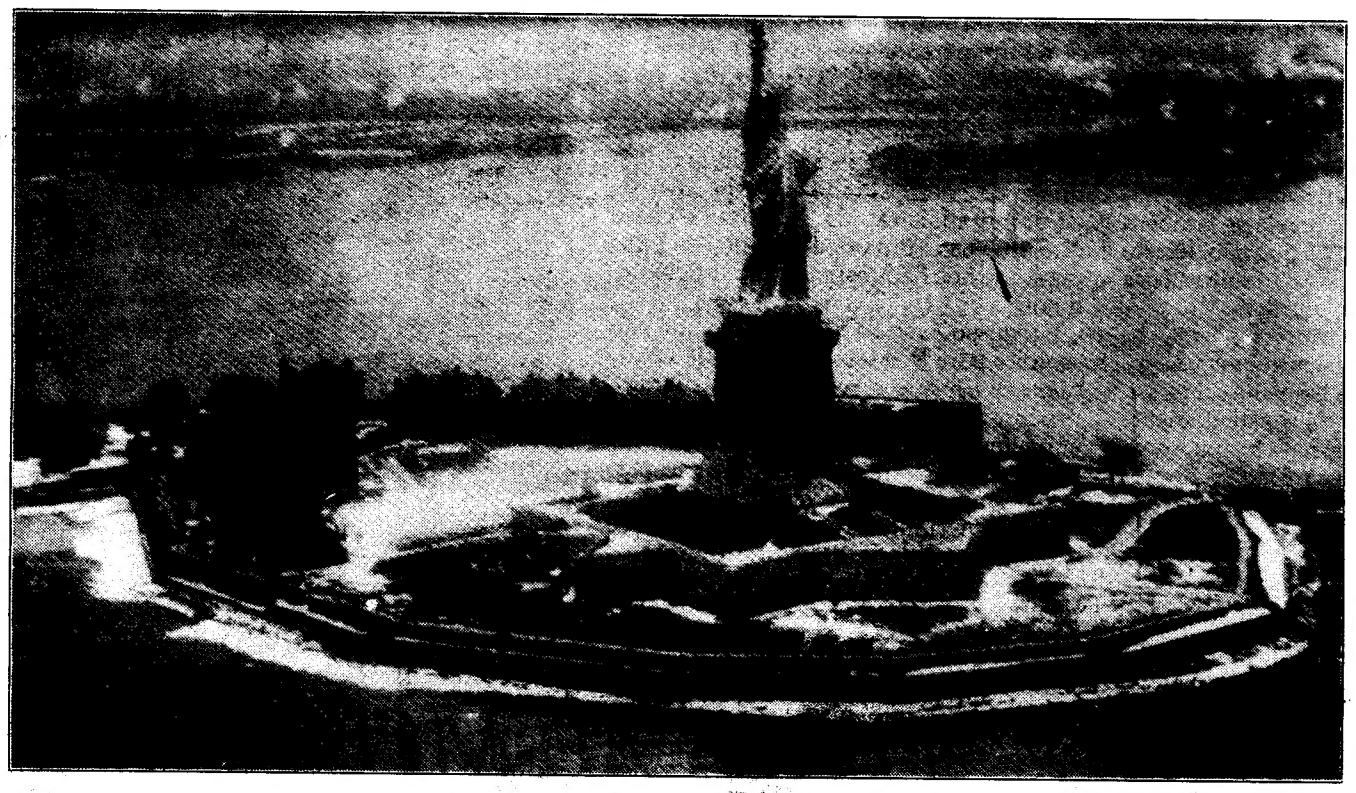
O Livro do Deserto, segundo Roby Amorim, e os Postais Rasgados de Fernando Guerreiro, nas págs. 2 e 3; Acabados de chegar, na pàg.4

Temas e Mitos Americanos

«RUMBLE FISH» E «TRUE STORIES»

Desejaria desde já esclarecer que não se movem intenções a nível da crítica cinematográfica mas sim de descodificação de diálogos da ânima americana nas realidades enunciadas por estas duas narrativas. Desde logo, creio ser essencial definir a perspectiva adoptada sobre conceitos nucleares nesta análise. São eles o conceito de mito e o de tema.

Por mito tomemos a definição de Georges Gusdorf em *Mythes et Métaphysique*. Segundo ele, o mito «désigne ce monde de vérité qui n'est pas établi en raison, mais plutôt reconnu par une adhésion en laquelle se dévoile une sportanéité originaire de l'être dans le monde». Quanto ao conceito de tema, tomemos o olhar de J. P. Richard citado por Mar Angenot no seu *Glossário de Crítica Contemporânea:* «Um tema seria um princípio de organização, um esquema ou um objecto físico à volta do qual teria tendência a constituir-se e desenvolver-se num mundo. O essencial nele é esse 'secreto parentesco' de que fala Mallarmé, essa identidade escondida que se tratará de revelar sob as mais diversas coberturas.»



Assim, o mito designaria uma capacidade de reactualização do passado original; um diálogo do eu com o espaço e consigo, marcado pela espontaneidade que a adesão emocional proporciona. O tema, por seu turno, funcionaria como uma constante comprovada por diferentes narrativas, retiradas do real ou do ficcional, em estreito diálogo com os mitos. Nesta análise, os temas decorrem dos mitos.

Observemos para já alguns elementos históricos ligados aos primórdios da nação americana, para depois retomarmos estes conceitos através de exemplos elucidativos.

Especialista algum dos fenómenos americanos recusa o lugar do discurso puritano na formação do ego do Novo Mundo. Perseguidos e rejeitados numa Europa em ruptura, as primeiras gerações coloniais vivem e assumem a reactualização do conhecido passo da Epístola aos Romanos, capítulo 8 (Filiação divina e vida eterna), que pela sua importância se transcreve: «28 - Ora nós sabemos que Deus em tudo coopera para o bem daqueles que o amam, desses que, segundo os seus desígnios foram chamados, 29 - pois àqueles que ele distinguiu na sua presciência, predestinou-os também para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que este seja o primogénito entre muitos irmãos. 30 - E àqueles que predestinou, também os chamou; àqueles que chamou, também os justificou; e àqueles que justificou, também os glorificou.

31 - Que diremos, pois, a isso tudo? Se Deus é por nós, quem será contra nós? 32 - Ele, que nem sequer poupou o seu próprio Filho, mas o entregou à morte por todos nós, como não haveria de nos dar também, com ele, todas as outras coisas? 33 - Quem acusará os eleitos de Deus? Existe Deus que justifica. 34 - Quem há-de condenar? Existe Cristo Jesus, que morreu, mais ainda, que ressuscitou, e está à direita de Deus, e também intercede por nós.

35 - Quem poderá separar-nos do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo ou a espada? 36 - Conforme está escrito: «Por tua causa, somos entregues à morte todo o dia; somos tratados como ovelhas destinadas ao matadouro. «37 - Mas, em todas essas coisas, somos nós mais que vencedores, graças àquele que nos amou.»

Embora extensa, esta citação revela-se essencial pois desvenda aqueles que são os mitos e os temas formadores daquele espaço. Distinguiria essencialmente três mitos, o do Povo Eleito, o da Terra Prometida e o de Adão. Em primeiro lugar, encontramos a desingação dos escolhidos, do grupo que reactualiza o povo eleito bíblico. Em segundo lugar, o mito da Terra Prometida, o novo Paraíso, espaço de recompensa e de constante provação. Em terceiro lugar, e deste decorrente, o mito de Adão. A um espaço novo e original só poderá corresponder um homem novo e original, desejando-se inocente e livre da culpa e de pecado.

E deste modo vão surgindo alguns temas cuja constância ainda hoje se assinala: desde logo o tema da *viagem* que depois se associará ao da *fronteira* e ao da *demanda do Oeste;* e ainda os temas da inocência, da predestinação, da ausência do passado, e da regeneração.

Se todos estes aspectos descrevem uma expressão óbvia de euforia, eles insinuam também uma tensão que não deverá ser ignorada. Segundo Carl N. Degler, em *Out of our Past:* «Proclaiming the priesthood of all beleevers, Protestantism made each man's relationship to God his own terrifying responsability. No one els could save him; therefore no one must presume to try. More concerned about his salvation than about any mundane matter, the Puritan was compelled, for the sake of his immortal soul, to be a fearless individualist.»

Aqui se insinuam outros temas, o do individualismo e consequentemente o da solidão. Mas, também, o da alteridade. De uma forma talvez inocente, Michel de Certeau, em *L'écriture de l'histoire*, descreve o conquistador como uma entidade que inscreve a sua identidade na página em branco que o Novo Mundo é. Ora, desde logo, o Novo Mundo se revela também como zona da alteridade, domínio do diabólico, como o prova a tela «O Inferno» de Mestre desconhecido da primeira metade do século XVI que se encontra no Museu Nacional de Arte Antiga. Ali, o Senhor dos infernos é figurado a partir da imagem de um índio. Essa alteridade exógena (o índio, a natureza, os elementos de outras filiações religiosas que trazem consigo a memória do Velho Mundo) e endógena (a consciência e uma natureza corrupta) permanece como tema ao qual o americano sempre recorre na busca da sua identidade.

Tais elementos da ideologia puritana não se circunscrevem a esse espaço. Rod W. Horton e Herbert W. Edwards, em *Backgrounds of American Literary Thought*, lembram a sua importância na formação de Benjamin Franklin, o homem que melhor representa o espírito da Iluminismo na América. Segundo eles, «Franklin borrowed from Puritan teachings his famous Thirteen Virtues (temperance, silence, order, resolution, frugality, industry, sincerity, justice, moderation, cleanliness, tranquility, chastity, and humility) and exhorted others to practice them, not for their Calvinistic valce of «justitfying the ways of God to man» but rather for their practical usefulness in what Franklin recognised and approved as the fundamental motive of existence — the designe to Get On. In a sense, Franklin's attitude was simply a modernization of the Puritan concept of fruitful industry.»

Não estamos portanto face a mitos e temas circunscritos a horizontes ideológicos facilmente definíveis. Bem pelo contrário, muitos deles, senão a totalidade, foram interiorizados pelas diferentes vagas migratórias, ligadas elas próprias a diferentes propostas existenciais, e passaram a formar a identidade americana. Ainda uma outra presença do século XVIII deverá ser referida, pois com ela um novo tema se formula. Crévecoeur e as suas *Letters from an American Farmer*. O tema é o do *melting pot*, o cadinho onde coexistem diferentes origens e sensibilidades culturais e religiosas, formando uma nova identidade, a Americana. Ou por outras palavras, o diálogo entre o eu e o outro, o diálogo com a alteridade.

Em Crévecoeur é axial a lógica burguesa que não pode ser dissociada dos ecos da Revolução Francesa. Nele são já reconhecíveis os sentimentos do tema do *self-made man* que o capitalismo do nosso século tornará indissociável do *american dream*.

Deixemos agora estas considerações rápidas e elípticas para vermos em que medida tal realidade fornece a estrutura de *Rumble Fish* e de *True Stories*. Comecemos por *Rumble Fish*. Numa entrevista recente concedida aos Cahiers du Cinéma (415, Janvier 1989) a propósito do seu filme *Tucker*, Coppola afirmava: «J'ai tendance à mesurer la réussite de mes films selon l'originalité du projet, même s'il s'agit des échecs. Par exemple, *Rumble Fish (Rusty James)* qui a été un de mes plus grands échecs, du moins aux États-Unis, est mon film préféré parce que c'est un des plus étranges que j'ai faits.»

Ora, esta «estranheza» decorre, na minha opinião, do diálogo exercido com mitos e temas americanos antes referidos e que surge, muitas vezes, dissimulado no esteticismo. *Rumble Fish* conta-nos a história de dois irmãos em busca da sua identidade. O mais velho regressou de uma viagem à Califórnia, ao Oeste, onde Hollywood materializa ainda um Eldorado. Realizou essa demanda pela estrada como o fizeram as gerações de 50 e 60 na sua épicaradical. Contrariamente a esse jovens em busca de uma realização que passava pela diluição comunitária, este jovem, lúcido e desencantado, realiza uma viagem no tempo individual, no seu tempo, à pro-

continua na pág.2

Postais rasgados

CRIOLINA

Amiga de Urbana , e tendo com ela muitas parecenças (um mesmo fim / destino e arqueologia) , Criolina constitui por excelência uma figura de todos os tempos (e , por isso ,para lá da própria noção de tempo) . Ou seja , Criolina é o que se pode chamar uma « rapariga moderna » . Ao contrário de Urbana , que é a rapariga de uma fotografia (o facto dela aparecer , « condena » todos os lugares a ser o seu sítio) , Criolina é a rapariga de todas as fotografias . Quase por definição , ela constitui a rapariga da época da reproductibilidade mecânica . Das Imagens . Da Idade Moderna . Ela adapta-se , é os cenários : configura-se como a sua epifania , finitude .

É fácil dizer dela que se limita a ser um conjunto de « adereços » , uma « aparência » (na foto que lhe surripiei : óculos 3 D ,jaqueta de mikado ,calças em fuso , conjunto de luvas e lenço) , mas seria simplista , encadeados pelo efeito de miríade da multiplicidade de espelhos da sua jaqueta , não ter em conta que é a sua capacidade proteiforme (e só por isso tendencial ou desideralmente mutante) que define a sua « essência » .

Adaptando-se , Criolina faz mais do que « mimar » os lugares ; de facto,extremando-os , é ela que os obriga a configurar-se , adivinhando , deste modo , o seu « ser » (um devir : em acto) na aparência . Ela é (dando o conteúdo ontológico a esta afirmação predicativa) a aparência ... Mas , ao mesmo tempo , só assim ela faz ser as aparências (e as possibilita) .

No entanto , na sua alegria (divertimento , euforia do « trasvestissement , metabolismo) Criolina revela-se também uma rapariga mecânica já que não desiste de com as suas « formas » manifestar as suas resistências .

Como Manchete , Criolina é uma rapariga « romântica » . Mas menos ressentida . A sua ebriedade vem-lhe da possibilidade , confirmada , de constantemente poder ser e de se testar na « forma » sem trair a sua redução mecânica (os limites - sempre a transfigurar - dos seus sentidos) .

Daí o termos escrito de início que Urbana e Criolina possuíam uma mesma arqueologia(se Urbana se apresenta como uma rapariga dos « bas - fonds » , Criolina é - o dos « subúrbios ») e se destinavam a um mesmo fim - o da consumação celebrante do seuSer - corpo na cidade ou como finitude acabada , Urbana , ou como dilaceramento ,rasgão , infinitude ,Criolina .

Criolina é uma rapariga materialista (uma verdadeira « material girl ») . Não só porque persegue fins objectivos (não lhe é aleatória , indiferente , a persecução dos seus fins/objectivos) , mas também porque parte sempre de coisas materiais (e é aí , de facto , que quer chegar) .

Dir-se-ia então , de Criolina , que ela é uma rapariga artificial ? Sim , se virmos nisso a referência a uma essência leve , a uma profundidade descoberta das coisas ... Ready-made , artefacto , Criolina constitui-se , afinal , da verdade do seu princípio (Ser) de artifício ...

Por isso , com ela estamos sempre em « dívida » - nem nunca lhe somos devidamente agradecidos . Esquecemo-nos nela - com efeito , a própria velocidade com que ela é , distrai-nos do seu acontecimento (físico) . Em relação a nós , Criolina funciona como um flash que dispara e nos fixa na súbita aparência (cenográfica) de coisas .

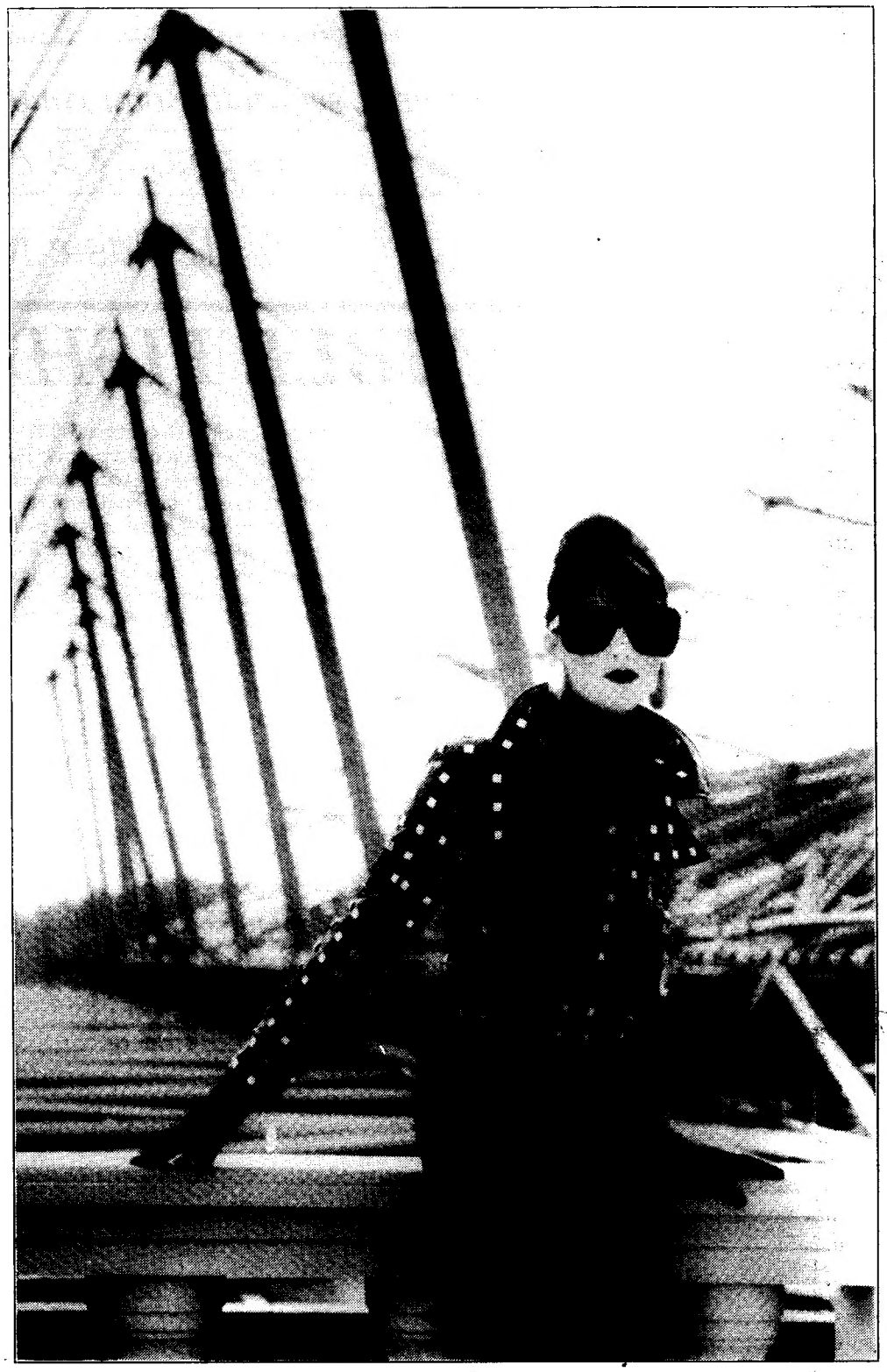
Os pesos que ela deixa (lança , larga) para trás constituem o segredo da sua velocidade neurónica , avassaladora e neôntica , vanguardista . Se ela parece « superficial » (a « duas dimensões » , como um personagem de BD) , é porque , para Ser , ela abdicou da profundidade (dessa ficção tridimensional que , por permitir a nossa Representação como « pessoa » , não deixa de assentar numa ilusão de continuidade retrospectiva) .

Sempre mais rápida , Criolina é como que uma asa : uma doação que (se) nos faz e que nós não respeitamos suficientemente .

É o nosso Anjo da História : só que não se volta para trás (ela nada tem de saturniano) , já que é sempre para diante , procurando vencer a nossa resistência e atavismo , que ela nos precipita .

Anjo da modernidade - veloz e mecânico - , sempre graciosa e em certa medida gratuita , Criolina é uma dádiva em que a presentabilidade do mundo , ante os nossos incrédulos olhos , se celebra e exulta .

Fernando Guerreiro



TEMAS E MITOS

continuação da pág. 1

cura das suas origens. Assim, na Califórnia encontra o que desejava, a mãe há muito separada da família. O encontro com a mãe corresponde a esse reencontro com as origens. Na Terra Prometida, o jovem solitário reconhece, após a viagem, a sua identidade. Aspecto interessante: o meio através do qual se dá o reencontro. É ele a televisão, onde a mãe surgiu assistindo a um banal concurso. A terra da utopia ainda permanece a mesma, mãe, matriz, elemento regenerador. A viagem é também ainda o meio graças ao qual essa regeneração se possibilita.

Toda a narrativa se centra todavia na costa Leste, na costa originariamente pioneira, onde as primeiras fronteiras se erguiam e as inscrições culturais se confundem com a história americana. Assim, a utopia enquanto «paradigma específico do imaginário social: representação de uma sociedade *radicalmente outra*, situada no *algures* definido por um espaço-tempo imaginário; representação que se opõe à da sociedade real, existente *hic et nunc*, bem como aos seus males e vícios», como a define Bronislax Baczko (Enciclopédia Einaudi, n.º 5 - Anthropos - Homem), essa utopia sofre uma descentração do comunitário para o individual, do inconsciente colectivo Junguiano para o inconsciente individual freudiano, da ânima para o id. No entanto, para que essa viagem interior se materialize será essencial realizar a viagem no espaço americano, isto é, entre o inconsciente individual e o colectivo, entre a ânima e o id, é fundamental para o conhecimento de si. *O ego encontra-se no encontro com o mito.*

Será por essa razão que o irmão mais velho transmite ao mais novo a sua narrativa. Deste modo lhe cede um saber que lhe permitirá a sua libertação / emancipação e a consequente partida para a sua viagem solitária, para a sua formação.

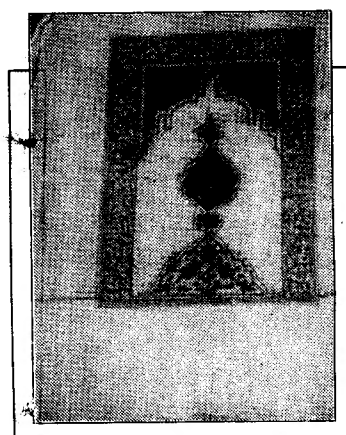
Repare-se que Rusty James parte após a morte do irmão, utilizando a sua mota. A mota foi o meio através do qual a viagem se realizou. Tomando-a em suas mãos, ele toma e domina a possibilidade de se emancipar, sozinho. Ao partir, ele seguirá o curso do rio em direcção ao mar onde o filme termina numa suspensão indiciadora do seu reencontro com a matriz. Mas a viagem ao longo do rio é também uma viagem na memória da fronteira, pois o rio, o Mississipi, foi-o durante muitas décadas. Por isso T. S. Eliot a ele se referiu do seguinte modo em *The Four Quartets*, no início da secção intitulada *The Dry Salvages:* «I do not know much about gods; but I think that the river / Is a strong brown god - sullen, untamed and intractable / Patient to somer degree, at first recognised as a frontier; / Useful, untrust worthy, as a conveyor of commerce; / Then only a problem confronting the builder of bridges. / The problem once solved, the brown god is almost forgotten / By the dwellers in cities - ever, however, implacable / Keeping his seasons and rages, destroyer, reminder / Of what men choose to forget.»

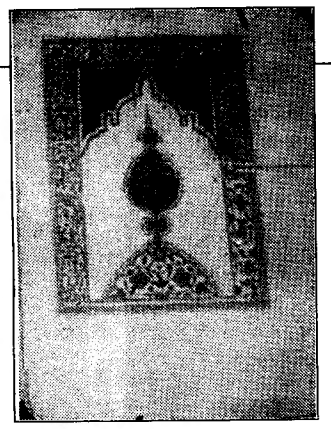
O rio como o dizia Eliot, ajuda Rusty James pois «recorda aos homens aquilo que pretendem esquecer». Neste caso, a memória individual.

Porquê a morte do irmão mais velho? Em primeiro lugar, ela dá-se após a libertação dos animais aprisionados. Assim se cumpre a sua missão de reposição da ordem (natural). Em segundo lugar, porque o poder não pode ser partilhado e ele será cedido ao irmão mais novo (ainda a mota como meio de realizar esse poder). Por isso, ao olhar-se ao espelho, ele reconhece a duplicação. Daí a imagem do peixe, o *Betta splendens*, vulgarmente conhecido por Betta ou Lutador Siamês. Em semelhante espécie, os machos não podem coexistir no mesmo espaço depois dos três meses, isto é, após o *período de crescimento*. Se tal suceder, lutarão até que um deles morra.

No fim permanecerá então o reencontro consigo e com o espaço, mas também a solidão. E não era já uma constante em *The Adventures of Huckleberry Finn*, aquela frase do protagonista: «I feel so lonesome?»

Pensemos agora em *True Stories*, de David Byrne. *True Stories* traz-nos o olhar de alguém que vem de fora, mais particularmente da Grã-Bretanha. Mas não terá sido assim que o olhar americano se formou? Onde Coppola constrói uma narrativa em que os mitos surgem através do olhar que os interioriza desde a infância, em David Byrne a narrativa é construída com a consciência de que se dialoga com o mito. Daí a importância do lugar escolhido, um espaço imaginário no Texas.





As areias do Norte de África devolveram um inesperado e desconhecido livro sagrado da grande e ignorada cultura árabe

O LIVRO DO DESERTO

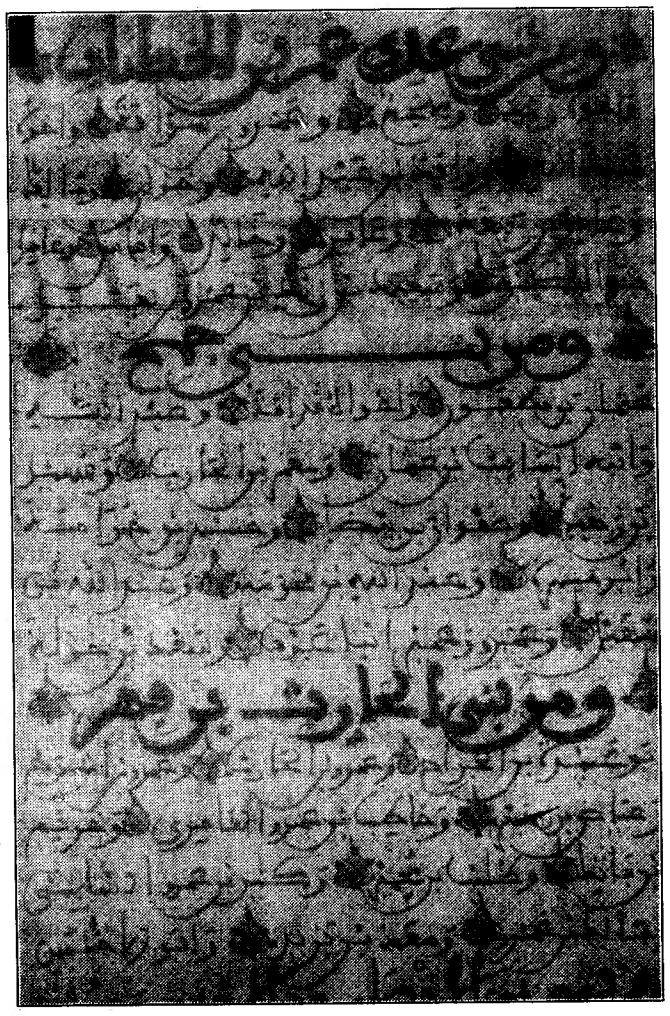
Chinguetti é hoje uma ilha rodeada de areia por todos os lados. Foi, nos seus tempos, a «Cidade das Mil Caravanas», o umbral do deserto da Mauritânia. Hoje, a que foi a sétima cidade santa do Islão não passa da sombra das sombras do seu glorioso passado.

O seu destino está traçado: tempo virá, um tempo presumivelmente bem próximo, em que as areias a cobrirão, deixando da sua memória apenas um oasis de escassas palmeiras, uma fonte por vezes seca.

Todavia há algo mais, de muito mais. Um fabuloso tesouro dorme nas suas entranhas. Numa humilde casa, igual a todas as outras casas de paredes de terra, um ancião aguarda: é imão da Gloriosa Mesquita, guardião do profeta e nas suas mãos está um velho e preciosíssimo livro.

É um manuscrito datado do ano 480 da Hégira (1087 pelo calendário cristão), que nas suas páginas amaralecidas conserva vivos os arabescos e perfeitas as ilustrações. O autor é um egípcio de nome longo e complicado: Abu Al-Hasan'Abd Allâh Sahl. De resto, talvez não seja mesmo o único autor, pois não se esquece de acrescentar que a maior parte do seu saber o deve a Abú Ahmad Al-Askari, grande sábio e erudito, que morreu no ano de 382 (993 da nosa era).

Agora, pela primeira vez, o imão da Gloriosa Mesquita, guardião do profeta, descendente da dinastia dos Habott, aceitou entregar o livro sagrado do deserto à violência do céu e ao ardor do vento. É um escrito sibilino, cujos contornos e arabescos recordam as vestimentas dos tuaregues. Por ali, os homens viajam enquanto os livros perduram. É a magia do instante em contraposição à herança cultural, às ciências e a toda a sabedoria da humanidade.



O segredo de deus

E desse livro que perdura surgem as mensagens vindas do fundo dos tempos. O que os deuses têm a comunicar-nos, ainda neste tempos em que parecem ter-se recolhido aos seus olimpos privados. O *Livro da Areia* sabe:

O segredo de Alá fica
a meio caminho
entre uma voz sonora
e um cochicho.

O velhíssimo manuscrito contem comentários a alguns versículos do Corão, desenhos e planos (entre os quais, seguramente, as primeiras plantas de Meca), o relato das batalhas de Mafoma. É uma peça única, nunca copiada, nunca traduzida. Conservou-se, de geração em geração sob a responsabilidade do mais sábio de uma mesma família, os Habott. É uma joia da literatura árabe à disposição de toda a humanidade, com a única condição de ser consultada «in situ» e respeitar as vontades do seu primeiro proprietário: a proíbição da sua venda e da sua saida da cidade de Chinguetti.

É uma cidade onde reina o silêncio, bem conveniente para quem pretenda ler um poema como este:

As rosas sorriem aos
rouxinois e dizem-lhes/
calai-vos e olhai o silêncio.

Um velho refrão árabe assinala: «há que procurar a sabedoria desde o nosso nascimento até à nossa morte». Chinguetti tenta manter o seu segredo e a sua vocação: ser um poço de sabedoria no meio do deserto.

Desgraçado é quem sai
do jardim do mundo/
sem levar uma única flor
nas pregas das suas vestes

Mas a cidade, disse-se, não passa de uma ilha rodeada de areia. Como o poeta sabia:

O cavaleiro celeste passa e a poeira
levanta-se-lhe sob os cascos da besta./
Caminha, mas o pó que levanta não deixa
de flutuar ao redor de nós./
Que o teu olhar seja directo e não
se descie nem para a direita nem para a esquerda./
A sua poeira continua presente, e com ela o infinito.

Cidade aberta

Do manuscrito apenas se sabe que chegou a Chinguetti com as caravanas que viajavam do Makrek para o Magreb, de Levante para Poente, e ali ficou porque a cidade estava em pleno auge e explendor

Fundada no ano de 660 da Hégira (1262 na nossa era), a cidade estava totalmente construída 40 anos mais tarde. No seu apogeu contou com 11 mesquitas, numerosas escolas e um frequentado mercado. Os habitantes sabem em que mundo residem:

Deus é eterno./
breve é a vida do homem,/
as pleiades estão sobre
as nossas cabeças/
e a lua está entre as estrelas.

E, em pleno deserto, imaginam oásis:

A beleza da Terra não pode
ser perfeita/
sem as flores abertas/
no meio dos riachos onde
a água
corre a passo ligeiro.

Calaram-se os rumores das caravanas e dos bazares. Em Chuinguetti os homens não lutam contra o espaço: o seu adversário é o tempo. O tempo que leva uma estrela a subir ao céu; o tempo que um homem pode resistir sem beber ou o tempo para, entre as areias, encontrar a cidade e o seu tesouro, como quem procura uma ilha esquecida na enormidade do oceano, ou os restos de uma galeão nas profundezas marinhas.

Roby Amorim

mais
alizar
pelho,
em do
hecido
lhante
tir no
isto é,
ceder,

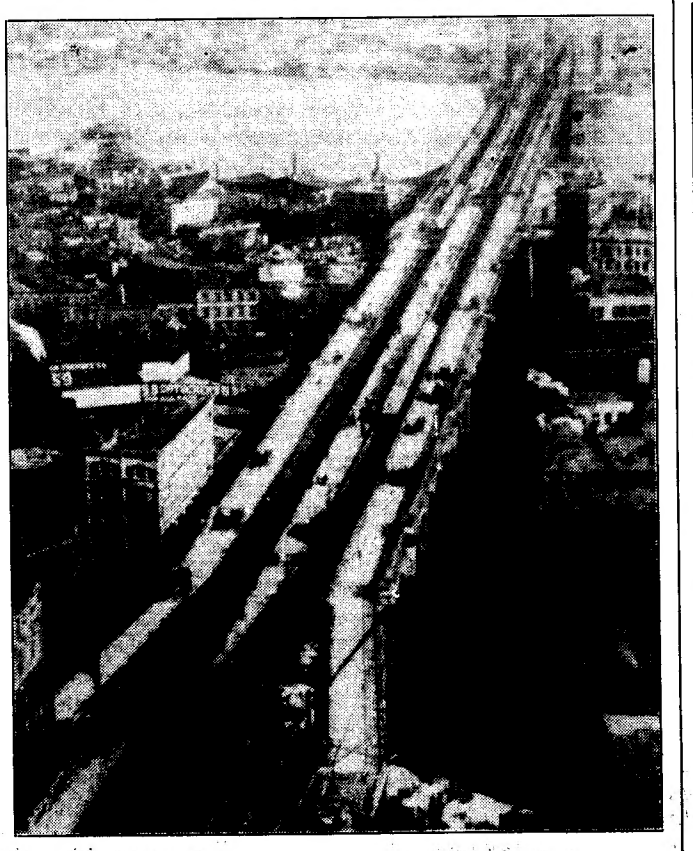
contro
olidão.
ntures
e do

David
guém
te da
que o
opola
rgem
sde a
iva é
ialoga
lugar
Texas.

Embora constitua uma pequena digressão, lembremo-nos de uma outra narrativa e de outro olhar europeu sobre a América — *Paris Texas*, de Wim Wenders. É de notar o espaço escolhido, a planície. Perante a imensidão do lugar, o indivíduo vê-se obrigado a reavaliar-se. Por isso *Paris Texas* começa com um olhar sobre o horizonte que se confunde com o nosso, e com o silêncio. O caminho ou a viagem revelam-se em direcção ao lugar de origem, a concepção, e ele é ironicamente do Velho Mundo. *Paris Texas* poderá então ser entendido como um oxímoro que se pretende superar.

Voltemos a *True Stories*. Comecemos por repensar a importância do espaço. Diria Baudrillard em *Amérique:* «Ce qu'il faut, c'est entrer dans la fiction de l'Amérique, dans l'Amérique comme fiction. C'est d'ailleurs à ce titre qu'elle domine le monde.» O espaço dá forma à ficção a que se refere Baudrillard, ele confunde-se na nossa memória com as outras ficções de heróis americanos no *western* enfrentando a alteridade da natureza e dos *maus* (o índio, o fora-da-lei). O espaço constitui um elemento necessário ao longo da viagem na superação da fronteira e como fonte de provação. Mas o espaço é também o que falta ao Velho Mundo. Em nenhures uma cidade nasce. Diz o narrador em voz *off:* «This is where the town begins. This part of the country has been through lots of changes... and not sall ones either. I think they're in the process of going through another one.» É este processo que vamos conhecer, e uma criança surge numa estrada que se apaga na linha do horizonte. Nela se deverá espelhar a inocência de um olhar, o do realizador e o do espectador. Encontramo-nos assim no cerne do diálogo com o mito, a simulação da inocência é disso sinal. Ainda Baurillard: «L'Amérique n'est un rêve, ni une réalité, c'est une hyperréalité. C'est une hyperréalité parce que c'est una utopie qui dès le début s'est vécue comme réalisée. Tout ici est réel, pragmatique, et tout vous laisse rêveur. Il se peut que lá vérité de l'Amérique ne puisse apparaître qu'á un Européen, puisque lui seul trouve ici le simulacre parfait, celui de l'immanence et de la transcription matérielle de toutes les valeurs. Les américains, eux, n'ont aucun sens de la

comtinua na pág.4



Ângelo Cristo

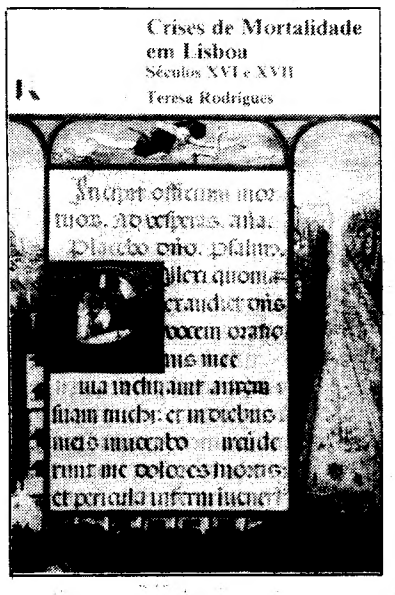
Alfazema

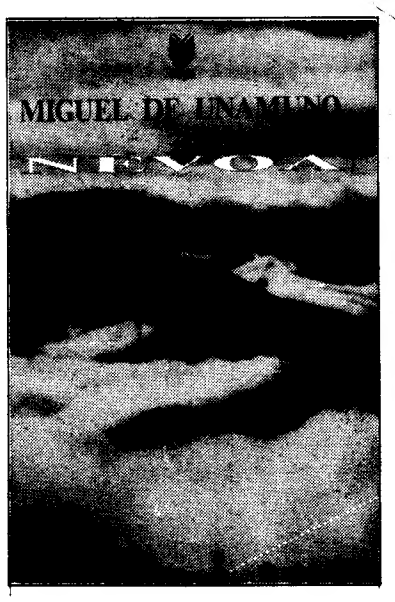
«Um novo grande ficcionista»

Escrito

Nas Livrarias

literário





ACABADOS DE CHEGAR

O Pesadelo de dEus
Fernando Campos
Difel

Óscar Lopes, quando Fernando Campos publicou «A Casa do Pó», afirmou na Declaração de Voto do Grande Prémio APE / 86: «É preciso reconhecer que "A Casa do Pó" (...) constitui um notável acontecimento literário...» E Fernando Assis Pacheco, em "O Jornal", aquando já do livro publicado: «Fernando Campos sai cá para fora com um excelente romance (...) E excelente porque o autor soube sacudir as estruturas do romance histórico, repetidor de moldes, insuflando-lhe um sopro inventivo que é a marca da modernidade...» E ainda Isabel Jones, em "O Comércio do Porto": «O discurso utilizado por Fernando Campos divide-se entre o mais erudito e o menos formal, citando poesia e ciência, conceitos filosóficos ou simples tradições do povo sem nada de enfadonho.» E lá para o Brasil, Fredy Xisto, no "Correio da Bahia": «A Casa do Pó» é um romance histórico, de força impressionante...» - Depois disto, porque não nos debruçarmos, sobre «O Pesadelo de dEus»...? - Capa do autor.

Crises de Mortalidade em Lisboa
Teresa Rodrigues
Livros Horizonte

Da Introdução: «Os primeiros estudos efectuados em Demografia Histórica, tal como hoje a concebemos, vieram realçar a importância da análise sistemática dos aspectos ligados à mortalidade enquanto variável previlegiada para a compreensão do sistema demográ-fico de Antigo Regime. O facto de o primeiro colóquio internacional de demografia realizado em 1963 ter tido por objecto o debate dos problemas metodológicos relacionados com o seu estudo não terá sido estranho a esta preocupação. No entanto, outros grandes temas, como a fecundidade e os movimentos migratórios, vieram a impor-se, desviando assim as atenções gerais e fazendo com que relativamente poucos trabalhos de envergadura sobre mortalidade viessem futuramente a ser divulgados.» Tratando, do assunto em epígrafe, no decurso dos séculos XVI e XVII, Teresa Rodrigues, através da recolha de testemunhos deixados, procura determinar a origem, causas, desenvolvimento, intensidade e consequências das grandes sobremortalidades sentidas na capital e, bem assim, da forma como terão condicionado o seu crescimento na Época Moderna.

Névoa
Miguel de Unamuno
Vega Editora

Miguel de Unamuno afirmou um dia que «Névoa» era a sua obra mundialmente mais traduzida e editada. Classificada, quando do seu lançamento, de *novela fantástica* ou *novela tragicómica* - e admitia que tal facto se ficava a dever precisamente «à fantasia e tragicomédia que a carecterizam.» Efectivamnete, «Névoa» é uma novela onde a fantasia e a tragicomédia se combinam admiravelmente. Jogando com o elemto fantástico, Unamuno proporciona-nos nesta novela, em tons insólitos e picarescos, uma profunda análise existencial do homem, do seu desfazamento em relação à vida e a tudo o que o cerca, dos seus medos e fantasmas, das suas contradições, do absurdo do seu comportamento. Numa palavra: marca da modernidade literária, «Névoa» é uma das mais pertinentes obras de Miguel Unamuno - finalmente apresentada ao leitor português. - Tradução de Manuela Agostinho.

@@@

As Noites Selvagens
Cyril Collard
Bertrand Editora

Publicada pela Flammarion em 1987, «As Noites Selvagens» é a história (narrada na primeira pessoa) de um homem de trinta anos, seropositivo, que faz o registo, na sua confissão, de uma certa área de «geração perdida», um quotidiano de procura insistente de práticas sexuais, na sua busca preferencial de corpos masculinos que o arrastam para a violência e a morte. Esquema (parcial): recusando o amor de laura, e procurando o amor de Samy, de Jamel ou de Marc, o narrador faz um percurso em que se misturam as memórias e as experiências. E as últimas páginas são vividas em Portugal... Romance sobre a marginalidade, o racismo e a agressividade, «As Noites Selvagens» revela um escritor de grande poder descritivo, acutilante, às vezes até excessivo e com um apurado sentido literário. - Tradução de Maria Luísa Alves Lopes e capa de Clementina Cabral.

@@@

Os Enteados de Deus
Regina Correia
Universitária Editora

Prémio de Revelação de Ficção Cidade do Montijo / 89, «Os Enteados de Deus» é livro que, da parte de Olga Gonçalves, merece as seguintes palavras: «Num momento em que a oralidade, seja a do meio rústico ou do urbano, em seus diversos tons, já não é no discurso da crítica literária apontada como suspeita de populismo e desarmonia, será de enunciar a voz de Regina Correia na recreação de um registo tão puro do social e do psicológico. Assim, ela está contribuindo para a revalorização de uma tendência - bem válida - que na moderna ficção portuguesa surge com mais força.» - Capa de Teresa Magalhães.

@@@@

TEMAS E MITOS

continuação da pág.3

simulation. Ils en sont la configuration parfaite, mais ils n'en ont pas le langage, étant eux-mêmes le modèle. Ils constituent donc le matériau idéal d'une analyse de toutes les variates possibles du monde moderne. Ni plus ni moins d'ailleur que le furent e, leur temps les sociétés primitives. La même exaltation mythique et analytique qui nous faisait tourner nos regards vers ces sociétés antérieurs nous pousse à regarder aujourd'hui du côté de l'Amérique, avec la même passion et les mêmes préjugés.»

A inocência de Byrne deverá então ser entendida no pleno da simulação e da disponibilidade para o diálogo com o outro. Se atentarmos no título, de imediato reconheceremos essa simulação. True Stories, histórias verdadeiras. Com elas se rejeitaria a ficção, transportando-a para a transcrição do real. De facto, quase todas as personagens ou situações significativas são referenciadas em episódios vividos e que foram detectados em diferentes jornais e revistas. Por exemplo, o episódio grotesco em que o narrador-realizador se vê confrontado com um jantar em casa de uma família onde marido e mulher dialogam apenas através dos filhos. Esta situação é retirada do Weekly World News, de Março de 1984. Aí se conta a história dos Rolfes que casaram em 1943 e que desde 1953 não trocam uma única palavra entre si. Na opinião do casal, este silêncio de 31 anos é, aliás, a causa do sucesso do seu casamento.

Outro exemplo. A passagem de modelos onde o exotismo torna a situação aparentemente inverosímil. Todavia se virmos fotografias de Las Floristas Charity Ball, realizado na Califórnia, de imediato reconhecermos esses estranhos modelos.

Um exemplo final. A sucessão de personagens peculiares que interpretam uma canão dos *Talking Heads* no nosso comercial. Esta ideia foi retirada de um artigo do «New York Times» de Novembro de 1985, intitulado Shopping Malls Become Stages for Mimed Music. Aqui se relata a dinamização de centros comerciais através de concursos em que jovens simularam os seus Elvises, Michael Jacksons, Bruce Springsteens, Pointer Sisters e Cindy Laupers. A vendedora de um desses concursos foi, óbvia ou fatalmente, uma imitadora de Madonna. Uma criança de seis anos.

Por mais inverosímeis que pareçam, quase todas estas narrativas foram recolhidas de episódios vividos. A simulação surge na coincidência provocada, ficcionada) por Byrne numa cidade, também ela simulada para a sua ocorrência. Aí se realiza um novo espaço utópico, uma nova Terra Prometida. De facto, os anos 80 dão lugar a uma diferente forma de consumação utópica, a High Technology, habitualmente conhecida por High Tech. Os sucessivos instantes em que o Eldorado se adia, como a pesquisa do ouro ou o petróleo, encontram na High Tech a quimera dos anos 80. Com o novo objecto utópico deverá surgir um novo espaço que lhe corresponda. Eis então o Texas. É a esse nível significativo o título de um artigo do Texas Monthly em Abril de 1984: «Birth of a new frontier.»

Deste modo se entende que a planície surja, na sua extensão, como uma disponibilidade da natureza face à inscrição humana. Com efeito, para o europeu, o espaço só pode ser superado na exploração da verticalidade. Ali a horizontalidade substitui-a. A explosão demográfica não é problema. A nova Terra Prometida oferece-se a quem ali deseje materializar seus sonhos.

No entanto, num solo onde as necessidades essenciais foram superadas e o *american way* predomina, algo permanece lembrando a disforia, a solidão. Louis Fyne é paradigmático a este nível. Um homem nos seus trinta anos, com um bom emprego, sem problemas materiais, e *só*. Dessa solidão nos fala a sua cantiga e particularmente o refrão: «We don't want freedom/We don't want justice/ We just want someone to love.»

Um último aspecto deverá ser mencionado, o modo como Byrne enuncia o *melting pot*. A música surge aí como recurso nuclear. Metonimicamente ela designa zonas étnicas (a música chicana), religiosas (o gospel e os cânticos que acompanham as operações mágicas) e culturais (o country, o rock, a pop). Não esqueçamos ainda a melodia entoada pelas crianças. Assim se abarca todo um espectro social e se revela a América na sua diferença, num utópico diálogo com a alteridade. Para o conseguir, Byrne teve que ser uma personagem disponível e sem preconceitos. A prová-lo está o modo (texano) como se vestiu para assistir ao desfile.

Poder-se-á objectar o facto de esse diálogo se exercer com ficções ou quimeras. Mas não foi comemorado Pessoa que disse «O mito é o nada que é tudo»?

Mário Avelar